

MEMÓRIA

DA IMPRENSA

Edição nº 7 | março 2025 | www.abi-bahia.org.br



Associação
Bahiana de
Imprensa

**A comunicação
da violência**

**A violência
da comunicação**

ARTIGOS | Paulo Almeida Filho, Marília Moreira, Branco Di Fátima e Augusto Correia Lima

ENTREVISTAS | Anna Valéria, Carmela Talento, Cora Lima,

Dalvo Santana e Raimundo Lima

ENSAIO | Carol Garcia, Lucia Correia Lima, Marina Silva, Paula Fróes,

Shirley Stolze e Sora Maia

REPORTAGEM | A História da Imprensa na Região Cacaueira

Edifício Ranulfo Oliveira

Ícone da arquitetura modernista no predominantemente barroco Centro Histórico de Salvador, o Edifício Ranulfo Oliveira, sede da Associação Bahiana de Imprensa, foi construído graças à obstinação do então presidente da ABI que deu nome à edificação e ao engajamento de toda a sociedade baiana.

A ABI investiu quase R\$ 1 milhão para modernizar as instalações elétricas e hidráulicas e para instalar sistemas de combate a incêndio e de proteção contra descargas atmosféricas. A segurança em primeiro lugar!

Até o centenário da ABI, em 2030, a modernização chegará às fachadas, incorporando tecnologias sustentáveis para recompô-las. O Ranulfo Oliveira vai chegar aos 70 com um corpinho de 30.



Palavra do Presidente



Ernesto Marques
Presidente da Associação
Bahiana de Imprensa

O produtor de notícias era dos primeiros a chegar na redação, que nem sonhava em ser digital. Ele pegava um maço de roteiros impressos dos telejornais do dia anterior como papel de rascunho e exercia o privilégio de escolher o lugar dele na bancada. E começava a discar — discar mesmo! — no telefone de disco, um a um, os dígitos de cada número de telefone de cada delegacia, Instituto Médico Legal Nina Rodrigues e demais unidades da Polícia Técnica, necrotérios, unidades da PM, prontos-socorros do velho HGV (Hospital Getúlio Vargas) e do Roberto Santos...

“Aconteceu no seu plantão algum crime escabroso, com requintes de crueldade?”. A pergunta do jornalista especializado no assunto se repetia dezenas de vezes a cada começo de plantão, enquanto ele corria os dedos sobre a sua boa e surrada agenda de contatos. Entre A e Z, de um tudo, um pouco. Do X-9 ao secretário de segurança da hora. “Crime escabroso, com requintes de crueldade” virou bordão nas conversas entre jornalistas — as sérias, as satíricas e também as sórdidas.

Ontem e hoje, jornalistas são desafiados a gerir o trato cotidiano com fontes desse universo das polícias e suas interfaces com os submundos do Estado oficial e do paralelo — fontes oficiais e oficiosas. Gigantes do jornalismo se formaram grandes repórteres na lida da reportagem e da crônica policial. Alguns desses gigantes da imprensa brasileira, formados na escola de repórteres “de polícia”, são baianos e já desfilaram por edições anteriores de MEMÓRIA DA IMPRENSA. Moacir Ribeiro, por exemplo, é uma referência definitiva para jornalistas de qualquer geração em busca de histórias profissionais sobre como esse colega sobreviveu ao fogo cruzado da cobertura da segurança pública. Raimundo Machado é um exemplo vivo do tempo em que um repórter forjado na crônica policial aprimorava o tal do “faro de repórter”. O que cada um deles viveu no seu tempo será sempre útil para quem já está no batente e também para quem vier logo adiante.

Três ou quatro décadas atrás, refletir sobre o fenômeno social da violência reportada pela imprensa de então exigia uma abordagem crítica quase restrita aos programas populares de rádio e televisão e aos meios impressos, daqueles dos

quais se dizia faltar apenas escorrer sangue. O jornalismo perdeu a exclusividade da mediação entre os fatos e a produção industrial de notícias como produto para consumo. Agora, o público também publica — e isso mudou radicalmente as relações entre profissionais da comunicação, entre estes e as empresas de mídia, e da imprensa, como instituição, com a sociedade.

Além das tradicionais assessorias oficiais, o Estado agora fala por meio de canais de interação direta com a população e por porta-vozes escalados para dar conta da demanda nova, gerada pela profusão de veículos digitais. Policiais civis e militares, assim como bombeiros militares e guardas municipais, estão presentes na política institucional — e nas redes sociais. Já eram fonte e não deixaram de sê-lo, mas hoje são *influencers*...

O crime talvez ainda use rojões para anunciar a presença da polícia, mas também cria as suas redes de comunicação, com câmeras fixas em postes e drones para monitorar a movimentação das forças de segurança. E disputa corações e mentes com códigos próprios para afirmar uma estética e mesmo uma ética imposta às comunidades ostensivamente disputadas entre facções. Os comandos criminosos editam e publicam suas leis e os seus tribunais fazem até transmissões ao vivo de sentenças de tortura e morte, comunicam justicamentos e ordens de toque de recolher.

O discurso violento sai das redes e invade as vidas de jornalistas e a rotina dos veículos noticiosos. Um dos novos desafios postos com a perda do monopólio da fala é a enorme exposição desses profissionais à própria violência reportada em seu trabalho.

A exposição de jornalistas ao discurso de ódio, à tal onda de cancelamentos, a invasão de privacidade, ameaças e linchamentos virtuais compõem o novo cenário de diferentes modalidades de violências contra a imprensa. E, recorte mais perverso desse estado de coisas, a misoginia.

Com o tema desta edição, queremos propor reflexões sobre a violência na vida de jornalistas — como pauta e como dado de sua realidade objetiva. Os artigos ganharão vida no debate entre seus autores no dia do lançamento e ficarão acessíveis nos canais da ABI. Longe de esgotar o assunto, a meta é instigar o leitor a querer mais. Boa leitura!

Apresentação



Biaggio Talento
Editor

Nosso projeto que se propõe a contar a história da imprensa baiana dos últimos 60 anos, através dos seus protagonistas, chega à 7ª edição somando 48 entrevistas de decanos do jornalismo. A revista da ABI, MEMÓRIA DA IMPRENSA começou a ser publicada em 2022 com uma estrutura simples e direta: editando apenas a versão escrita dos depoimentos em vídeos de comunicadores convidados. Material que passou a integrar o rico acervo audiovisual da instituição.

Com o tempo, a dinâmica da comunicação nos impôs semear as páginas da revista com outras contribuições, seja através de artigos de especialistas que acompanharam as transformações da mídia (ocasionadas pela internet, com seus males e benefícios), reportagens focando o jornalismo do interior do estado e ensaios fotográficos de profissionais que registraram e registram imagens marcantes da Bahia e seus personagens. Dessa forma, a revista realiza sua própria evolução se firmando como uma publicação fomentadora de debates na área de jornalismo e, com efeito, tem atraído a cada número as atenções de professores, pesquisadores e estudantes de comunicação.

Para esta 7ª edição publicamos as versões escritas dos depoimentos de mais cinco personagens fundamentais na história da comunicação baiana: Anna Valéria, repórter de TV, conta os bastidores da evolução das emissoras a partir da década de 1980, quando o conteúdo local passou a ser conhecido nacionalmente; Carmela Talento viveu o período áureo das redações dos jornais de Salvador nos

anos 70 e 80, com suas histórias e personagens, além de passagem na Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Salvador num período de ataques virulentos à prefeita Lídice da Mata; Cora Lima nos fornece uma visão preciosa do seu trabalho de revisão no jornal A Tarde, trajetória iniciada ainda no tempo do linotipo; Dalvo Santana compartilha sua experiência de cinegrafista, caminhada que remonta um período anterior ao videotape, quando as emissoras baianas ainda usavam câmeras de filme 16 milímetros para a captação de imagens; e Raimundo Lima que nos leva a uma viagem começada em Feira de Santana que passa pelas redações dos jornais de Salvador e se estende até Luanda, capital de Angola, onde ele implantou projeto de reestruturação do principal periódico do país africano e se tornou liderança empresarial.

Os artigos dos especialistas Paulo Almeida Filho, Marília Moreira, Branco di Fátima e Augusto Correia Lima tratam sobre o delicado tema das matérias policiais, cujo enfoque sensacionalista usado por certa parcela da mídia não leva em consideração preceitos mínimos de ética jornalística. É o mote desta 7ª edição, que tem o objetivo de abrir o debate sobre o assunto. Completa a presente publicação, o ensaio fotográfico “Elas por Elas” com imagens de Carol Garcia, Sora Maia, Shirley Stolze, Paula Fróes, Lúcia Correia Lima e Marina Silva, uma explosão de talento e estilo para deleite dos leitores. Completa a edição, a reportagem A História da Imprensa na Região Cacaueira, de Daniel Thame, autor do livro “Vassoura – do Apocalipse ao Gênesis da Região Cacaueira”.

EXPEDIENTE

Conselho Editorial da ABI
Ernesto Marques, Jaciara Santos, Luis Guilherme Pontes Tavares e Florisvaldo Mattos
Coordenação de Comunicação: Joseanne Guedes
Coordenação Editorial: Ernesto Marques e Jaciara Santos
Estagiário de Jornalismo: Caio Valente
Editor: Biaggio Talento
Projeto Gráfico: Editora Bamboo
Revisão: Guido Guilherme Krieger e Raulino Júnior
Impressão: Gráfica JB

Tiragem: 1.500 exemplares
Distribuição: Gratuita
Contato: ascom@abi-bahia.org.br

MEMÓRIA DA IMPRENSA é uma revista histórica da Associação Bahiana de Imprensa que apresenta depoimentos de decanos da comunicação no estado e suas contribuições para o desenvolvimento da mídia nos últimos 70 anos, revelando as peculiaridades e momentos marcantes da atividade jornalística ao longo do tempo. As opiniões, dados, fatos e conceitos expressos nas entrevistas e artigos são de responsabilidade exclusiva de entrevistados e articulistas e, necessariamente, não expressam a posição da revista e da Associação Bahiana de Imprensa.

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Antônio Walter dos Santos Pinheiro
Vice-Presidente: Sérgio Augusto Soares Mattos
Secretária: Heloisa Sampaio
Suplentes:
Wilson Midlej
Raimundo Vieira

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Ernesto Marques
1º vice-presidente: Luis Guilherme Pontes Tavares
2º vice-presidente: Suely Temporal
1ª secretária: Amália Casal
Diretor de Finanças: Antônio Matos
Vice-diretora de Finanças: Sara Barnuevo
Diretora de Defesa DUDH: Mara Santana
Diretor de Cultura: Nelson Cadena
Diretor Social: Nelson José de Carvalho
Diretor de Patrimônio: Raimundo Marinho
Diretora de Comunicação: Jaciara Santos
Suplente: Luiz Fernando Lima

CONSELHO CONSULTIVO

Titulares:
Suzana Alice Pereira
Joaci Góes
Emiliano José
Suplentes:
Jolivaldo Freitas
Luiz Nova

CONSELHO FISCAL

Titulares:
Simone Ribeiro
Pedro Daltro
Romário Costa Gomes
Suplentes:
Valter Xéu
Valber Carvalho

CONTATOS

Assessoria de Comunicação:
☎ 71.98791-7988 - ascom@abi-bahia.org.br
Secretaria:
☎ 71.98426-1460 - secretaria@abi-bahia.org.br
Administrativo:
71.98425-9463 - administrativo@abi-bahia.org.br

ASSOCIAÇÃO BAHIANA DE IMPRENSA

Rua Guedes de Brito, nº 01, Edif. Ramulfo Oliveira,
2º andar, Centro Histórico de Salvador - Bahia
CEP 40.020-260

Sumário



Entrevistas

Anna Valéria	6
Carmela Talento.....	16
Cora Lima	24
Dalvo Santana	30
Raimundo Lima	40

Ensaio Fotográfico

Elas por Elas - Carol Garcia, Lucia Correia Lima, Marina Silva, Paula Fróes, Shirley Stolze e Sora Maia.....	48
--	----

Artigos

A violência contra a imprensa na era das <i>fake news</i>	56
<i>Augusto Correia Lima</i>	
O jornalismo tem o papel de, com base em casos episódicos, revelar a dimensão estrutural da violência contra a mulher no Brasil.....	57
<i>Marília Moreira</i>	
Discurso de ódio contra jornalistas: Um desafio à democracia ...	58
<i>Branco Di Fátima</i>	
Espetacularização da violência: o incentivo da imprensa hegemônica e a contranarrativa responsável das mídias independentes	60
<i>Paulo Almeida Filho</i>	

Jornalismo no interior

A história da imprensa na região cacaueira	62
--	----



FOTO: ERNESTO MARQUES

Anna Valéria Britto Colares queria estudar medicina, porém seus colegas do ensino médio a convenceram a fazer jornalismo por ser comunicativa e extrovertida. Ela iria, então, ajudar as pessoas não num consultório médico, mas contando suas histórias, humanizando as matérias televisivas que acompanharam sua trajetória. Anna seguiu o roteiro de vários colegas ao entrar na Faculdade de Comunicação, frequentando o curso e começando a trabalhar na área, no caso a TV Aratu, que, na época, integrava a Rede Globo.

Lá, aprendeu a prática do dia a dia da função de repórter, graças à excelente equipe que encontrou na emissora. Antes de se firmar repórter de rede, apresentou programas de entretenimento na TV Itapoan. Depois de alguns anos, quando entrou na TV Bahia, especializou-se na área cultural, documentando, com suas matérias, a ascensão nacional e internacional do ritmo baiano que liderou as paradas de sucesso nas décadas de 1980 e 1990, o axé-music. Entrevista conduzida por Valber Carvalho com participação de Júlio César Almeida e Paulino Silva.

A gente tem de *amar as pessoas, as dores, as alegrias,* tentar transportar para a TV *a experiência humana*

Sempre teve interesse de contar histórias?

Nasci em Salvador em 8 de julho de 1961, sou filha de um mineiro de Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha, e de uma baiana de Jequié. Eles se apaixonaram, casaram-se, vieram morar em Salvador. Minha infância foi muito curtida, comecei a falar muito cedo, cantava, era muito exibida. Na minha adolescência, estudei no Colégio Marista, com uma formação muito boa em língua portuguesa, em OSPB, aquela [matéria] de cidadania, religião, honra, de valores muito fortes. Nunca imaginei ser jornalista, mas era uma comunicadora, um ser político na escola. Participava de jornal, de grupos, defendia os direitos da gente, brigava com o professor, era muito querida. Isso fortaleceu muito minha personalidade de comunicação. Sou de uma geração de pessoas conhecidas como Nizan Guanaes [publicitário], Durval Lelys [cantor], Javier Alfaya [político] embora mais velhos que eu. Eles falavam de política, de arte, de cultura. Depois do Marista, passei os dois últimos anos [do segundo grau] no Colégio São Paulo e foi lá que a turma da escola, quando viu que eu ia me inscrever no vestibular para medicina, falou: “Não tem nada a ver”. Assim, meus colegas me conduziram a fazer comunicação na UFBA. Minha mãe ficou um pouco decepcionada, mas depois tudo correu tranquilamente.

E como foi o curso?

Ao chegar à Escola de Comunicação, uma “patricinha” saída do Marista, não tinha uma formação política, não tinha posicionamentos nem conhecimento suficiente, sofri um pouco de *bullying*. Geórgia Reis, que foi uma grande repórter, minha amiga, colega do Colégio São Paulo, foi chamada para um teste na TV Aratu, porque tinha conhecido José Amilcar, diretor de jornalismo na época da TV Aratu, num aniversário de criança. E ela, tímida, pediu-me que a acompanhasse nesse teste. Então Amilcar me perguntou: “Por que você não faz um teste também?”. Resolvi arriscar. No teste, minha primeira lauda para ler foi sobre o Ilê Aiyê, a Noite da Beleza Negra.

Foi aprovada?

Sim. Nunca imaginei trabalhar na televisão. Não sabia absolutamente nada. Quando cheguei, para poder começar a conhecer a dinâmica da reportagem, acompanhei Leila Cordeiro, que era repórter, e o cinegrafista “Tucano”, Luiz Demétrio, além do auxiliar Júlio César Almeida. Mas sofria *bullying* na faculdade porque já estava na Globo. Era o local aonde muitos queriam chegar, no entanto a galera da faculdade mais à esquerda torcia o nariz para a Globo. Quando eu entrava na sala de aula, todo mundo [dizia] “plim,

plim” [risos]. Era divertido. No começo, so-
fria com isso porque ficava tímida. Depois
fui me acostumando e acabei me adaptan-
do superbem à faculdade.

Como sua mãe reagiu quando você foi para a Globo?

Ela ficou um pouco com um pé-atrás quan-
do passei no vestibular de jornalismo. Gos-
tou, vibrou. Na verdade, sonhava me ver de
branco. Rolou um pouco de decepção, mas
logo depois todo mundo se acostumou. A
única preocupação dos meus pais era jus-
tamente manter meus pés no chão, porque
[tudo] é muito rápido. Tinha 17 anos. Você
começa a botar a cara na tela, começa a ser
conhecida. No início, minha mãe me leva-
va de carro para trabalhar e me buscava.
Saí logo da Aratu e fui para a TV Itapoan
por uma questão de horário de faculdade.
Eu não podia trancar matéria, porque era
o primeiro semestre. Queria me formar rá-
pido e trabalhar. Então a Itapoan fez uma
seleção para produções locais. Nessa época,
a emissora tinha 11 programas locais, todos
produzidos por gente jovem como eu. Tudo
sob o comando de Carlos Mendes. Vivíamos
cercados da experiência dele e de Alexan-
dre Seixas. Nós todos na faixa de 17, 18, 19
anos. E comandávamos uma programação
extensa. Cheguei para fazer o programa O
Povo na TV, com Carlos Mendes. Só que en-
quanto estava produzindo O Povo na TV, fui
chamada para produzir o Domingo Show,
precursor da MTV. Um programa alimenta-
do por vídeos fornecidos pelas grava-
doras. Faltando dias para a estreia, ninguém
me falava quem seriam os apresentadores.
Então Alexandre Seixas me informou que os
apresentadores seríamos eu e Ricardo Hen-
rique, programador da Itapoan FM.

Foi um sucesso.

O programa estourou. Em menos de três
meses, foi para a terça-feira à noite já com o
nome de Poder Jovem, o nome de um pro-
grama dos anos 60 apresentado por Dome-
tila Garrido, que lançou Caetano [Veloso] e
[Gilberto] Gil. A gente recebia por semana
em torno de 500 cartas, e na equipe havia
eu, Ricardo Henrique e Júlio César, o câme-
ra. Com nossa juventude, com todo o gás,
fizemos coisas inacreditáveis. Muita gente
na Bahia sendo lançada. Os meninos do
Chiclete [com Banana] viviam na TV para
divulgar o trabalho deles. Resolvemos fa-
zer um videoclipe com a música *Colar do
Oriente*. Fomos para o Parque de Pituçu.



FOTO: ERNESTO MARQUES

Fui convidada para sair da Itapoan e fazer o TV Mulher. Quando cheguei lá, novinha, com aquele cabelinho da novela da época, Dancin Days, disseram: “Temos de cortar esse cabelo.” Eu agarrava meu cabelo: “Nãããão!”, respondi.

Eles armaram a banda num cenário lindo. Julinho soltava a música e ia gravando, primeiro a base do *playback* com o Chiclete, em seguida ia fazendo os detalhes e depois editávamos. Na sequência, Lulu Santos chegou aqui para gravar uma única música e para participar do programa Show do Big Bem. Depois de gravar a primeira música com a gente, que era *De repente Califórnia*, ele gostou tanto que resolveu ficar em Salvador. Então, saímos com o Lulu todos os dias e gravamos as músicas do primeiro LP dele aqui. Ficamos abastecidos com clipes por um bom tempo com o Lulu.

Você já tinha terminado a faculdade?

Não. A maior loucura era conseguir tocar isso e a faculdade ao mesmo tempo. Naquele tempo, eu tinha um argumento fortíssimo com os meus professores. É que, na época, a faculdade era muito mal equipada. A aula de fotografia só tinha uma máquina, então o aprendizado era a prática. Dizia aos professores que estava estagiando, porque nem era estágio. Já tinha carteira assinada. E assim nós conseguimos tocar.

Terminou a faculdade em 84.

Em 83, 84 foi a colação de grau, em janeiro.

O período com essa grande produção local foi no momento em que Pedro Irujo compra a TV Itapoan?

Não, já entrei com ele sendo o dono.

Digo, toda essa transformação, de pegar uma emissora decadente, como era a TV Tupi, e dar esse molho local foi a ação empreendedora de Irujo.

É importante a gente ressaltar que tudo isso só foi possível — 11 programas locais diri-

gidos por jovens — graças ao espírito em-
preendedor de Pedro Irujo. Foi uma época
áurea, em que a Itapoan abriu portas para
o jovem, o profissional local. A televisão era
inalcançável, mas não para nós, aqui de Sal-
vador, com a TV Itapoan abrindo as portas
como abriu.

E o que veio depois? Você saiu dessa área e foi para o jornalismo?

Aconteceu uma coisa interessante. Eu esta-
va na faculdade, não havia celular, tocou o
telefone da cantina.

Cantina de tia Beré!

Quando atendi, era Etna Vasconcelos, da
TV Aratu, a primeira mulher cinegrafista
daqui, trabalhava no jornalismo com Geór-
gia Reis, que nessa época já era uma explo-
são de sucesso. E Etna: “[Alfredo] Marsilac
quer falar com você”. Era um cara que tinha
vindo da Globo para ser diretor de progra-
mação da Aratu. Veio com a incumbência
de botar a Bahia, programas nossos locais,
na Globo. Nessa época, a Globo estava lan-
çando o TV Mulher, com Marília Gabriela.
Fui convidada para sair da Itapoan e fazer
o TV Mulher. Quando cheguei lá, novinha,
com aquele cabelinho da novela da época,
Dancin Days, disseram: “Temos de cor-
tar esse cabelo”. Eu agarrava meu cabelo:
“Nãããão!”, respondi. A gente ia para a rua
gravar coisas, tipo dicas de como se pro-
teger dos perigos de bujão de gás, dicas
de feira, receitas. A gente começou a fazer
coisas que hoje são praxe na TV, mas que
não existiam naquela época. E foi assim
que a Bahia tinha um *fade* que dava na pro-
gramação daqui, a gente entrava [em rede]
nacional com as nossas matérias e com isso
a gente foi ganhando espaço, respeito e cre-

MULHERES À FRENTE, GOVERNO PRESENTE.

NA BAHIA, O PROTAGONISMO FEMININO TEM SIDO CADA VEZ MAIS RECONHECIDO E INCENTIVADO. PORQUE QUANDO ELAS AVANÇAM, TODA A BAHIA CRESCE.



O Governo do Estado da Bahia trabalha para garantir dignidade, segurança, oportunidades e qualidade de vida para milhares de mulheres baianas. Seja no acesso à saúde, moradia, educação, empreendedorismo ou proteção contra a violência, o compromisso é real e transformador. Confira algumas das ações que fazem a diferença na vida delas:

Saúde e Dignidade

O Programa Mãe Bahia chegará em 195 municípios, assegurando um pré-natal de qualidade e um nascimento digno para mães e bebês.

Moradia - Minha Casa, Minha Vida

A parceria Bahia-Brasil possibilitou que 82 mil famílias se tornassem donas de suas próprias casas.

Força Produtiva

Na Agricultura Familiar, já foram investidos mais de R\$4 bilhões, permitindo que mulheres produzam e até exportem seus produtos.

Empreendedorismo

Com os editais Elas à Frente, o governo destinou R\$18 milhões para fomentar projetos liderados por mulheres.

Educação

As escolas de tempo integral garantem ensino de qualidade para crianças e adolescentes, com 672 unidades espalhadas pelo estado.

Proteção e Acolhimento

A Casa da Mulher Brasileira oferece atendimento humanizado 24 horas por dia, apoiando mulheres em situação de violência.

**ELAS
À FRENTE
É GOVERNO
PRESENTE**

ACESSE ba.gov.br



dibilidade. Toda a programação da Globo nas férias parava para se reformular para o ano seguinte. Nessa parada, Amilcar me levou para o jornalismo, dizendo que era emprestada. “Depois devolvo” disse. Nunca me devolveu. Aí fiquei no jornalismo da Aratu.

Quando foi essa mudança?

De 84 para 85. Iniciei uma nova jornada de aprendizado e de descoberta na minha vida. Porque, na TV Aratu, havia uma coisa que eu achava fantástica. Amilcar dizia que todo mundo tinha de se mostrar merecedor para galgar, subir de jornal. Entrava-se pelo Aratu Notícias 3ª edição — 23 horas. Ali, a gente aprendia a fazer matéria do que rolava à noite: coisa de teatro, cultura... Mas tinha também seus incêndios etc., era uma grande escola. Quando você estava pronto, apto, ele já o botava no Bom Dia Bahia. A gente chegava às 4h30 da manhã. O diretor, com o jornal debaixo do braço, já estava lá e fazia sabatina, tipo: “Anna Valéria, se você for entrevistar o governador agora, [o] que vai perguntar para ele?”. Tínhamos de estar prontos para tudo, a qualquer momento. Por isso, a Aratu é a grande escola, inclusive dos repórteres da Globo — Hermano Henning, Pedro Bial —, todo mundo passou por aqui. A TV Aratu exportou para a Globo Letícia Muhana, que foi editora do Jornal Nacional. Foi ali que tive de matar um leão por dia e aprender a ser jornalista de verdade. Foi o divisor de águas da minha vida, da minha carreira. Um dia, Amilcar chegou cedo: “Se você entrevistar hoje o ministro da Justiça, Paulo Brossard, o que vai perguntar?”, questionou. Levava para a sala, sabatinava, ensinava: “Olha, ele recebeu uma ligação hoje de Sarney [dizendo] assim: Sarney está querendo pleitear 5 anos de mandato”. Deu-me aula de política e contextualizou o cara que eu ia entrevistar e me deu garantia, segurança de que ia me sair bem na entrevista. Dito e feito. Chegando lá, impressei Paulo Brossard na parede. Depois, ele botou a mão na minha cabeça: “Menininha, pretensiosa você, hein?”. Amilcar vibrou, mandou para Alexandre Garcia, que tinha aquela crônica política no Fantástico. Com isso, passei a ser repórter de rede, sob as asas de Letícia Muhana, com todo o cuidado que eles tinham. Letícia me ensinou a não ter vergonha de escrever, fazer perguntas.

O que significava pertencer àquele grupo de jornalistas da Aratu?

A gente tinha de incorporar a casa. A Globo era a Vênus Platinada, era a maior de todas. Tínhamos de entender isso, antes de mais nada. Não éramos repórteres só de uma TV local, Aratu, éramos a Rede Globo e aquilo nos abria as portas para o Brasil e o mundo. Se a gente quisesse ir trabalhar fora, a Globo estava sempre aberta para nós todos. Então, o que isso significava? Um trabalho maior ainda, um trabalho de leitura. Não tínhamos as respostas na palma da mão, precisávamos pesquisar. Eu tinha assinatura de não

sei quantas revistas, porque a gente tinha de ler tudo e estar sempre aprendendo. Anos depois, quando comecei na TV Bahia a cobrir muito a cultura baiana, com o [programa] Rede Bahia Revista, sempre me aprofundei muito nessa área, na nossa história. O baiano não conhecia a sua própria história. “A Bahia que o baiano desconhecia”, esse foi um lema meu durante muito tempo.

Como foi o episódio da Aratu de perder a programação da Globo?

Foi um choque para a gente. Lá dentro as pessoas falavam: “Isso é impossível, existe um contrato, são 18 anos de relação com a Globo e isso não vai se acabar assim”. E a gente acreditava. O louco é que a gente viveu a programação num dia; no outro dia, a gente acordava e não estava mais com a programação da Globo. Então, dois dias depois, voltava a programação da Globo. A gente nunca sabia para qual jornal a gente estava trabalhando; se era para a [TV] Manchete, porque quando o sinal da Globo saía da TV Aratu, entrava o sinal da Manchete. E o mesmo acontecia com a TV Bahia, que era Manchete. E havia um sentimento também de ter sido traído pela Globo. Tanto que, assim que a TV Bahia ficou com o sinal definitivo da Globo, fui convidada para ir para lá e não quis nem negociar. Queria ficar na TV Aratu, porque amava aquela casa. Achava que a TV Bahia tinha usurpado o sinal da Globo. Mas a Aratu começou a perder força. E, quando fui chamada pela terceira vez, resolvi conversar e me encantei por Carlos Libório, professor da faculdade, diretor de jornalismo da TV Bahia, um coração gigante. Só o conhecia de nome, porque não tinha sido aluna dele. Ele foi tão gentil comigo: “Não está vendo que é a sua oportunidade? A Globo mandou que eu a buscasse”. Então entendi por que a Globo “investiu na gente”, treinou, levou para a produção do Rio para aprender como funcionava. Fui recebida com muito carinho, tapete vermelho. Fiquei muito tempo fazendo os telejornais. Depois, fui apresentar o BATV segunda edição, com Casemiro Neto e Cristina Barude, a primeira versão do Bahia Meio-Dia, que misturava jornalismo factual com entretenimento.

A TV Aratu exportou para a Globo Letícia Muhana, que foi editora do Jornal Nacional. Foi ali que tive de matar um leão por dia e aprender a ser jornalista de verdade. Foi o divisor de águas da minha vida, da minha carreira

► Ao lado de Cid Moreira, icônico apresentador do Jornal Nacional.



FOTOS: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO

▲ Com Cristina Barude e Casemiro Neto, a primeira bancada do BATV.

► Anna e as colegas do jornalismo da TV Bahia.



O que havia de diferente na nova casa, considerando que eles queriam acertar, mas estavam engatinhando?

Percebia que os editores esperavam muito por mim, pelo meu posicionamento. Não me corrigiam. E disso eu sentia falta. Na TV Aratu, havia muito isso. Essa troca: vamos mudar aqui, vamos mudar ali. Talvez pelo fato de ter essa experiência mais antiga com a Globo, oito anos e meio, então eles deixavam muito

correr solto. Foi preciso tempo para a gente ir ajustando aos pouquinhos, sentando-se para conversar. Lembro-me de me sentar junto do editor e dizer: “Dá uma olhadinha aqui no meu texto, vamos ver aqui o que a gente pode mudar”. Sentia [falta] de ter mais essa parceria. Às vezes, uma coisa passava despercebida, uma pergunta que não fiz, e havia essa cobrança de Libório, que era jogo duro, por isso era um grande professor.

Como era sua relação com Antonio Carlos Magalhães?

Antes de ir para a TV Bahia, já tinha uma relação interessante com ele, porque o entrevistava como repórter da Aratu e rolava muita provocação por parte de Amilcar em relação à política. Havia umas perguntas que eram bem capciosas para fazer a ACM e ele gostava de mim, me dava superbem com ele. Quando cheguei à TV Bahia, a coisa era mais leve do que imaginava. Achava que em toda matéria ia ser obrigada a rezar a cartilha, a fazer exatamente como os editores queriam e mandavam. Não foi assim. Por isso, talvez, minha resistência antes em ir para lá.

Quando chega Zé Raimundo, é uma mudança muito forte?

O que mudou para mim? Zé Raimundo fazia Jornal Nacional e eu o Jornal Hoje, algumas coisas para Fantástico. Zé Raimundo fazia também o Fantástico, dependendo do tipo de matéria. Zé era um grande contador de histórias, que nós todos admirávamos. Então, a chegada do Zé Raimundo só veio somar. Até para meu aprendizado também. Nessa época, nos anos 90, rolavam muitos shows no boom da axé-music. E Libório me pediu que cobrisse os bastidores dessas festas. Grande parte dessas matérias ia para o Fantástico. Fiquei fazendo isso durante um bom tempo e viajei com Daniela Mercury à Europa, minha primeira viagem para cobrir artista fora do Brasil. Fui a Portugal, uma viagem incrível e reveladora porque lá a gente viu que Daniela fazia mais sucesso, vendia mais discos que Michael Jackson e Madonna. Nunca passou pela minha cabeça uma coisa dessa. Fiquei tão impressionada com o que vi que, como fui sem equipe, pedi autorização a Libório para contratar uma produtora e fizemos uma matéria no estilo que passei a fazer com viagens fora do Brasil. Viajei com o Chiclete [com Banana] à Europa, depois com Carlinhos Brown à Espanha, no Carnaval de Bilbao e Barcelona. Então contextualizava, mostrava a cidade, o turismo, perguntava o que as pessoas achavam, brasileiros lá fora também, depois [a jornalista] Wanda Chase veio fazer isso também. A gente começou a fazer isso em 97. Depois disso, fui apresentar os jornais de meio-dia. A bancada é uma coisa mais calma, mais tranquila, apesar do frio na barriga que dá. Sempre quando o jornal vai entrar no ar, o coração dispara, pois é tudo ao vivo. O que veio

► Com Carlinhos Brown, comandante da Timbalada.

▼ Entrevistando Irmã Dulce.



FOTOS: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO



▲ Anna acompanhou o início da carreira de Bell Marques e do Chiclete com Banana.

◀ Daniela Mercury levou Anna a conhecer o sucesso da axé-music no exterior.

depois foi, para mim, o maior de todos os desafios. A gente tinha um programa na TV Bahia que era chamado de a “porta de saída” da emissora: o Rede Bahia Revista. Era um programa com audiência tão baixa que todo mundo de quem a TV queria se livrar, transferia para lá. Numa ocasião, fui para o Rede Bahia Revista. Pronto, vão me mandar embora, pensei. Então pedi uma equipe fixa para começar a pensar o programa. Roberto Appel estava chegando da Rede Globo do Rio Grande do Sul [RBS TV] para assumir o jornalismo da TV Bahia. Não me conhecia, não sabia a minha história. Então me sentei com ele e expliquei que estava tirando férias de Renata Purri no Rede Bahia Revista, mas que queria assumir o programa, que ele me desse essa oportunidade de mostrar que o programa tinha potencial. Depois disso, ele me deu essa oportunidade. Eu tinha uns dois meses fora do vídeo, porque fui para substituir a editora e comecei a apresentar. Pedi a Appel que me desse carta branca. E comecei a gravar a chamada do programa. Numa semana, ele deu 6 pontos; na outra, já deu 17, o que foi uma grande guinada

do Rede Bahia Revista. Então, havia uma equipe fixa que era Luciano Valente, cinegrafista, e Paulino Silva, que é a grande memória da Rede Bahia, um parceiro de 500 anos de rua. Porque foram 14 anos de Rede Bahia Revista, viajamos juntos, produzimos juntos, fizemos muitas coisas juntos. Paulino é 1000 coisas, é operador de áudio, mas também dirigia, nos levava para tudo quanto é canto. É o cara que mais conhece as estradas da Bahia. Toda vez que ia fazer projetos como Caminhos do Verão, Caminhos do São João, a gente viajava 27 dias, 28 dias pela Bahia todo ano. Enfim, o grande sucesso do programa é que a gente saiu da caixinha. As matérias não eram o óbvio. A gente fez uma matéria numa casa de *swing* e outra numa praia de nudismo para falar de ciúme na relação. Fizemos uma matéria sobre carro: os caras que morrem de ciúme do carro a ponto de a mulher não poder nem encostar nele. No meio desse sucesso que era o Rede Bahia Revista, houve um encontro aqui de todas as emissoras afiliadas da Globo, do Fantástico e de vários programas locais com Alice Maria, que era a bam-

bambã [diretora de jornalismo da Globo]. Para minha surpresa e grande felicidade, Alice Maria disse: “O Rede Bahia Revista é a maior audiência dos programas regionais em todo o Brasil, a maior audiência da Globo, vamos nos espelhar no Rede Bahia Revista. É o programa, hoje, que nos abastece”. Porque a gente mandava matérias para os programas da GloboNews, que estavam desesperados, precisando ocupar a programação, e a gente ocupava.

Qual você acha que é a sua maior qualidade no jornalismo e na comunicação?

É gostar de gente. Temos de amar as pessoas, ter empatia com as pessoas, com as dores, com as alegrias. É tentar transportar para a TV, para as matérias, a experiência humana. Uma outra coisa, que é necessária também, é que não sou uma pessoa autoritária, não nasci para mandar, nasci para compartilhar. Gosto de estar junto da minha equipe e quero que todos se sintam parte importante dela. E com toda a certeza de que, sem ela, sem cada peça daquela, não sou ninguém. Sozinho, ninguém faz nada.

Há gente que acha que estética é *smoking*, né? Não entende que há ambiente em que cabe se vestir despojadamente. Você acha, Anna Valéria, que foi uma das poucas pessoas que resistiu ao corte de cabelo de Alice Maria?

Num encontro com Alice Maria, fui lembrar como ela me torturou para cortar o cabelo e a gente deu boas risadas. Mas nessa época já tinha entendido que ela estava certa, que um cabelo muito grande, em um vento muito forte, atrapalha. Tivemos várias grandes conquistas nessa área do vídeo, na ocupação dos espaços, mas a gente precisa voltar um pouquinho atrás para lembrar que o que importa é a notícia. Não é o cabelo, não é o brincão da repórter. Quando somos transmissores da notícia, essa notícia pode ser muito séria, então a gente não pode estar espalhafatosa. Lembro-me de uma eleição em que Armando Nogueira, que era outro “cacião”, fez uma reunião com os repórteres da rede e perguntei sobre as cores de *blazer* que eram permitidas durante uma eleição. Porque da cor de um partido a gente já sabia que não podia. Perguntei se podia usar um *blazer* rosa-shocking e ele: “Depende do corte. Pode [usar], não é a cor, mas é a elegância que a roupa lhe traz”. A gente tinha um manual na Globo. Como se comportar diante das câmeras, de olhar ou não olhar para o entrevistado, o entrevistado olhar ou não olhar para o repórter, o que falar, o que não falar, que chuva não tem plural. Eis por que a Globo era tão exigente com seus repórteres.

De todas as reportagens que você fez, qual foi aquela que mais lhe marcou?

Sempre disse que qualquer coisa que eu ia fazer achava importante. Uma vez me deram uma pauta sobre profissões e marcaram com um podólogo. Era uma matéria quase impossível de você fazer uma coisa legal, interessante. Não sei como, porque sempre disse que baixava um santo em mim, conseguia fazer a matéria. Ficou divertidíssima a matéria para o Jornal Hoje. Então, não sei qual a matéria, porque é muito difícil [escolher] em 40 anos de profissão. Eu

me emocionei com tantas, com os deslizamentos de terra de Coutos, lá de cima do [Motel] Mustang. São tantas alegrias, tantas viagens maravilhosas que fiz, é muito difícil eu destacar uma coisa. É fazer do limão uma limonada. Todas as matérias para mim eram importantes. Eu adorava vê-las depois de editadas.

Uma viagem que você fez quase acaba mal, vamos lembrar do grande susto que você teve.

Sou sobrevivente de um acidente aéreo. Quantas pessoas, na vida, podem contar uma história depois de um acidente de avião? Foi em 17 de janeiro de 1989. Viajei com a minha equipe para Correntina, no oeste da Bahia. A equipe era eu, Robson Melo, cinegrafista, e Luciano Valente, que na época era operador de VT. Fomos com o Luiz Hermano, fotógrafo, e Erival [Guimarães], repórter do Correio da Bahia. O deputado Zé Rocha pegou carona no avião. Era uma matéria sobre a chegada dos corpos dos 100 romeiros que morreram em Brasília, carbonizados num desastre de caminhão. Nós a fizemos e tínhamos de estar de volta em Salvador por volta das 4 da tarde, porque ela ia ser editada para o Jornal Nacional. Pousamos em Bom Jesus da Lapa para abastecer; na decolagem, o avião balançou na pista e um vento derrubou o avião já com 17 segundos de voo, a 300 km/h, uma altura monstruosa. A gente foi caindo e eu era a única que estava acordada no avião, porque os meninos estavam cochilando. Eu escrevendo o texto. Quando olhei pela janela, só vi a vegetação chegando, chegando. Então avisei à galera: “Estamos caindo!”. Só me lembro de ter botado a mão na cabeça para esperar a pancada. E foi assim. Fomos levados para o hospital. Ninguém morreu, mas os ferimentos foram graves. O piloto teve fratura exposta na mandíbula, o copiloto foi jogado para fora. Também teve queimaduras graves. Erival e eu tivemos também queimaduras. Tive queimadura de terceiro grau nos dois tornozelos. Quando chegamos a Salvador, fomos para um hospital da Petrobras, que ficava em Candeias. Foram 45 dias de UTI de queimados. Muita dor, muito sofrimento, mas estou aqui para contar.

O cinegrafista não teve nada?

Nem o cinegrafista, nem o auxiliar. Zé Rocha, o deputado, também não. Esses três não tiveram nada, nem Luiz Hermano, que saltou do avião para fotografar. Quando o acidente aconteceu, lembro-me de olhar em volta para ver se estava tudo bem, se estavam todos vivos. Só tinha um corte na cabeça até então, e minha perna doía, mas não sabia direito ainda o que era. Fui ajudar o piloto, que estava preso nas ferragens, e todo mundo foi saindo pela janelinha. Antes de decolar, a gente se encontrou com a equipe da TV Aratu, em outro avião, e com o avião da Chesf, com Zé Carlos Aleluia, que me ofereceu carona para voltar para Salvador, para chegar mais rápido, porque o avião dele era um jato. Porém não aceitei, para não deixar minha equipe sozinha. Ainda bem, senão ia



FOTOS: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO

► Jornalista beija o equipamento que a consagrou profissionalmente.

morrer de remorso. O acidente aconteceu, o avião da TV Aratu sobrevoou o local e, pelo que eles viram, avisaram à TV Bahia que pelo estado [da aeronave] não havia sobreviventes. A notícia que chegou à TV Bahia foi essa, mas eu, sempre atendida, preocupada com minha mãe, com meu pai, assim que cheguei ao hospital em Bom Jesus da Lapa, pedi um telefone, liguei para minha mãe e avisei que estava bem: “Está todo mundo vivo, avisa na TV Bahia”.

Como foi a volta para a redação?

Quando cheguei à redação, [Antônio] Silveira, que era o nosso chefe de reportagem, me chamou e falou: “Tenho uma notícia para lhe dar, não sei se você vai gostar”. Perguntei: “Meu Deus, o que foi Silveira?”. Ele continuou: “Tem uma viagem de avião para você fazer para Ilhéus e de lá para Canavieiras”. Aí gelei: “Não é possível!”. E Silveira: “Você vai para Ilhéus de avião e, em Ilhéus, vai um avião bimotor da prefeitura de Canavieiras buscá-la, você vai voar de novo. Pense, pense se você topa, porque é uma viagem maravilhosa”. Era um projeto de turismo que o prefeito de Canavieiras estava lançando. Fui, porque falei: “Ou encaro agora, ou não vou encorar nunca”. Logo depois, veio um documentário em São Luís do Maranhão, emendei uma viagem de avião na outra. Fui fazer um polo arrozeiro que estava se instalando lá e foi massa, porque encarei. Tenho medo de avião até hoje, mas não deixo de viajar por causa disso.

E a empresa de assessoria de imprensa com Wanda Chase?

Sempre gostei de desafios. Fui sócia de Wanda Chase numa empresa de assessoria de imprensa. E fomos assessoras do Olodum no auge da fama do bloco e da banda, quando o Pelourinho ficava entupido de gente para ver o Olodum. Aquele, então, foi um momento difícil de administrar, mas muito bom, uma grande experiência. Além disso, assessorávamos 12 blocos de trio, só nós duas. Fazíamos tudo. É nossa empresa até hoje: Oficina de Comunicação.

E a política?

Quando saí da TV, estava muito inquieta, sem conseguir administrar a vagabundagem. Aquela coisa de não fazer nada. De não trabalhar. Apresentei alguns projetos interessantes para fazer em audiovisual, mas não é fácil trabalhar com audiovisual aqui. E fui chamada pela política, um bichinho que me mordeu assim, de uma forma que nunca imaginei. A minha primeira vez foi mais para ter experiência. Queria entender o outro lado. Da segunda vez, quando o Partido Progressista e o prefeito Bruno Reis insistiram para que me candidatasse a vereadora, foi difícil aceitar. Minha família não queria, marido não queria, filho não queria, ninguém queria, mas acabei sendo muito movida pelo desafio, porque tenho medo de me arrependeu lá na frente por não ter tentado. Tentei

e, quando entro, é de cabeça em tudo. Mas não deu e o que ficou foi uma *big* experiência.

Vai continuar?

Hoje estou desmotivada, não estou a fim, mas a gente nunca sabe, né? Às vezes vem um gatilho que mexe com a gente e a gente volta. Porém, não tenho vontade de, no momento, me candidatar a nada.

Valeu a pena ser jornalista?

Tudo valeu a pena, construí uma carreira sem apadrinhamento, sem ser filha de empresário, sem ser filha de político, sem ter sido ou ter tido indicação de ninguém para entrar na televisão. Entrei pelos meus próprios méritos. Cada vez que me lembro disso, fico mais feliz comigo mesma, de ser tão insegura como era no começo, de ter tantos medos, de não me achar capaz nem competente para aquilo e construir essa segurança aos poucos, com base na ajuda de tantos colegas que estiveram do meu lado, com base nos erros, nos acertos, nas escolhas. Não consigo imaginar a minha vida sem a TV. A TV me deu um faro para [identificar] pessoas do bem, me deu um faro para [identificar] quem nos bajula, para [identificar] quem é de verdade, para [identificar] quem nos ama de verdade, para [identificar] quem só está ali para encostar um pouquinho na nossa luz. Trabalhar na TV lhe dá esse discernimento.

Se você pudesse resumir, a última pergunta, a sua vida em uma palavra, em um sentimento ou um adjetivo?

Definir a vida numa palavra só é difícil porque tenho várias. Mas eu acho que o amor move. Quando a gente ama, acho que a paixão é tão forte quanto o amor, porque a paixão é aquela coisa que lhe dá gana, garra para correr atrás. E isso nunca perdi. Nem nos piores momentos, nos mais difíceis. Nunca perdi a paixão, a cachaça do trabalho sempre me consumiu. ■

FOTO: ERNESTO MARQUES



Tudo valeu a pena, construí uma carreira sem apadrinhamento, sem ser filha de empresário, sem ser filha de político, sem ter sido ou ter tido indicação de ninguém para entrar na televisão. Entrei pelos meus próprios méritos.

Uma voz em defesa do jornalismo ético, equilibrado e imparcial.

Nos **95 anos** da Associação Bahiana de Imprensa – ABI, nossa homenagem a quem guarda a memória da comunicação baiana.

acelen
energia para acelerar



FOTO: CAIO VALENTE

Carmela Talento

Na época em que fui jornalista de redação, *as pessoas tinham compromisso com o que estavam fazendo mesmo trabalhando em situações adversas*

Qual a sua origem?

Nasci numa região chamada Lagonegro, no sul da Itália. Meu pai participou da Segunda Guerra, durante a qual dirigia caminhão, levava os mantimentos para as frentes de batalha. Viu muitos amigos dele serem mortos. Não queria ir para a guerra. Tinha uma mãe com cinco filhas e, antes de nascer, meu avô morreu de febre amarela. Aos 18 anos, já era arrimo de família, nem podia ir para a guerra. Soube que minha avó fez cartas para Mussolini, para ele não servir, mas foi obrigado. Um jovem que nem sabia o que estava fazendo ali, na verdade. Estava muito angustiado no pós-guerra. Uma irmã dele que morava no Brasil ficava escrevendo cartas: “Venha para cá, aqui é bom, tem trabalho”. Então, resolveu vir para o Brasil. Viajou primeiro, depois foi minha mãe comigo, com 3 anos, e meu irmão, com 6, Giuseppe, que já faleceu. A viagem de navio demorou três meses. Ela [a mãe] tinha 21 anos quando se casou e teve filhos. Uma menina, vinda do lugar em que nós nascemos. Quando fiz 60 anos, me dei de presente uma ida lá à Itália, para conhecer, porque não me lembrava de nada. Se atualmente é difícil chegar lá, imagine naquela época. Ela vinha sozinha com dois filhos pequenos para um lugar que não sabia onde era. Não sabia nem que língua se falava. Essa foi a aventura da minha chegada aqui.

Na Itália pós-guerra, vocês estavam vivendo uma situação de pobreza?

Não, porque meus avós maternos tinham muitas terras em Lagonegro. Eles plantavam, faziam chouriça, tratavam carne de porco. Minha avó paterna teve muita dificuldade, porque ficou com cinco filhos e não tinha posses. Fazia pão para vender.

Desembarcaram no Rio.

Sim. Quem foi buscar a gente foi um tio, no porto do Rio de Janeiro. Do Rio, viemos para o Rio Vermelho, em Salvador, onde moro até hoje. Frequentei a escola primária, que era engraçada: uma sala com mesas que representavam séries. Numa mesa, ficava a primeira série; na outra, ficava a segunda, a terceira, a quarta. Era difícil aprender, pois não sabia falar português. Não tinha nem quem me ensinasse.

E essa primeira escola no Rio Vermelho era pública ou privada?

Particular, mas a gente tinha de levar o banquinho. Uma vez, a professora começou a dar reguada na mão dos meninos. Quando vi aquilo, peguei meu banquinho e fui para casa. Disse à minha mãe que a mulher estava batendo em todo mundo e não ia apanhar.

Maria Carmela Talento integrou uma das milhares de famílias que emigraram da Europa para o Brasil após a Segunda Guerra. Aos 3 anos, entrou no navio em Gênova, na Itália, para uma viagem que duraria três meses com destino ao porto do Rio de Janeiro, em 1951, com a mãe e o irmão mais velho. O pai já os esperava no Brasil e a família se fixou em Salvador, no bairro do Rio Vermelho. Carmela exerceu o magistério até se formar jornalista. Começou como estagiária no jornal A Tarde, depois passou para o Jornal da Bahia, onde foi repórter de Geral e Política,

além de editora. De lá, foi para a Tribuna da Bahia, consolidando-se com uma das principais editoras de Política da sua época. Foi a primeira mulher a ser nomeada secretária de Comunicação da Prefeitura de Salvador, na gestão de Lídice da Mata, período em que enfrentou barra pesadíssima, devido à perseguição política da oposição. Oriunda de um período efervescente do jornalismo baiano, ela conta detalhes dos 50 anos de profissão, entremeados de episódios impagáveis e hilários nesta entrevista a Valber Carvalho que contou com as participações de Jaciara Santos, Joana D’Arck e Sinval Soares.

A língua era uma barreira?

Foi uma barreira muito grande, porque não fui para a escola pequenininha, só com 7, 8 anos. Meu pai achava que eu não precisava estudar: “Quem tem que estudar é seu irmão, para ser engenheiro”. Mas eu sabia que, se não estudasse, não ia sair dali de onde estava. Era um núcleo familiar muito pequeno, não havia amigos, e meus pais inventaram uma linguagem própria, misturavam com o italiano. Lembro que uma vez fomos tomar conta de uma fazenda, chegamos a um hotelzinho e ele pediu um *letto*. E o pessoal trouxe um copo de leite. *Letto* em italiano é leite. Ele queria uma cama para a gente dormir. Eu ia comprar manteiga, chamava *burro* e o cara do armazém: “Não tem nenhum burro aqui!”. Essa dificuldade da língua portuguesa tive durante muito tempo. Quando fui para uma escola pública, a Alfredo Magalhães, era preciso fazer prova para saber em que série entrar. Havia a palavra “grifar”, que nunca tinha ouvido na minha vida. “Grife isso”, eu lia. Não sabia o que era, tive de repetir a terceira série. Mas era um colégio bem melhor. Meu objetivo era ser professora. E desenhava também, roupas de boneca. Então, disse: “Se não for professora, vou para a área de moda”. Quando fiz 15 anos, meu pai me deu de presente uma máquina de costura. Eu exclamei: “Porra, todo mundo ganha carro, ganha isso e aquilo e eu, uma máquina de costura!”. Mas fiquei feliz da vida, porque gostava daquilo.

Em que momento você conseguiu driblar essas dificuldades da língua, a ponto de se meter numa carreira que exigiria de você conhecimento do português?

A dificuldade com a língua vivenciei quando estava fazendo o curso de professora, numa escola privada, o Edgar Santos. Lá, tive o professor Raul Sá, excelente, que me ajudou muito. Então, foi aí que comecei a desenvolver mais a língua portuguesa e a ler. Ele indicava livros. Mas ainda não estava pensando em ser jornalista. Quando fiz o vestibular, já ensinava. Havia uma senhora que trabalhava na casa de minha tia e, aos 60 anos, era analfabeta. Tinha vergonha quando saía, não conseguir ler o letreiro dos ônibus nem assinar o nome dela na identidade. Inventei um método e a alfabetizei. Ela voltava da rua, me chamava de “Minha Linda”. “Conseguí ler o letreiro do ônibus, vim direitinho para casa”, dizia. Chego a me arrepiar quando falo nisso. Nisso, meu irmão Giuseppe me inscreveu no vestibular, que na época tinha três opções.

Primeira, Psicologia, porque vai me servir para trabalhar como professora. Segunda, Comunicação, porque é da área. E terceira, Letras. Mas não tinha esperança de passar. Saí do colégio público sem fazer cursinho. Passei na segunda opção: Comunicação. Estava na praia, descontraída, minha prima falou: “Olha, você passou no vestibular, ouvi seu nome no rádio”. Quando cheguei, entrei em casa, botei aquela música [“O Pequeno Burguês”] de Martinho da Vila: “Felicidade, passei no vestibular...”. Fiquei ouvindo várias vezes. Meu pai nem ninguém sabia que eu tinha feito vestibular. Não disse que era jornalista. E na Faculdade de Comunicação foi que comecei a gostar do jornalismo, a me apaixonar por aquilo.

Exerceu o magistério?

Sim. Ensinei História e Geografia no Guimarães Muniz Pereira, colégio do Rio Vermelho. Depois, passei a dar aula no período noturno. Os quatro anos de faculdade passei ensinando. E até quando me formei continuei ensinando. Em janeiro de 75, foi a colação de grau de Jornalismo, tendo como paraninfo de nossa turma João Falcão. Tínhamos um sentimento de querer trabalhar no Jornal da Bahia, por causa daquela briga com Antonio Carlos Magalhães. Então, havia esse negócio na minha cabeça. Se for trabalhar em algum jornal, que seja no Jornal da Bahia. E as coisas aconteceram meio de repente. Disseram-me que [o jornal] A Tarde estava precisando de um estagiário, mas não remunerado. Fui lá, passei a trabalhar com [o jornalista Joaquim] Cruz Rios, que fazia a coluna Tempo Presente. De vez em quando, me mandavam fazer alguma matéria. Lembro que a primeira matéria foi a inauguração da Praça Lord Cochrane. Quando saiu no jornal, foi uma euforia danada. Então, estou em casa, recebo um telefonema de Levi Vasconcelos, editor de Municípios do Jornal da Bahia: “Indicaram-me o seu nome”. Aceitei o convite. Fui fazendo as matérias sem nenhuma pretensão. O pessoal foi gostando e eu ficando. Depois passei para a editoria de Cidade.

Quando foi contratada?

Dia 26 de setembro de 1975. Meu primeiro contrato com carteira assinada como repórter. Fernando Pinto era o editor de Cidade. Fred Simões, o pauteiro, me deu um papézinho escrito: “Vai ter um evento da Igreja Católica, todos os sinos vão tocar ao meio-dia. Vamos acompanhar o badalar dos sinos”. Como vou acompanhar isso? Subi

a Barroquinha, sentei-me no Terreiro de Jesus. Os sinos começaram a tocar. Comecei a observar as pessoas. Uma se benzia, outra passava despercebida. Fiz a matéria dentro desse contexto. Acho que foi ali que despertou aquele poder de ser jornalista. Depois tive um chefe de reportagem, Emílio José, que só me dava [pauta de] lixo e buraco. Hoje tenho um *blog* sobre meu bairro e sei o quanto é importante você fazer uma queixa de um buraco e de lixo na porta, como isso incomoda. Como aquelas pautas me serviram para perceber as coisas que são importantes!

Uma das matérias que você fez foi sobre o racismo. Lembra?

Anísio Félix, chefe de reportagem, recebeu uma denúncia de que, num edifício da rua Princesa Isabel, as pessoas negras tinham de entrar pelo elevador do fundo e as brancas pelo elevador social. Ele chamou a menina da assinatura, que era uma negra bonita, e a mim: “Vocês duas vão ver se isso é verdade”. Chegando lá, pedi o quarto andar. Daqui a pouco chega o porteiro: “A senhora pode entrar, ela não. Ela tem de ir pelo fundo”, disse. Respondi: “Não, vamos entrar as duas por aqui. Se não for por aqui, ninguém entra”. Ele deixou subir, mas disse que pela ordem da síndica não podia. Subimos e no apartamento a pessoa confirmou que tinha umas afilhadas negras que passavam por esse constrangimento. Fiz a matéria e a corda estourou nas costas do pobre do porteiro. Fiquei sentida com isso. Acho que foi uma das primeiras matérias sobre racismo que saíram na imprensa daqui. Não se tratava desse tema na imprensa local. Quando fico nervosa, perco a voz. Aquilo me deixou muito constrangida, como você manda uma pessoa entrar pela porta do fundo porque tem uma cor diferente da sua? Achei aquilo um absurdo. No dia seguinte, não conseguia falar nada. Mandaram outras pessoas fazer a suíte [sequência da reportagem]. Saiu no Jornal Nacional: “Racismo na rua Princesa Isabel”. Em seguida, o presidente Ernesto Geisel mandou apurar. Não sei que fim levou depois. Vou usar agora a expressão de Raul Sá: “Se não me falha a velhaca da memória”, acho que foi em 1977.

Grande repercussão.

Anísio Félix ficou muito feliz com a matéria. Então, estou em casa, não fui trabalhar porque estava sem voz, aparece um policial federal para tomar meu depoimento. Falei

▼ Carmela, em Roma, antes da família mudar para o Brasil, no colo do pai Vincenzo Talento, ao lado da mãe Anna Maria Rossi e do irmão mais velho Giuseppe.



FOTO: ARQUIVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO



▼ Festa improvisada na redação do Jornal da Bahia, quando Carmela obteve a naturalização brasileira.

▼ Dançando em festa junina com o marido Antonio Jorge Moura, na Tribuna da Bahia.



com a voz arrastada. Não tive o amadurecimento para poder jogar a culpa toda na síndica, que acabou demitindo o porteiro, e se retratou. Sei que todo mundo começou a subir pelo elevador social.

E a história com Glauber Rocha?

Também foi no início da carreira, 78 ou 79. Cheguei à redação de manhã, todo mundo já tinha saído. Quem estava era a Rosinha, substituindo o Fred na pauta. “Está acontecendo alguma coisa com Glauber Rocha, no Convento de Santa Teresa”, disse. Fui a primeira repórter a chegar. Vi umas seis pessoas com túnicas pretas e [a atriz] Norma Bengell com as mãos estendidas em forma de cruz. Glauber Rocha filmando *A Idade da Terra*. Era para entrar com Norma na capela. Daqui a pouco chega o diretor do Museu de Arte Sacra [que funciona no convento], Valentim Calderón: “Não pode!”. Então vem Glauber Rocha com a camisa toda aberta, suado: “Você é um ditador. Você é um fascista. Você é um comunista”, disse. Uma briga entre os dois. Chega [o ator] Jece Vala-

dão: “Para com isso”. E Glauber: “Quero um telefone, vou ligar para o Golbery do Couto e Silva [ministro da Casa Civil, na época]”. Fiquei fascinada com aquilo, estou vendo o Glauber Rocha interpretando um personagem aqui. Para mim, essa foi uma das melhores matérias que fiz. Até hoje, está na minha memória Glauber Rocha com aquela camisa branca, todo suado, correndo para cima e para baixo.

Você precisou fazer um teste para obter a naturalização brasileira, não é isso?

Isso foi na época da ditadura. Por exemplo, Javier Alfaya [espanhol de nascimento] queria se naturalizar e não estava conseguindo. Precisei pedir minha naturalização para continuar no jornal e, na Polícia Federal, [fui] fazer um teste, em 78. Época de [o presidente Ernesto] Geisel. Ibrahim Abi-Ackel era o ministro da Justiça. O teste era interpretar um texto, e eles perguntavam o que achavam da situação do país. Achava o Brasil uma maravilha, tudo lindo, maravilhoso. Eu queria era a minha naturalização.

Como foi seu início de carreira, essa relação com os colegas mais famosos?

Quando entrei no Jornal da Bahia, era uma das poucas mulheres na redação. [O empresário] João Falcão, no livro sobre o JBA, nomeou os jornalistas da época. Havia cinco mulheres trabalhando na redação. Minha relação com os colegas era de respeito. Só havia figurão, eu era uma “foca” [jornalista iniciante]. Minha relação era ótima com todos. Eles também não se exibiam. Havia umas feras lá: Renato Pinheiro, Antônio Jorge Moura, Emílio José, Dalton Godinho, Oldack Miranda, Dailton Mascarenhas. Essas pessoas que vieram do Partido Comunista e que já escreviam há muito tempo. No jornalismo, conquistei tudo, inclusive o casamento.

Como foi?

Conheci Antônio Jorge quando estava na faculdade. Um dia, estava fazendo reportagem para o Jornal Laboratório da Faculdade e ele estava lá. A gente conversou e tal. No Jornal da Bahia, eu o reencontrei. Em

► *Cobrindo a chegada do “Fogo Simbólico” da festa do Dois de Julho em Pirajá, década de 70.*

▼ *Secretaria de Comunicação da prefeita de Salvador Lídice da Mata.*



▲ *Participando de coletiva do governador Waldir Pires.*

◀ *Entrevista com o bispo progressista dom Hélder Câmara.*

setembro de 76, nos casamos. Em 77, tive o meu primeiro filho, Bruno. Depois a segunda, Silvana, e o terceiro, Daniel. Foram as escadinhas: em 77, 79 e 80. Os três foram criados na redação do Jornal da Bahia. Sábado, levava os meninos para o jornal, porque não tinham com quem ficar. Eles rasgando e riscando papel na redação. Às vezes, o pai os levava para o sindicato. Uma vez, Bruno grampeou todos os papéis do sindicato. Anísio [Félix], o presidente: “Seu filho trombadinha pegou os papéis todos e grampeou!” exclamou.

Sobre gravidez, lembro que houve um chefe de reportagem que falou que gravidez não era doença, impedimento para trabalhar.

Houve um desabamento [de encosta] e Fred, me deu a pauta. Alguém falou: “Mas você vai mandar Carmela, que está grávida!”. E ele: “Gravidez não é doença, não. Pode ir fazer”. Fui e fiz. Quer dizer, tinha de me consolidar como mulher e como grávida também. Mas era uma situação de risco. Você grávida em uma ribanceira.

Como era essa coisa da mulher na redação, da época em que você chegou, e como foi evoluindo em relação à importância de

pautas, à observação dos próprios colegas sobre a atuação de vocês?

Havia essa vontade das mulheres de dizer que elas estavam ali e que podiam fazer qualquer coisa, independentemente de gênero, de estarem grávidas ou não. Hoje, acho que as redações estão até mais humanizadas nesse sentido. Mas, na época, não. A mulher queria se consolidar como pessoa independente. Talvez eu tenha sido também uma das poucas mulheres que começaram a trabalhar grávidas. E o jornal também suportou três gravidezes minhas, uma atrás da outra, porque achou que [eu] era uma pessoa que tinha uma boa contribuição a dar no jornalismo.

Havia algum período de licença de gestante?

Três meses. Não havia licença-paternidade. A mulher que se virasse sozinha para tomar conta do filho. Eu tinha um respaldo, porque minha mãe morava perto, tinha minha tia e duas funcionárias em casa. Eu trabalhava um turno só. Quando me separei, passei a trabalhar nos dois turnos.

E o episódio em que quase foi presa pelos agentes da ditadura?

Em 78, 79, por aí, saí do jornal às 20h. Ha-

veria o lançamento da Revista Araguaia, na Associação Comercial da Bahia, e dei uma passadinha lá. Daqui a pouco [Jane Vasconcelos diz]: “Tem um dedo-duro no meio da plateia”. Nisso, entra um monte de policiais armados. “Ninguém levanta!”, gritam. Eu digo: “Porra, estou com meus três filhos pequenos em casa, vou ser presa agora”. Os caras: “Todo mundo vai ser fichado”. Então, quando eles se distraíram, desci picada a escada, peguei o primeiro táxi e fui embora. No dia seguinte, vi a desgraça no jornal. O colega Ronaldo Macedo tomou murro. Muitos foram presos. Ia ser presa sem saber de nada, só porque estava no local. Recentemente, meu irmão, Biaggio Talento, que está fazendo uma pesquisa nos documentos do regime militar [me disse]: “Achei seu nome nos arquivos da ditadura”. Um era a relação das pessoas que estavam participando desse evento; outro dizia que eu era estrangeira, jornalista e “auxiliar do PCdoB”. Depois, ele me mandou um outro arquivo que mostrava a chegada da família ao Brasil e disse: “Você está sendo monitorada desde que chegou, minha irmã, não sabia não?”. Então, em 2025, vim a saber que era [para a ditadura] “jornalista estrangeira e auxiliar do PCdoB”. Numa dessas, a gente é preso sem saber por quê.

Você foi sempre repórter?

No Jornal da Bahia, depois de Cidade, comecei a fazer política, cobrir a Câmara Municipal, quando se elegeu aquela bancada de 25 vereadores de oposição, no início dos anos 80, nomes como Fernando Schmidt, Lídice da Mata, Amábilis Almeida, Jane Vasconcelos. Valmir Palma cobria pelo jornal A Tarde. Resolvemos criar o Comitê de Imprensa da Câmara de Vereadores. Fui eleita a primeira presidenta do Comitê. Recebi o prêmio de melhor cobertura da Câmara também naquele ano. Votada pelos vereadores da oposição e da situação.

Quando passou para a edição?

Roberto Messias (Porquinho) era o editor de política na época em que Tancredo Neves venceu Paulo Maluf no colégio eleitoral e cobri a festa no Bonfim. Porquinho era editor, mas não gostava de editar. Então, fui editando e ficando. Cobri Antonio Carlos Magalhães algumas vezes. Inclusive no dia em que Paulo Gracindo, travestido de [o prefeito] Odorico Paraguaçu da novela O Bem Amado, foi visitar ACM, porque, na novela, ele queria que Sucupira, a cidade da obra, voltasse a ser área de segurança nacional, pois tinha perdido a eleição e queria ser prefeito nomeado. Odorico chega com um frasco com cocada numa mão e uma pasta na outra, com todos os documentos para poder o governador assinar. Fiz a matéria como se fosse um prefeito de verdade visitando o governador. ACM recebeu Gracindo muito bem. Na novela, não passa Antonio Carlos Magalhães, mas uma pessoa de cabeça branca, como se ele estivesse assinando a volta de Sucupira como área de segurança nacional. Ri muito, porque me lembra muitos prefeitos da Bahia. ACM era uma pessoa assim, dizia que eu não gostava dele. Não gostava pessoalmente, mas, como jornalista, gostava de cobrir porque sempre me dava o *lead* da matéria.

Quando saiu do Jornal da Bahia?

Saí quando João Falcão vendeu o jornal para um grupo. Sei que era [durante] a campanha da eleição de Waldir Pires.

Em 1986.

Tinha saído uma nota, segundo a qual Waldir estava usando o helicóptero de empresário e tal. Chequei, não era nada daquilo e tirei essa nota. No dia seguinte, a nota foi publicada. Aí me aborreci e pedi demissão. Já não estava com clima, estava desgasta-

da. Tinha 13 anos trabalhando no Jornal da Bahia. Já tinha feito tudo ali. Fui para a Tribuna da Bahia, como subeditora de política. Lá, fazia pauta. Uma equipe muito boa, acho que foi a melhor editoria de política que existiu na Bahia no período. Modéstia à parte. Havia os melhores repórteres e uma subeditora que cobrava, que fazia pauta, que mandava o pessoal ler o jornal antes de ir para a rua. Na Tribuna, fiquei 4, 5 anos. Ivan Carvalho era o editor de política e também não gostava de editar. Eu ficava editando e ele fazia a coluna, gostava de escrever os artigos. Um dia, Ivan saiu, colocou a coluna debaixo do braço e foi para casa. E a gente procurando a coluna de Ivan para fechar o jornal. Não havia celular naquela época. Mandaram um carro à casa de Ivan. Ele: “Poxa, esqueci”, disse. Ivan era uma figura. Jaciara Santos, essa grande jornalista, que está aqui presente, está me lembrando de um episódio que aconteceu quando cobria a Câmara pelo JBA. O vereador Osório Villas Boas havia feito uma cirurgia de ponte de safena. Quando foi encerrada a sessão, os repórteres foram ao gabinete para saber como ele estava. Ele: “Ah, estou ótimo. Sabe como é que aconteceu?”, perguntou. Ele baixou as calças para mostrar a safena que tinha tirado. Com aquele ceroulão na metade da perna. Todo mundo rindo e ele mostrando o local. Não fez aquilo na maldade, fez porque queria mostrar como foi a safena.

Quando passou a editora da Tribuna?

Pouco tempo depois. E ainda fui coordenadora do primeiro caderno, que era de Economia e Política.

Querida que você falasse um pouco do Mocyr Nery, ainda do Jornal da Bahia, um cara muito espirituoso.

Nery, era especialista em Carnaval e foi dar o título de matéria que tratava do rompimento da vereadora Abigail Feitosa com o PMDB, porque ela não queria que o partido integrasse uma frente ampla das oposições. Na época, o diagramador dava o número de linhas e toques para fazer o título, e Nery: “Abigail racha na frente”, disse. Eu: “Ó, meu filho, como é que vou mandar um título desse?”, perguntei. Eles faziam assim, não estavam nem aí. Se não olho, saía dessa forma. No Jornal da Bahia, havia um revisor, Zé Maria, outro personagem interessante. Parece que foi motorista de Luiz Carlos Prestes, presidente do Partidão [Partido Comunista Brasileiro]. Quando chovia, o prédio do JBA

ficava com água até a escada. Na frente do jornal havia um bar. Zé Maria gostava de tomar umas e outras. Zé saiu praticamente nadando para ir ao bar, depois voltou ao jornal para o levarem para casa. Assim que a água baixou, o motorista chamou Zé Maria: “Zé, baixa a cabeça para entrar no carro”, disse-lhe. E Zé: “Nunca abaixei a cabeça para filha da puta nenhum”. E eu lá, esperando, porque também ia de carona. Até que o motorista pegou a cabeça de Zé Maria e empurrou-o no fundo do carro. Ele foi resmungando o caminho inteiro: “Filha da puta, não abaixe a minha cabeça para ninguém”.

Quando saiu da Tribuna?

Em 1993. Saí triste porque gostava muito de trabalhar lá, mas o salário era muito baixo e tinha três filhos para sustentar. O senador Ruy Bacelar havia convidado Mônica Bichara para fazer assessoria, mas ela não pôde, então me indicou. O PMDB fazia uma pré-ria para poder ver quem seria o candidato a governador, se ele ou Nilo Coelho. Viajei a Bahia inteira com o Ruy Bacelar. Eles tinham um aviãozinho pequeno, o cara [piloto] ficava com uma lanterna para poder achar a pista onde se decolava. Uma vez, em Juazeiro, chovendo pra caramba, Ruy queria voltar à noite a Salvador. Eu disse: “Não vou”. Ele: “Se o avião cair, você caiu com o senador”. Que beleza, né? Meu nome vai aparecer lá embaixo. Não fui. Voltamos todos no dia seguinte. Tempos depois, estou em casa um dia, chega Fernando Schmidt. Domingos Leonelli era o secretário de Comunicação de Lídice da Mata e havia saído para ser candidato a deputado federal. Fernando: “Lídice gostaria que você fosse para o lugar dele”. Nunca fui secretária de Comunicação, sou jornalista, não entendo de publicidade, não sei mexer nessas coisas. Fiquei em dúvida, me reuni com Alberto Freitas, presidente do Sinjorba, com Mônica Bichara e outros colegas. “O que vocês acham?” perguntei. Responderam: “Vá, que a gente precisa de pessoas no governo, ocupando, diante dessas perseguições”. Questionei: “Vocês vão me ajudar? O sindicato vai me apoiar?”. Disseram-me: “Vamos apoiar você”. Sindicato, ABI, Samuel Celestino era o presidente. No dia seguinte, saiu uma nota: “Carmela Talento é a nova secretária de Comunicação”. Fui nomeada pela coluna de Samuel Celestino. O cargo era uma barra pesadíssima, porque havia mesmo uma perseguição política. Os jornalistas chegavam lá, já determinados a fazer perguntas e matérias detonando a

prefeita. Tentei manter o melhor relacionamento possível com eles: portas abertas, o pessoal podia chegar na hora que quisesse, porque havia um compromisso com a informação. Mas havia muitos jornaizinhos de bairro que chegavam lá, querendo chantagear. Saíam matérias com os buracos da Embasa, dizendo que eram da prefeitura.

Como resolveu o negócio com esses jornaizinhos?

Se os [grandes] jornais dão porrada todo dia, vou me incomodar? O Jornal da Bahia me deu um respaldo para poder responder a esse tipo de coisa. Uma vez, estava em casa e um radialista ligou: “Tenho uma denúncia para fazer”. Respondi: “Meu filho, se você não fizer, é conivente”. Era assim que eu agia com essas pessoas. Além de tudo, a greve no Bahia Hoje gerou um problema. O pessoal queria nos desmoralizar, porque havia ameaça de fechar o jornal. E fizeram um *release* com a lauda da Prefeitura de Salvador, dizendo que 18 passarelas estavam para cair. Lídice me liga: “Carmela, que história é essa?”. Respondi: “Não saiu da assessoria”. Ela: “Saiu sim, porque está com a marca da Secretaria de Comunicação”. Fui ler e havia o nome de um técnico falando. Liguei para a Secretaria de Obras e disseram: “Não existe essa pessoa”. Foi um vexame danado. Mandeí nota ao Bahia Hoje, que saiu pequena ante a manchete enorme. Acho que foi o pessoal que estava fazendo a greve. Mas em cima de mim? Quer dizer, o pessoal hoje fala de *fake news*, e essa foi uma *fake news* maior do que tudo. Criando um pânico na cidade. Tive de administrar aquilo. Pedi ao procurador [geral do Município] que entrasse com um processo para poder descobrir quem foi. Depois foi passando, foi passando...

Pelo que soube, eles queriam provar que o jornal, sem jornalista, era capaz de fazer maluquice.

Exatamente. Fui a primeira mulher a ser indicada à Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Salvador e enfrentando aquilo ali. Nunca vi uma mulher com tanta coragem como Lídice. Ela batia de frente, entregou o cargo na maior dignidade, com tudo o que faziam. Houve um [desfile da festa do] 2 de Julho também em que o pessoal do governo queria sair na frente com o da prefeitura. Como havia essa briga, a prefeita e seus secretários foram na frente. Mas Antonio Carlos Magalhães queria ir também. Em seguida, houve uma confusão, quase deu tiro-

teio no meio dessa história. Quando a gente estava vindo, Antonio Carlos atrás, cara feia, Lídice se virou: “Desencarne, ACM”. Meteu o dedo na cara dele. A foto saiu no Estadão [jornal O Estado de São Paulo]. Ela com o dedo em riste no nariz dele. Ele não era nem governador, acho que [o governador] era Paulo Souto.

Você ficou até o fim com Lídice?

Sim, vendo toda aquela coisa, porque não era só a oposição que fazia barulho. Os governistas também. Às vezes, fazia reunião com o pessoal do PT e tal, bonitinho. Acreditava tudo. Quando chegava lá fora, eles diziam outra coisa. Uma vez, saiu um panfleto do gabinete de um petista, chamando Lídice de criminosa. Peguei o panfleto, disse: “Pô, o que é isso aqui, são aliados e tal”. Liguei para o assessor de imprensa, que sumiu. Mas como é que um deputado deixa sair um panfleto desses sem olhar? Porque, na época em que eu era secretária, não saía nada sem eu ver antes. Essas coisas me deixavam angustiada, porque além de secretária de Comunicação, tinha de administrar esse caos que era criado.

Foi o período mais difícil da sua vida profissional?

Acho que o período mais difícil veio depois da prefeitura. Fui para a assessoria do vereador Miguel Kertzman, ficando com ele quatro anos, depois assumi a chefia da assessoria do INSS da Bahia. Aí foi que a tragédia se configurou. Uma reação terrível do pessoal. Queriam quase me jogar do último andar. Reuni todos e disse: “Vocês podem entender muito de INSS; agora, de comunicação, se alguém entender igual a mim, já entende muito. Então sou culpada de vir gente de fora. Quando eu sair, vocês lutem para que alguém do quadro daqui seja chamado para ser chefe”. Trabalhei com três ministros da Previdência do governo Lula e sempre falava: “Não adianta dizer que está uma beleza, se na porta das agências há uma fila enorme. Não há comunicação que dê jeito aqui”. Saí de lá, fui ser assessora de Domingos Leonelli, secretário de Emprego e Renda do prefeito João Henrique Carneiro. Depois me aposentei, fui fazer o Blog do Rio Vermelho, ajudar meu bairro. Trabalho estimulando a comunidade a falar dos problemas que há na sua rua, no seu espaço. Uma vez disseram: “Olha, a grande imprensa não vai se preocupar com um buraco na sua porta,

na sua rua”. Por isso que nós temos o nosso meio de comunicação, para questionar as coisas erradas. Há muita gente que diz, que fala que o blog é do PT, que é não sei o quê. O partido do blog é o Rio Vermelho e tem conseguido muitas coisas. Por exemplo, arrumar a praia de Santana, que estava virando um favelão. Poda das árvores em cima de meio-fio. Coisas que afetam a comunidade. E a prefeitura responde.

De 1975 a 2025: você completa 50 anos de profissão.

Sim. Na minha época, o pessoal falava que jornalismo é sacerdócio. Não era bem assim. Porque a gente fazia três, quatro pautas por dia. E não tinha essa facilidade de hoje do Google. Era preciso fazer a matéria rápido, porque o jornal tem horário para fechar. Não havia essa facilidade que jornalistas têm hoje. Acho que está faltando jornalismo mesmo. Às vezes, confundem jornalismo com o que essas pessoas fazem nas redes sociais. Você não vê a pessoa ir atrás das notícias. Recebem um *release* e colocam do mesmo jeito que chega. Só há crime, só há assassinato, só há tragédia. Na época em que fui jornalista de redação, as pessoas tinham compromisso com o que estavam fazendo. Mesmo trabalhando em situações adversas, às vezes sem carro, de caixinha, pegando ônibus, fazendo três, quatro pautas, um buraco de rua, depois entrevistar um deputado e um cantor. E você cumpria. Hoje parece que as pessoas não se informam antes de fazer uma matéria. Falam da “lavagem do Rio Vermelho”. Não há lavagem. É a festa de Iemanjá, está dentro d’água. Você vai lavar o quê? Informe-se, procure saber.

Só para a gente arrematar, valeu a pena?

Tudo valeu a pena, foi uma experiência fantástica. Não continuei exercendo a função de professora na escola, mas continuei exercendo, de qualquer sorte, esse conhecimento dentro das redações e, por onde passei, sempre procurei agregar, fazer com que as pessoas melhorassem e progredissem.

Qual é a sua maior qualidade como jornalista?

Trabalhar os fatos como eles realmente eram. Ouvindo os dois lados, se possível. Sempre usei isso como método de trabalho. A verdade, doa a quem doer. Tanto como repórter como chefe dos setores. Depois do que passei, faria tudo de novo. Talvez melhor ainda do que havia feito. ■

Acha difícil começar a vender na internet?

SAI DO ACHA

Quer ver seu negócio bombando na internet, mas não sabe como? Pois agora você tem o caminho.

VEM PRO SEBRAE

Com o apoio do Sebrae, você tem tudo para melhorar sua presença no digital, por meio de cursos, consultorias, conteúdos e mais.



Fale com a gente, ligue para 0800 570 0800 ou acesse sebrae.com.br



FOTO: ERNESTO MARQUES

Cora Lima

Ser revisor é você ter dúvida, é o oposto de quem escreve.

Quem escreve, geralmente, é muito vaidoso; e o revisor, não'

Natural de Nazaré das Farinhas, Recôncavo Baiano, Cora Maria Tavares de Lima teve de superar suas inseguranças, fruto das limitações que um problema neurológico lhe causava, para entrar na rotina de um jornal diário. Ajudada pela colega de faculdade, Heloísa Sampaio, que a indicou para uma vaga de revisora no jornal A Tarde, Cora começou a trabalhar numa sala insalubre, ao lado da oficina da antiga máquina linotipo, sistema de fundição de linhas de composição que usava chumbo derretido. Nesse local barulhento, quente e com cheiro forte de óleo, graxa e tinta, Cora e seus colegas representavam a última etapa que podia corrigir eventuais erros nas matérias enviadas pela redação para preencher as páginas das edições. Com o tempo, foi se adaptando e gostando do ofício e passou a realizar trabalhos fora do jornal, revisando livros, teses e outras publicações. Uma história singular de quem atuou em uma das etapas mais importantes do processo de produção de um jornal, contada nesta entrevista realizada por Valber Carvalho com as participações de Pérola Catela e Francisco Muniz.

Onde nasceu?

Sou a primeira de cinco filhos de Hugo e Zaira, nasci em Nazaré, 1948. Fiquei lá até 1963, onde estudei até o segundo grau. Depois, nós fomos para Feira de Santana. Meu pai era alfaiate e comerciante, continuou com esses ofícios em Feira. Na “gloriosa” [golpe cívico-militar de 1964], meu pai não foi preso, porque não estava em Nazaré. Não era político, mas gostava do senhor João Santana, comunista (irmão de Fernando Santana, do Partidão), candidato a prefeito derrotado. Acho que uma das coisas que deu força para o meu pai sair de lá foi porque João Santana perdeu a eleição. Um dia chegaram lá em casa procurando um “Hugo”, sem sobrenome.

Essa eleição de que João Santana participou foi em 1962?

Sim. Concluí o segundo grau frequentando colégios particular e público em Feira de Santana. Depois, vim para Salvador fazer faculdade, em 1970. Uma turma de 60 alunos, muito louca, eu no meio também, para completar. Gostei de fazer jornalismo, apesar das minhas limitações. Era boa aluna, mas não gostava de anotar, porque tenho uma memória muito boa, confiava muito no que escutava. Era uma má vontade muito grande para [usar] a máquina de datilografia, embora fosse formada em datilografia. Assim que fui fazer faculdade, minha mãe me deu uma máquina elétrica, que estava na moda, mas nunca abri a embalagem, a máquina ficou fechada. Comprei também

uma câmera fotográfica e nunca fotografei, porque tinha ausências. Depois passaram as convulsões, mas a ausência era uma coisa limitante, um curto-circuito cerebral, vários neurônios trabalhando no mesmo minuto e você perde a consciência. Apaga. Não sabe o que você faz, fica parecendo um robô. A ausência também tem uma aura, você fica pensando que já viveu esse momento que a gente está vivendo aqui e, como não viveu, aí você combina com a ausência, um curto-circuito. Eu tinha um problema de epilepsia parcial complexa, com crise de ausência, e isso mudou muito minha vida. Deixou-me tímida, medrosa, insegura.

Isso não parece um fenômeno espírita?

Parece um fenômeno espírita, coisa do diabo, e a baba [saliva] também, que as pessoas ignorantes pensavam que “pegava”. No meu caso não babava, mas você ficar assim, [diziam] estava com espírito. Pessoas muito inteligentes têm epilepsia. Napoleão, por exemplo, o estrategista maravilhoso, era epilético. Mas creio que o mundo científico achava que isso estava mistificado. Nem todo epilético é inteligente.

E como resolveu fazer jornalismo?

Porque gostava de escrever. Depois, vi que isso é um equívoco. Sempre pensei que tudo o que tinha para fazer vinha de dentro. Não gosto de pesquisar, olhar para fazer. Eu quero pensar para escrever. Então, fiz jornalismo porque gostava de criar uns textos. Quando estava lá [na faculdade], vi que não era bem por

aí. Havia a limitação de não poder ser repórter, porque tinha ausência, não gostava de datilografia, era míope e achava que também não sabia tirar uma fotografia. Na época, não havia muito estágio. Lembro que Milton Caires de Brito ensinava publicidade. Uma vez, ele passou um trabalho promocional para uma loja de departamentos famosa da época, a Mesbla, para o Dia dos Namorados. Pensei no seguinte: no Dia dos Namorados, a pessoa comprava, pegava um cupom para concorrer a vários prêmios. Levei as peças promocionais dentro de uma caixa, que forrei com o papel da Mesbla. Na aula, todo mundo estava [apresentando seus trabalhos] com um pedaço de papel escrito. Pensei que tinha entrado pelo cano. Mas ganhei a nota máxima. Quando os colegas iam reclamar da nota, Milton dizia: “Pega o trabalho de Cora que você vê porque não ganhou a máxima”. Essas coisas faziam pensar que tudo vinha de dentro de mim. Fui fazer estágio na Polícia Militar e, para minha felicidade, o coronel pensou que assessora [de imprensa] era telefonista. Ficava atendendo telefone da namorada dele, às vezes. Gostei que ele pensasse isso, porque também não queria fazer nada e saí de lá um zero à esquerda.

Quando você acabou a faculdade?

Terminei a faculdade em 74 e fui procurar um estágio, na época, no Jornal da Bahia. Havia um colega que era parente do dono do jornal. Mas nessa época, por conta de tudo, estava desempregada, despreparada, com medo de não encontrar o que fazer, porque não podia ser repórter. Para completar, aquela gordura me deixava mais insegura ainda e comecei a fazer um regime, não

comia para emagrecer, para ficar mais simpática para o mercado. Conclusão, tive um descontrole nervoso, porque tomava remédios controlados e não comia. No Jornal da Bahia, fiquei à toa, nunca via o meu colega, porque ele trabalhava na diretoria. Fiquei lá, acho que com uma cara de drogada, porque quem usa remédio assim fica com uma cara de drogada, mas não deve ter sido por isso, porque, na época, o que mais havia lá era cara de gente drogada. Eu era mais uma.

Você saiu ou foi demitida?

Não fui nem admitida, não fui vista, ficava lá “boiando”, sem fazer nada.

Na redação?

Na redação. Num belo dia, ocorreu o lançamento do livro de Vera Gondim e Sérgio Mattos, no Corredor da Vitória. Fui com uma amiga e quando cheguei lá, encontrei a Heloísa Gerbasi Sampaio, colega de faculdade, que perguntou: “O que está fazendo?” “Nada”, respondi. Ela ficou horrorizada. “Não quer trabalhar no A Tarde?”. Disse que só queria se fosse revisão. Ela pediu que a procurasse. Quando cheguei ao jornal, mal subi as escadas, Heloísa falou: “Você vai fazer uma carta pedindo emprego ao doutor Jorge Calmon”. Escrevi e ele: “Gostei da sua carta, mas acontece que tem uma candidata de dona Regina, dona do jornal”. A candidata era Vitória Lima, telefonista. Eu até gostei e disse: “Olha, tudo bem”. Quando ia saindo, Heloísa perguntou quando começava a trabalhar. Eu: “Ele disse que tem outra candidata”. Pegou-me pela mão e voltou à sala de Calmon. “Cora, nossa colega, é muito inteligente”. Foi assim que ela “vendeu o peixe”. Aí ele me contratou. Isso foi em 1978.

Embora o jornal A Tarde pagasse bem, achava que era pouco dinheiro e todo mundo se queixava. A revisão era o repórter mais baixo. Sempre brincava que quando o motorista de ônibus sabia que estava ganhando igual a gente, eles faziam uma greve, e a gente não podia fazer greve.

Então, você se formou em 74, estava há quatro anos sem emprego?

Sim. Estava com quatro anos de formada. Tentei ser auxiliar de assistente social, viajei ao Recife para fazer um curso de auxiliar, mas fiquei sem fazer nada durante quatro anos.

Aí entrou no jornal A Tarde?

Entre no jornal A Tarde, no turno da noite, porque a outra candidata ao cargo, a Vitória, foi para o turno vespertino. Trabalhávamos eu e mais seis homens, na época do linotipo. Então, era cigarro, café, muita zoada no linotipo, briga. Estava achando bom, interessante e o pessoal me ajudando, eu revisando. Fiquei um bom tempo à noite.

Havia bebida também na revisão?

Não. Só cigarro, café e barulho.

Como era trabalhar com o linotipo?

O linotipo era um sistema de impressão a quente, com uma liga de antimônio e chumbo. Era uma zoada muito grande, uma sala enorme. Uns sete ou oito linotipistas que operavam o sistema. Ficava muito perto da sala de revisão. A gente corrigia o que vinha da redação, o que já tinha passado pelo editor e pelo *copy desk* e ia para a última cheragem para ir rodar. Isso atrasava, a gente saía, às vezes, à 1, às 2 horas da madrugada.

Chegava a que horas?

Começava meu trabalho às 19 horas, sem hora para sair, porque o fechamento do jornal variava, podia ser à meia-noite ou às 3 horas. Depois, a gente ia para casa em uma Kombi que entregava o jornal. Havia poucos bancos, os homens, geralmente, iam agachados no chão. Eu morava no Largo Dois de Julho, era a última a ser deixada em casa. Dormia até ao meio-dia, para acordar novamente e ir para o jornal.

Que vidão...

Era um vidão, uma vida diferente, bem de escrava, mas gostava do trabalho. Andava muito pelo jornal todo, sempre andei muito, porque era muito ansiosa e gosto de conversar.

O que significou para você a revisão. Foi um lugar em que você se encontrou?

Gostei quando cheguei à revisão, porque me senti útil. Tinha feito jornalismo, precisava dar uma resposta a mim mesma pelo que tinha feito. Eu estava dentro do jornal, me esmerava para corrigir direitinho, me preo-



FOTO: ERNESTO MARQUES

Começava meu trabalho às 19 horas, sem hora para sair, porque o fechamento do jornal variava, podia ser meia-noite ou 3h. Depois, a gente ia pra casa em uma camionete Kombi que entregava o jornal.

cupava, ia lá em cima, gostava de perguntar aos meus colegas. Adoro grupo.

Quem foi do grupo dos colegas?

Na faculdade, eram 60 alunos. Eram Rui Espinheira, Bonfim Caetano dos Rosários, Gustavo Tapioca, Heloísa Gerbasi Sampaio, Suzete Rebouças Sampaio, Antônio José, Daniel Oliveira, que na época era da Petrobras.

Quando chegou à revisão, você se sentiu uma estranha no ninho ou se sentiu em casa?

Comecei a me interessar, a me descobrir fazendo as coisas, testando o que sabia. Agora, quando passou muito tempo, percebi que fiz jornalismo, que gostava de escrever. Uma coisa interessante na minha família, eu pequena, minha mãe na cozinha com as minhas tias, ela era repentista, fazia cordel, uma dizia: “Você é feia, horrorosa”. A outra: “Pior é você que é aleijada”. Também escrevia quando estava fazendo faculdade. Lembro que tive uma gripe e fiz um texto que falava da gripe como se estivesse apaixonada. Levei esse texto para o professor [de português] Raul Sá ver. Ele achou muito interessante. Quando estava no jornal e comecei a fazer a revisão, parou a vontade de escrever. Não queria mais porque comecei a ficar muito perfeccionista, só queria escrever certo. Depois de muito tempo comecei a fazer umas matérias e o cordel. Fiz um para Evanice Santos, [Lady Eva] minha colega de faculdade e de jornal. E Setúbal, ilustrador, ilustrou. Disse que ia colocar meu nome no livrinho e eu: “Não gosto de aparecer, não queria o meu nome”. Lembrei que era do Recôncavo e botei o pseudônimo “A Sabiá do Recôncavo”.

O salário da revisão era bom?

Embora o jornal A Tarde pagasse bem, achava que era pouco dinheiro e todo mundo se queixava. A revisão era o repórter mais baixo. Sempre brincava que quando o motorista de ônibus sabia que estava ganhando igual a gente, eles faziam uma greve, e a gente não podia fazer greve. Não me servia para muita coisa, mas todo mês esquecia o quanto ganhava, já era uma defesa, porque era pouco.

Quanto tempo você acha que durou o linotipo quando você entrou em 78?

Durou mais uns dois anos, enquanto estava lá, depois veio um outro sistema, o da digitação. O material que vinha da redação digitado. O trabalho de revisão era sempre feito em dupla, desde o linotipo. Um lia o original em voz alta e outro acompanhava com a prova, para ver se correspondia, fazendo as emendas, as correções das falhas do digitador e também emendava o original, que, às vezes, da redação vinha com erros. A gente tirava mais erros vindos da redação do que do próprio digitador, porque tinha de fazer as alterações. A revisão cobria o trabalho do *copy desk*, do editor. Às vezes, era preciso fazer essa mudança, alterar tudo.

Chegavam textos de jornalistas famosos, cuja escrita não era tão maravilhosa quanto você pensava?

Sim. Quem tinha bom texto, havia dia que estava com o texto péssimo, errando coisas primárias e é o revisor que tem de pegar. Aí a gente ia à redação, para ver se era mesmo erro ou se a gente estava equivocada. Porque ser revisor é você ter dúvida, o revisor é o oposto de quem escreve. Quem escreve, ge-

ralmente, é muito vaidoso; e o revisor, não. A revisão está fazendo falta, porque, no jornal, havia um que sabia mais de cinema. Outro gostava de religião, era preciso tirar as dúvidas. A gente conversava de tudo, discutia de tudo, tomava bastante café, comia o que vinha. Na hora brigava, brincava e discutia. Era um ambiente muito bom, eu achava muito interessante ser da revisão. Clodoaldo Lobo, o grande jornalista, quando acabava o trabalho dele, ia “peruar” na revisão. Muita gente da redação ia na revisão para trocar ideias. Também há aquela coisa interessante. Adroaldo Ribeiro Costa era uma pessoa que, às vezes, usava um termo diferente. Se ele usou, deve estar certo, mas deixa perguntar a ele. Dizia que estava certo, se não, agradecia [a correção]. Enquanto fazia a revisão, eu e os colegas tínhamos trabalho frila, para outros lugares e a gente sempre trabalhava em dupla. A colega Pérola Catela era convidada para fazer um trabalho, me chamava... Uma vez fiz um trabalho para a Secretaria de Minas e Energia. Não sei por quê, esse trabalho fiz sozinha. Gostaram muito e me chamaram para trabalhar lá. Eu, covarde, a insegurança vinha pela ausência, também chamei uma colega para ir comigo. Disse: “Se eu tiver a ausência, você me dá cobertura”. Não deu outra! Quando cheguei lá, tive ausência. Ela foi contratada e eu não.

Quanto tempo você continuou, à noite, nessa vida?

Fiquei, mais ou menos, uns dois anos à noite e sempre falaram que quando tivesse uma vaga à tarde, seria transferida. Então, fui para [a] tarde, um turno mais tranquilo, das 13 às 18 horas. Não havia aquela pressão, eram textos melhores. Não porque o repórter fosse melhor, mas por serem matérias mais leves.

Quantas pessoas trabalhavam, em média, na revisão?

A equipe era formada por 11 ou 12 pessoas em cada um dos três turnos. Pela manhã, a quantidade era menor: duas duplas e uma chefia, uma subchefia. À tarde, umas seis duplas ou cinco, com a chefia, mas a subchefia trabalhava como revisor também. À noite, era mediado, não era tanto como à tarde, mas era mais do que pela manhã. Umis oito pessoas e tinha como chefe geral Gerbásio.

Quanto tempo você ficou na revisão?

Vinte e três anos e nunca fiz reportagem. Houve o caso de “O outro lado da notícia”,



FOTO: ERNESTO MARQUES

coluna de Carlos Heitor Cony. Quando não chegava a coluna, eu ocupava esse espaço. Ocupi umas cinco ou seis vezes. Fazia um texto meio de improviso, mas como tinha um tempo para fazer, preparava antes, sabendo que quando tivesse a oportunidade, podia colocá-lo. Eram crônicas, umas coisas inventadas, sempre da minha cabeça. Uma época, o jornal reuniu os cronistas e publicou um livro: “Os destemidos navegantes do Ultraleve” [baseado nas crônicas publicadas na coluna Ultraleve] para dar aos clientes e eu fui a única mulher na obra.

Você sonhava um dia ser escritora?

Quando escrevia, sempre gostava de surpreender, sou um pouco engraçada. Na época da Covid, em 2020, fiquei muito ansiosa, porque gosto muito de sair e tive de ficar em casa. Morava em um prédio que tinha uma garagem descoberta muito grande, a única coisa que podia fazer era andar na garagem. Comecei a escrever, fazer versos, cordel em série falando da Covid. Escrevi bastante, porque também não gosto de nada de tecnologia, mal sei digitar no celular, não gosto de ver nada em rede social. E outra coisa: só sei escrever, não corrigir [o próprio texto], aí peço a minha sobrinha que corrija. Gosto de criar. Morando agora no Campo Grande, o Carnaval é um prato, que nunca vi uma coisa tão séria. Aqui se corta a árvore para festa, não é na época da poda. Que perversidade é essa? Uma matança das árvores na época do Carnaval para passar o trio elétrico. Uma coisa terrível.

Saiu do A Tarde porque se aposentou?

Fiquei no jornal A Tarde até 1999, 23 anos. Acho interessante contar os trabalhos *freelancer*. Escrevi, por exemplo, um livro para Norberto Odebrecht: “Crescer, desenvolver e multiplicar”. Um homem muito inteligente. Trabalhando no jornal, sempre indicavam o meu nome. Escrevi uma parte da prova do primeiro livro de Irmã Dulce, para Valber Carvalho. Mas, respondendo à pergunta, fui demitida do A Tarde pela transição que aconteceu, a mudança para computação. Não só eu, várias pessoas foram demitidas, em 1999.

Não ia existir uma revisão?

O jornal terminou com o departamento de revisão. Na época, só tinha 23 anos de contribuição para o INSS. Estava com 51 anos e precisei ficar pagando como autônoma. O

jornal A Tarde foi o meu primeiro e único emprego [formal].

Quando você foi demitida, fez o que para sobreviver?

Eu tinha comprado um apartamento à vista em 98, um ano antes de ser demitida. Tinha um recurso no FGTS, um dinheirinho juntado e estava muito preocupada com os rumos do país, com medo de [presidente Fernando] Collor. Então, me apressei para comprar um apartamento e o que fiz para sobreviver foi virar dona de pensão. Pensei em alugar a dependência da empregada. Queria que [o pensionista] fosse homem, porque ia para a rua e eu não via. Nisso apareceu uma menina. Eu disse: “Se for arruaceira?”. Ela: “Não vou ficar com o quarto, porque é muito pequeno”. Ponderei que, futuramente, alugaria o quarto do corpo da casa. Ela pediu para ver e queria ficar. Ficou.

Como tocou a vida?

Fiz muito trabalho frila. O jornalista Carlos Navarro estava em São Paulo e uma pessoa estava precisando de uma revisão em Salvador. Ele disse: “A única pessoa que posso indicar é Cora”. O trabalho foi mais um mês de salário para mim e foi assim que sobrevivi enquanto estava pagando o INSS. Levei três anos para me aposentar, com a ajuda desses trabalhos *freelancer*.

O que você lembra de coisa curiosa que ocorreu na revisão? Erros que geraram demissão ou que geraram pitos do doutor Jorge.

Quando [Federico] Fellini estava doente, prestes a morrer, o A Tarde desceu o primeiro caderno para passar a página, dizendo que ele tinha morrido e um colega meu, João Saldanha, estava lá. Como gostava muito de cinema, estava acompanhando a situação e disse: “Ele não morreu”. Então, teve de parar o jornal, embora já tivessem rodado umas páginas com uma notícia errada, que ia ser um terror. A revisão foi quem salvou o jornal de passar esse vexame, com esse erro grave. Certa vez, um colega deixou passar uma nota fúnebre, “Morre José Carvalho”, saiu sem o “v”, saiu Caralho. Foi uma coisa muito séria, porque, inclusive, era matéria paga. Outro caso foi de dois colegas que estavam estafados e deixaram passar um termo trocado: almirante de esquadra, por almirante de esquerda, isso no tempo da ditadura. O almirante foi reclamar,

achando que era uma coisa proposital. Por falta de sorte, o título também estava com o mesmo erro. Doutor Jorge ficou furioso e demitiu os dois dizendo: “Se fosse só um erro, eu não demitiria, mas como o erro está também no título, os caras estão achando que é deboche”.

Você fez uma cirurgia redentora no final dos anos 90.

Meu médico, Aroldo Bacellar, neurologista, falou sobre uma cirurgia para fazer no crânio, em São Paulo. Ele foi ao jornal conversar com o doutor Jorge Calmon para pedir licença para eu fazer a cirurgia, porque ia levar uns dois meses ausente. Doutor Aroldo me acompanhou no Hospital das Clínicas. Já saí daqui com um diagnóstico de epilepsia parcial complexa. A cirurgia foi marcada, mas tive uma ausência lá e precisei fazer outro exame. Aí fui saber que tinha um cisto de aracnoide, na área temporal esquerda. Se eu operasse no dia anteriormente marcado, ia continuar com a ausência e teria uma paralisia no lado aparentemente são.

Vitória da medicina.

Voltei ainda com muita alteração. Fiquei com síndrome do pânico depois da cirurgia e com depressão. Curei-me de uma coisa e estava pior da outra. Precisava fazer terapia e tudo. O doutor Aroldo me explicava assim: “Olha, Cora, a pessoa se desequilibra quando perde uma coisa ruim, você sente falta. A sua ‘muleta’ era a doença, você está sentindo essa falta”. Sempre acreditei no doutor Aroldo, mas achei que ele estava maluco dessa vez, não acreditei. Mas comecei a fazer as terapias. Foi na época em que apareceram os Florais de Bach. Fui tirando o tranquilizante e fiquei boa. Voltei para o jornal e estava muito feliz. Aí, com Chico Muniz, fizemos uma matéria sobre a epilepsia...

E aí acabaram os problemas.

Eu me vi livre desse problema, não tenho mais nada, graças a Deus. Não tomo remédio, estou desmamando e também não tenho mais a ausência.

Valeu a pena, você acabou achando o melhor local de trabalho?

Olhando a minha história, de 77 anos, vejo que fui uma pessoa feliz. Venci as etapas e até escrevi assim: “Neste mundo de concreto, asfalto, desmatamento e poluição, eu sou um arbusto que sobrevivi”. Pronto. ■

A Neoenergia Coelba está investindo cada vez mais por você.

Só em 2024,
+ de **R\$ 3 bilhões**
investidos na rede elétrica.

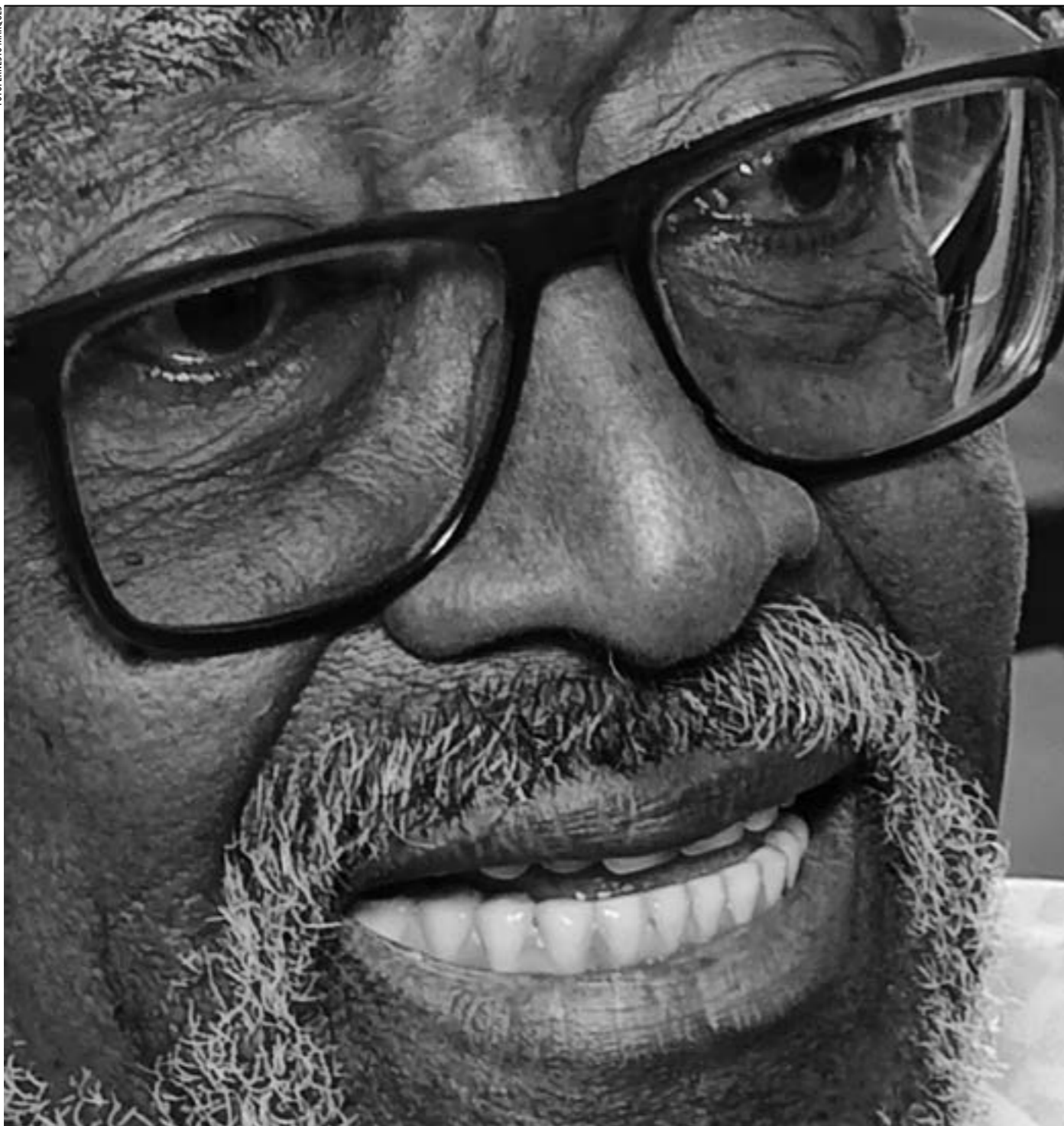
+ 209 mil novas ligações.
+ 12 subestações
construídas ou ampliadas.

E até 2027 serão investidos
+ de **R\$ 10,3 bilhões**
para levar mais energia à vida
de + 14 milhões de baianos.



Neoenergia
Coelba

Mais por você



Dalvo Santana

O cinegrafista *tem que ser tudo: iluminador, produtor, cenarista, para se tornar um bom profissional*

Dalvo Santana Ferreira foi um dos primeiros cinegrafistas da TV baiana. Aprendeu a ser barbeiro, mas quando o movimento hippie virou moda, com tanta gente cabeluda, resolveu tentar a sorte em outra área. Entrou na Aratu como auxiliar de cinegrafista, mas como sabia fotografar, logo passou a usar as câmeras de 16 milímetros usadas nas reportagens de rua da emissora. Com o tempo, vieram os primeiros e pesados equipamentos portáteis de videotape e Dalvo foi se aperfeiçoando na profissão, até se tornar uma referência. Generoso e parceiro com os colegas, ensinou a muitos jornalistas a função de repórter de TV. Sempre procurava os melhores ângulos, as tomadas mais criativas. Essa verdadeira enciclopédia dos primórdios da reportagem televisiva de rua fala de sua trajetória recheada de alegrias e algumas mágoas, neste depoimento conduzido por Valber Carvalho, que contou com a participação da grande parceira de trabalho de Dalvo, a jornalista Socorro Araújo.

Como foi sua infância?

Nasci em 20 de agosto de 1943, Cidade Baixa, Itapagipe, bairro Massaranduba. Filho de Maria Luiza de Santana, mãe solteira, e foi uma época muito difícil. Estudei no Instituto Educativo Brasileiro e na Escola Baiana. Tudo lá em Itapagipe mesmo. Primeiro numa escola em que comecei, a escola Santo Antônio, que depois passou a ser de Irmã Dulce, lá em Roma [bairro da Península de Itapagipe], que era no Caminho de Areia e foi para Roma. Meu avô, Valenciano, era pescador e minha mãe fazia cuscuz e mingau para poder criar quatro filhos sozinha. Meu pai foi um homem que me fez, me largou no mundo, nem me registrou. Sou registrado por outro homem com quem minha mãe veio a [se] casar e me registrou como filho dele. Nossa vida de criança era pescaria para sobrevivência. Havia umas roças que a gente também invadia e dava aquela roubadinha de criança. Uma vida sadia da minha época. Naquele tempo, a gente não filava aula, porque senão caía no couro mesmo. Agora, o seguinte: havia o bonde e a passagem era 200 réis. A gente guardava aquele dinheiro pra comprar merenda e ia andando até [o bairro de] Roma. No caminho, a gente parava para bulir nos despachos de macumba, pegar o dinheiro, para comprar merenda. Pegava com a mão esquerda, urinava. Diziam que se urinasse não pegava nada. E nosso recreio do colégio era onde havia o galinheiro de Irmã Dulce. Fui um dos meninos que beijou e fui beijado pela Santa Irmã Dulce.

Que idade?

De 7 pra 8 anos. Nessa idade, eu ia com minha irmã.

O galinheiro surgiu em 1949. Nessa época de que você está falando, só havia o galinheiro, no qual ela começou a colocar pessoas dentro. Não havia albergue ainda.

Não existia albergue, havia só o colégio e o fundo, que depois veio a construir, e havia o Círculo Operário. Minha mãe era sócia do Círculo Operário, depois veio o Saps, que era restaurante.

Vocês comiam no Saps – Serviço de Alimentação da Previdência Social?

Não, porque a criança não podia. Vim comer no Saps quando rapazinho, [depois] que eu aprendi a profissão de barbeiro.

Lembra como era a relação de Irmã Dulce com as professoras e os alunos?

Melhor impossível. Irmã Dulce era uma pessoa legal, agora era mais nova, cheia de saúde, tratava todo mundo bem. Ela sempre foi assim.

Depois foi para qual escola?

Com 12 anos, fui para o Instituto Educativo Brasileiro, professor Assunção, na Lélis Piedade, Ribeira. Estudei um ano lá, que eu morava na Ribeira. Depois, voltei a morar na Massaranduba, saí de lá, estudei na Escola

Baiana, ali mesmo na Massaranduba, [Rua] Professor Isaías Figueiredo.

Quando você começou a se interessar pela área de comunicação?

Minha profissão era barbeiro. Trabalhei numa barbeariazinha na Calçada [o bairro]. Depois, fui embora para o Rio de Janeiro, no início de 70, mas não gostei da vida lá. No fim do ano, voltei. Estava na época de cabeludo, de hippie e eu disse: não vou trabalhar de barbeiro. Vou trabalhar com qualquer outra coisa, assinar a carteira. Meu cunhado, José Ailton de Almeida, trabalhava na TV Aratu. Era laboratorista e cinegrafista. Convidou-me para ser auxiliar de cinegrafista, que naquela época chamava de “pau de luz”. O salário é baixo, mas é bom, não quero mais é ser barbeiro. Fiquei um ano e pouco. Aí, fui para a TV Itapoan, ver se tinha uma vaga. Na época, só havia Aratu e Itapoan. Mas na Itapoan não havia vaga, então fui aprender outras coisas. Trabalhei em fábricas, na Souza Cruz, numa fábrica de vidro e fui me virando na vida. Quando saí da Souza Cruz, tirei a carteira de motorista, fui trabalhar na estrada, com a firma Rodoteca, a serviço do Derba [atual Departamento de Infraestrutura de Transportes da Bahia]. Trabalhava fazendo recapeamento e uma estrada entre Nazaré e Santo Antônio de Jesus. Quando voltei de lá, um ano depois, José Ribeiro Bonfim, que estava na Itapoan, convidou-me a ir para lá. E eu: “Não, não quero mais saber de televisão, que é uma falsidade pura, e não gosto de meio falso”. Ele: “Vamos. Você vai ser meu assistente”. Então, fui.

Voltando um pouco, quando retornou do Rio e foi para a TV Aratu. Por que saiu de lá?

Tinha 27 anos quando fui para a Aratu. Entrei em dezembro de 70 e em 72 fui demitido. Racismo. Quem me botou na rua foi [o chefe do jornalismo] Antônio Sampaio. Depois, ficou me “lambaiando” quando estávamos na TVE, entendeu? Só queria que eu fosse fazer as matérias, pelo meu trabalho. Com pouco tempo, aprendi essa porra, sem ninguém me ensinar. Em 76, fui para [a] Itapoan. O chefe da cinegrafia era Arapiraca. Então, o Zé Ailton ligou para ele, disse: “Arapiraca, meu cunhado está aí com Ribeiro, mas ele sabe fotografar, sabe filmar muito bem”. Veio falar comigo e me jogou para ser cinegrafista.

Até então, você só era assistente. Qual era o papel do assistente naquela época?

Eu era assistente de Ribeiro. Fazia ilumina-

ção para ele filmar, porque naquele tempo era a máquina de filmar. Não havia [vídeo] tape. Câmera de 16 milímetros. Muda, sem som. Depois, ia para [a] moviola, fazer a montagem e os jornalistas iam fazer o texto em cima daquilo ali, na hora marcada, tudo cortado, legal. Era uma televisão que nós fazíamos artesanal, com amor.

O texto do jornalista era feito já da redação?

O texto era feito na redação e ia para o estúdio na mão do apresentador. Ele lia ali e, em cima, cortava para as matérias que ele chamava. Soltava [o filme] em cima.

Vocês faziam quantas matérias por dia?

Saíamos com 100 pés de filmes. Então, eles pediam, digamos, três matérias de 20 segundos cada uma.

Então, o filme com que vocês saíam dava para fazer 3 matérias de 1 minuto.

Sim. Mas daquele minuto ainda cortávamos alguns segundos, entendeu? Que era para dar tudo no horário certo.

Não havia gente falando da rua.

Não, não havia fala. Filme mudo, o texto era feito na redação. Com o tempo, chegou uma Sony, uma camerazinha pequena com o VT que o cinegrafista levava a tiracolo. Aí já havia áudio, já era vídeo. Ia então para a rua com essa câmera. Ela editava. Você podia pará-la numa matéria e ligar, e ela colava [o vídeo].

Isso já foi um avanço.

Havia cinegrafista que não sabia disso. Então, Paulo Alberto dizia assim: “Olha, Dalvo, quero essa matéria pré-editada para poder a gente chegar da rua e ir para o ar direto”. E aí a gente tinha de se virar. Chegava aqui, ele via, fazia o texto, coisa e tal e jogava no ar. Uma tarde, [o repórter] Zé Raimundo tinha de fazer um texto de uma matéria na rua.

Minha profissão era barbeiro. Trabalhei numa barbeariazinha na Calçada [o bairro]. Depois, fui embora para o Rio de Janeiro, no início de 70, mas não gostei da vida lá. No fim do ano, voltei. Tava na época de cabeludo, de hippie e eu disse: não vou trabalhar de barbeiro. Vou trabalhar com qualquer outra coisa.

Acompanhava assim: “Vou filmar a Praça da Sé”. Ele vai falar: “O cinema Excelsior, a Cruz Caída...”. Quando dava pausa, ele já estava em cima da câmera. Era uma piração.

Ele ficava falando um texto...

Eu dizia a ele que fizesse o texto para ele ler perto de mim. Ele lia ao meu lado, pause aqui e leia aí ao pé de mim. Lia em voz que eu ouvia. Aí eu cortava na hora tudo em cima, assim “tum-tum-tum”. E ia ao ar.

Quando você entrou na Itapoan, a câmera exigia conhecimento de luz, de diafragma. Já que você não era a pessoa que operava a câmera, como é que você adquiriu isso?

Quando fui para a Itapoan, já sabia fotografar. Fiquei desempregado na Aratu, peguei uma máquina fotográfica do meu cunhado e disse: “Vou ganhar dinheiro”. Fazia álbum de casamento, entendeu? E comecei a trabalhar. E Ailton trabalhava na Aratu, no laboratório. Então, ele levava o filme, revelava lá, tudo. Quando o Ribeiro chegou lá, ficou empolgado com meu trabalho. E aí fui adquirindo conhecimento por mim.

Lembra quando chegou essa Sony lá na TV Itapoan?

Essa Sony pequena chegou lá mais ou menos em 77.

Só veio uma câmera. Essa câmera veio para você?

Quem a usava era Ribeiro, então eu trabalhava com o filme, ele com a câmera Sony. No futuro, eu já comecei a pegar na câmera. Peguei a primeira vez com [o repórter] Luiz Brito, para fazer esporte. Não conhecia a câmera, peguei, fiz meu trabalho. Quando chegou, o pessoal viu, gostou: “Agora você pode sair direto”. Primeiro, não confiavam em mim. Entendeu?

Você ficava num turno, Ribeiro no outro?

É. Ribeiro era no turno da manhã e eu no

FOTO: VALBER CARVALHO



“Cheguei cedo à televisão, peguei a câmera, humildemente, botei, liguei, olhei os filtros todos e filmei a sala, fiz umas tomadinhas, fui para a ilha de edição. Ivan Pedro estava lá e eu: “Olha essa fita aí, Ivan”. Quando ele meteu, abriu um colorido, meu irmão! Lindo!”

da tarde, entendeu? Quando o Ribeiro saiu, o Ivan Pedro me propôs de fazer hora extra no horário de Ribeiro. Eu disse que não, mas acabei aceitando. E comecei a trabalhar de manhã e à tarde, até Pedro Irujo comprar a televisão. Começaram a chegar materiais novos, umas câmeras gigantes, Pex, parecia um monstro. Ivan Pedro disse: “Dalvo, não saia porque vai chegar um cinegrafista de Brasília para lhe ensinar”. Chegou um menino bonito, novinho. Quando olhei, digo: “Hum! Isso aí não chega nem para mijar”. Ele “quebrou” a câmera no meio, abriu isso aqui. Eu: “Vamos com calma aí. Aqui você liga, aqui bate e tal. Quero os nomes do filtro aí, 85 watts, 5b”. Então, ele não soube dizer o nome do filtro. Saiu do trabalho tomando 1 a 0 de mim. Ele: “Porque aqui é para luz, isso aqui é para chuva”. E eu: “Quero o nome, rapaz. Se você disser o nome assim, qual é pra luz, pra chuva, incandescente e fluorescente”. Mas o filme com a máquina nova ficava todo verde. Foi um corre-corre. Fiquei na minha. No outro dia, cheguei cedo à televisão, peguei a câmera, humildemente, botei, liguei, olhei os filtros todos e filmei a sala, fiz umas tomadinhas, fui para a ilha de edição. Ivan Pedro estava lá e eu: “Olha essa fita aí, Ivan”. Quando ele meteu, abriu

um colorido, meu irmão! Lindo! Depois, fui me inteirando com o menino de Brasília, ficamos até legal. E um dia ele chegou: “Olhe, aqui de vocês só respeito esse nego aqui”. Aí foi embora para Brasília.

Como era o nome dele mesmo?

Todo mundo chamava-o de Laxu. Com o passar do tempo, ele apareceu na televisão. “Rapaz, você quer ir para a Globo de Brasília comigo?”. Mas sempre fui um cara covarde, disse não. Depois me arrependi por não ter ido.

Você começou a sair com quais repórteres?

Luiz Almada, Zé Raimundo, Socorro Araújo, Lúcia Almeida, Casemiro Neto e outros que agora me fogem da memória.

Qual era a maior dificuldade na época da Sony?

Teve de botar um assistente [de cinegrafista], porque o VT ficou mais pesado, ao contrário do pequeno da Sony. Eles tinham a mania de mandar o cara botar aquilo nas costas. Recusei porque já levava uma câmera de 14 quilos no ombro, o que até hoje eu sinto, e ainda levar um VT de quase 20 quilos nas costas? Ninguém é animal. Aí, tinha de ter mesmo, porque também era preciso fazer a iluminação. Hoje, a câmera está com iluminação em cima e com outra qualidade. Naquele tempo não havia essas qualidades, era tubo, não podia botar no sol que queimava o tubo.

Como era a relação dos profissionais lá, quando Pedro Irujo assumiu a televisão?

Quando Pedro Irujo equipou a televisão, todo mundo ficou alegre, principalmente a gente que trabalhava com sucata. Agora, ele só investiu em material, não investiu no material humano, entendeu? Mal assalariado.

Bem mal né?

Começou a trazer gente estranha, não valorizava o profissional, queria gente bonita, que chegou lá [e] só deu prejuízo. Quantas câmaras ele perdeu no estúdio, chamou os cameramen de fora. Um cara botou a câmera para a luz e queimou o tubo. Outro cinegrafista que veio do Sul queimou tubo também na rua. Então, era por isso que a gente passava. Ainda havia o problema de racismo. Racista na cidade de preto. A primeira coisa que ele fez foi tirar [o radialista] Silvio Mendes do ar, por ser preto. A coisa ficou russa, todo mundo trabalhando mal-humorado.

Você ficou na Itapoan de quando a quando?

Entre em 76 e saí em 85.

Lembre algumas reportagens que você fez na Itapoan que o marcaram.

Vou falar só de uma reportagem de que gostei muito, com Antonio Carlos Magalhães. Estávamos eu, [a jornalista] Socorro Araújo e meu assistente era August-

CURTA O VERÃO SEM ESQUENTAR A CABEÇA.

**BA.GOV.BR. ACESSE SERVIÇOS
PRA ADIANTAR O SEU LADO E SEU VERÃO.**

> DETRAN

> DOCUMENTOS

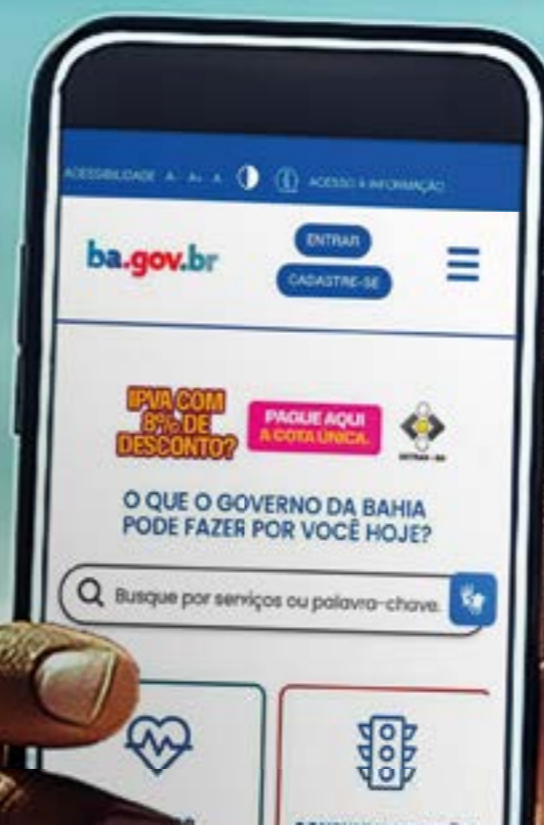
> MARCAÇÃO DE EXAMES

> DELEGACIA VIRTUAL

> FERRY HORA MARCADA

ba.gov.br

Faça ou atualize seu cadastro.



GOVERNO DO ESTADO
BAHIA

GOVERNO PRESENTE FUTURO PRA GENTE

tinho, no Palácio de Ondina. A iluminação era um *Sun Gun*, que abria o alumínio para clarear. Augustinho acendeu a luz e esqueceu-se de abrir o *Sun Gun*. Socorro apertando nas perguntas Antonio Carlos. E aí começou a esquentar o *Sun Gun* e o alumínio a derreter. Augustinho tremendo e eu: “Não desligue! Não desligue!”. ACM e ele com medo, pegando fogo mesmo. E Augustinho: “Faço o quê?”. “Deixa aí! Deixa aí!”. Sei que Socorro fez uma pergunta lá e encerrou a entrevista. Antonio Carlos Magalhães só faltou morrer de medo. E houve uma entrevista que nós fomos fazer com ACM na Igreja [de Nossa Senhora] dos Alagados. Naquela época do papa [João Paulo II]. E nós tínhamos de fazer uma entrevista com ele. Eu e [a repórter] Lúcia Almeida. Quando chegou lá, Lúcia, baixinha e tal, começou a apertar Antonio Carlos Magalhães, que foi ficando nervoso. Vi a hora de ele meter a mão nela, mas ele se aborreceu e deu as costas. Eu, inteligentemente, digo, ele vai voltar. E continuei com a câmera. Foi quando ele voltou e disse: “Vai-te para uma merda!”. Quando levei a matéria, o editor José Barreto botou no ar. Ficou um negócio bonito!

Como foi o episódio com Glauber Rocha, que estava filmando “A Idade da Terra”?

Fui fazer uma entrevista com Glauber Rocha. O repórter era Alfredo Castro e meu cinegrafista era Raimundo Alves, conhecido mais popularmente por “Piranhinha”. E então chegou um cinegrafista de outra emissora lá, fez o trabalho dele e, na hora do meu, ele falou: “Filme essa reportagem!”. Glauber Rocha mandou o operador dele filmar a reportagem que eu estava fazendo com ele. Tenho o privilégio de estar no filme.

Você apareceu no filme?

Aparecemos eu, o repórter e o auxiliar.

Que outras reportagens fez com Zé Raimundo?

Lembro uma no Campo Grande, movimento estudantil. A máquina era a muda. Aí a polícia chegou. Naquele tempo, a polícia batia com cassete, apelidado de “fanta”. Corre para lá, corre para cá, e eu filmando. Daqui a pouco, um policial começou a massacrar um estudante. Comecei a filmar. Quando ele viu: “Você está me filmando?”. “Estou fazendo o meu trabalho!” Aí ele veio para cima de mim e tome-lhe fantada, eu dando para trás e filmando. Quando me senti acuado, disse: “Se você bater essa fantada aí, vou largar a câmera. Daí você vai ser

responsável por ela”. Ele instantaneamente parou. Vem chegando o superior dele: “O que está acontecendo?”. Ele disse: “Está me filmando coisa e tal”. “Estou fazendo o meu trabalho, não estou te filmando. Ele está fazendo o trabalho dele, eu fazendo o meu. Se o trabalho dele é bater, o meu é filmar”. Aí disse: “Vamos lá para os Afritos [quartel]”. Levaram-me e queria que eu fosse na viatura. “Na viatura, não. Não sou bandido, vou no carro da empresa em que trabalho”. Chegando lá, havia um major, oficial de dia. Eles contaram a versão deles. Eu sentado. “Tudo bem, vamos fazer o seguinte: você abre a máquina, tira o filme...”, disseram. “Não abro a máquina aqui”. Abre, não abre. E eu: “O problema é o seguinte: a máquina vai ficar aí, não vai? E eu estou preso?”. “Não, você não.” “Então, vou embora, vou comunicar e a empresa vem resolver o problema. O material não é meu”. Aí o major: “Peraí, rapaz. Não é assim, não. Quem é seu chefe?”. Ivan Pedro. Dei o telefone, ele ligou, conversou não sei o quê. Disse: “Está liberado”. Fiquei meio cismado. Quando cheguei à TV, eu mesmo fui revelar o filme. Quando botou na máquina lá para rodar, Ivan Pedro disse: “Vou botar no ar”. Eu disse: “É, porque se você não botasse no ar, nunca mais eu traria uma matéria dessa. Não ia me meter em mais nada disso, entendeu?”.

Olhando para a sua trajetória, qual foi sua melhor qualidade como cinegrafista de TV?

Respeitar os colegas e fazer o possível e o impossível para fazer um bom trabalho.

Coragem, ousadia?

Certa feita, nós tínhamos de fazer uma reportagem em Feira de Santana. Roubo a banco e a polícia encurralou o bandido em um sítio. Estávamos eu, Socorro e Augustinho, assistente. Então, aquela agonia, os bandidos estavam presos em uma casa, na qual tínhamos de botar um espelho para fazer imagem deles lá dentro. A polícia, rapaz, queria matar os caras. E o delegado que estava lá, o finado Amado Bahia, disse: “Olha, Socorro, qualquer movimento, se jogue no chão que é areia”. Começou o tiroteio, nos jogamos no chão. Em 2 minutos, mataram todo mundo, os presos todos.

Os reféns?

Os reféns mataram em 2 minutos. Quando entrei para ver os mortos, só na mão de um bandido havia 5 tiros. Uma coisa incrível aquilo. E os caras carregando. “Me filme

aqui!”, disse o policial. Não vamos filmá-lo carregando bagaço.

Existia essa preocupação em geral? Essa coisa de proteger a repórter ou o repórter?

Sempre gostava de proteger a equipe que saía comigo. Não eram só meus colegas, eram meus amigos. Aqui não há chefe, nem ninguém, nós somos uma equipe, nós saímos de comum acordo, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo. Por isso que sempre gostei de trabalhar em reportagem. Porque não havia chefe ali naquele momento. Eu ficava doido para ir à rua.

Você brigou muito por salário, não foi?

Nunca briguei por salário. Sempre perdi.

Chegou um momento, no ano de 1985, em que boa parte dos profissionais viu a possibilidade de ganhar um dinheiro mais decente na TV Educativa da Bahia, que estava pagando salários para repórter e para cinegrafista muito melhores do que a maioria. Como é que você ficou sabendo da notícia?

Fui fazer uma entrevista com o diretor do Irdeb na época. Quando chego lá, ele estava iniciando a TVE, foi meu diretor na Itapoan, Carlos Alberto Simões. Ele pediu que mandasse meu currículo, mas eu ainda trabalhava na Itapoan. De repente, acharam de me dar o bilhete azul. Pedro Irujo não gostava de preto. Nós tivemos uma polêmica lá. Ele aproveitou e pediu minhas contas. Cheguei e disse em casa que as coisas iam começar a apertar. Desempregado, filho novo, minha filha nova. Uma semana depois, chegou um telegrama, me chamaram para ir à TVE. Fui contratado.

Qual foi a melhor parceria que você teve?

Socorro e eu foi uma coisa que deu certo. Cinegrafista e repórter. A gente se comunicava bem, em harmonia. Nunca brigamos, nunca discutimos. Doze anos de um casamento perfeito. Depois, ela saiu. Deixou-me viúvo.

O que você acha que dava a liga de vocês dois?

É porque a gente combinava: vamos fazer aqui, vamos fazer mais aqui. O que ela falava, eu aceitava; o que eu falava, ela aceitava. Então, tudo isso dá certo sem brigar, sem nunca discutir com nada.

Fale, Socorro. Lembre alguma coisa. Acrescente algo aí, por favor.

Socorro Araújo: Não, na verdade, ele foi



FOTO: VALBER CARVALHO

Quando a gente chega perto do Corpo de Bombeiros, tinha uma criatura lá, querendo encarnar alguma coisa. Aí eu cheguei no ouvido dela e disse: “Eparrei!”, e ela começou a se tremer. Eu comecei a filmar. Valber ficou perguntando o que foi que fiz para a mulher pegar? Eu disse: “Não, não sou pai de santo”.

meu professor. Tudo que eu aprendi em televisão foi com ele. Quando cheguei, dei sorte, né? Porque ele é muito intuitivo. Bastante inteligente. Então, ele sabia mais de jornalismo do que eu, que passei cinco anos numa faculdade.

Isso que você está falando é no início, na TV Itapoan, não é?

Socorro Araújo: Isso. Então, cheguei fresca, saída da faculdade, cheia de teoria, nenhuma prática. Mas ele me dava dicas e me ensinou nesses 12 anos, todo o tempo. Dava toque. Entendi a personalidade de ACM.

Dalvo: Com ACM, houve uma ocasião mesmo que ele ia até bater nela! Vi que ia acontecer e eu pá! Entrei e ajeitei a coisa.

Socorro Araújo: Foi na Telebahia. Fiz uma pergunta que pensei que fosse boba, mas tinha questão política, porque ele estava brigando com Carlos Alberto Simões, e eu não sabia. Ele achou que a pergunta foi encomendada e não foi. Perguntei sobre a entrevista de Brizola, em que Brizola tinha dito que ele era o pior ministro das comunicações. Ele virou pra mim: “Quem está mal é a TV Educativa, cheia de comunista!”. Dalvo percebeu nessa hora a minha saia justa. “Ministro, chegue um pouco para cá, que está sem luz.”

O que é que a TVE trouxe de novidade na sua vida e na vida dos baianos?

Quando fui para a TVE, mudei da água para o vinho, porque o salário era melhor de tal maneira que, quando a gente ia tomar uma cervejinha no Bar da Fonte, a turma dizia: “Chegaram os marajás!”. Mas, no futuro, veio para a estaca zero, entendeu? A estaca zero para mim, um salário baixo. Quando saí de lá, não senti saudade de nada.

A gente foi uma vez fazer uma reportagem, no dia de Santa Bárbara, descendo a Ladeira da Praça. Aí uma mulher começou a se balançar, Dalvo chegou no ouvido dela e falou: “Eparrei!”, e se afastou. A mulher “incorporou” na hora e a matéria com imagem. Conta essa história aí.

Quando a gente chega perto do Corpo de Bombeiros, tinha uma criatura lá, querendo encarnar alguma coisa. Aí eu cheguei no ouvido dela e disse: “Eparrei!”, e ela começou a se tremer. Eu comecei a filmar. Valber ficou perguntando o que foi que fiz para a mulher pegar? Eu disse: “Não, não sou pai de santo” [risos]. Ela que pegou lá, se manifestou. Eu tinha essas besteiras que fazia na rua, que davam certo, sempre fui um cara de criatividade.

Qual é a reportagem que mais o marcou? Foi a do esquadrão da morte?

Foi quando eu entrei logo na Aratu, em 71. Alguém ligou, dizendo que iam desenterrar na [Avenida] Paralela os corpos que o [Manoel] Quadros matou. O cinegrafista era Ribeiro, fomos para lá e era uma mata. Só que nós levamos um gerador. Ligamos o gerador e começaram a cavar. [Foi] Lá que descobriram os corpos do hippie e do taxista. Desenterraram. Foi uma das matérias mais horríveis que fiz na minha vida.

Você estava lá no estádio da Fonte Nova em março de 71, dia da reinauguração, quando ocorreu aquela tragédia?

O estádio estava cheio, entupido. O povo ficou com medo, pensei que ia desabar. O cara soltou, parece, uma bomba e fez aquele movimento, coisa e tal. Tive inteligência de segurar a câmera, para correr para o meio do campo. Eu digo: “Vamos para o meio do campo, porque se arrebentar aqui não vai chegar o estouro no meio do campo”. Mas o povo estava correndo, aleatoriamente, maluco. Aquela agonia, câmera ruim, tem de ligar aqui, desliga aqui, tem de botar a bateria, tudo naquele tipo. Não havia material legal, não, era um negócio mesmo artesanal.

Na TVE, você chegou a participar de algum especial, algum documentário?

Eu era cinegrafista do jornalismo. Nunca gostei de trabalhar com produção. Queria me matar quando me botavam para produção, sabe por quê? Porque colocavam umas pessoas para me guiar, me orientar, que não tinham conhecimento. Então, não me sen-

tia bem. Saí com um cara, certa feita, vai ter produção. Fomos para a Rampa do Mercado Modelo, aquelas barraquinhas de frutas. O cara – esqueci o nome dele – cheio de pose. “Filma aqui”. “Você está mandando filmar contra a luz, não vai prestar”. Aí ficou aquela polêmica, eu disse: “Olha, você quer que filme isso? É isso que você quer, não é? Vou fazer, você vai olhar, se você não gostar, a gente repete. Fiz o meu trabalho. “Gostou?”. “É isso mesmo”.

Isso foi porque você queria ser o autor do seu trabalho?

É porque a pessoa que trabalha em produção é dirigida por alguém. No jornalismo, eu era tudo: iluminador, produtor, cenarista. O cinegrafista tem de ser tudo isso para ser um bom profissional. Vê ângulo. Olhar assim: “pam-pam”, ali vai ser melhor.

Qual o tipo de reportagem que você mais gostava de fazer?

Era geral. Gostava de estar na rua, aberto, vou para ali, subo e desço. Vou procurar o lugar para embelezar meu trabalho. Sempre procurei mais para embelezar meu trabalho, para o povo parar para olhar.

Qual era a dica que você dava para os repórteres que iam trabalhar com você?

Sempre preparava meus repórteres quando iam entrar no ar. Para eles [se] saírem bem. Procurava os melhores ângulos para fazer a entrada. Fica aqui assim, se põe assim, olha aqui. Queria vê-lo bem no ar, porque meu trabalho sai bem também, entendeu? Hoje, vejo gente botando repórter na contraluz, a sombra na frente, poxa. Fico falando sozinho em casa. “Ó, rapaz, você botou essa merda”.

Você acha que a facilidade do equipamento acabou produzindo profissionais mais preguiçosos na sua área?

Não tenho dúvida de que, com a facilidade do equipamento, hoje os caras não estão se ligando. Eu vejo os caras “pincelar” imagem aí.

O que é pincelar?

É vai lá, vem cá. Aí não dá pra mim, não acho aquilo legal, mas como está na moda...

Qual a grande injustiça que fizeram com você?

Trabalhava com o maior amor da minha vida, dava tudo de mim. Na hora em que eu botava a câmera no ombro, parece que eu incorporava, que eu esquecia que tinha de

fazer aquilo. Queria levar o melhor e cortaram o meu sonho.

Quem cortou? Quando?

Começaram a me perseguir, coisa e tal, me demitiram. Aí fui desgostando e procurei não me envolver mais com isso aí.

Você foi demitido da TVE?

Fui. Fiquei lá de 85 a 92. Quando cortaram meu sonho. Não sei o porquê, eu tinha e tenho a ficha limpa, cumpridor do meu dever. Nunca faltei, nunca botei atestado. Falsidade e picuinha. Depois que o diretor Carlos Alberto Simões saiu da TVE, virou uma picuinha.

Você tinha 49 anos quando você foi demitido. O que fez da vida a partir do momento da demissão?

Quando saí da TVE, Paulo Sampaio me convidou para a Aratu porque o diretor Nilo Coelho ia ser candidato a governador. Aí, em três meses, Nilo desistiu. Paulo me chamou, disse: “Você ia ser o cinegrafista para acompanhar o governo, mas não vai haver. Então, não vou continuar com você”. Daí desgostei, procurei fazer outra coisa e corri atrás da minha aposentadoria. Não queria mais saber de televisão, não procurei mais ninguém. Uma vez fui à TV Bahia falar com [Carlos] Libório, indicado por um repórter. Tínhamos sido colegas na Itapoan. Disse saber que havia uma vaga de cinegrafista. Ele simplesmente olhou e disse: “A gente vai aproveitar o auxiliar”. Só fiz olhar para a cara dele: “É. Admiro-me muito de você, que diz que gosta de qualidade”. Levantei-me da cadeira, dei as costas e fui embora.

A partir da saída da TVE, então não fez mais nada na área?

Fiz uns três *freelancers* com [Antônio] Fraga, que fazia comercial. Depois, esfriei e achei que não devia mais procurar nada. Tenho uma profissão de barbeiro, aí botei uma barbearia. Voltei à minha origem. E foi daí que consegui coisas que não consegui quando era empregado. Hoje, tenho uma casa na ilha, boa, graças a Deus. Nunca mais quis saber de câmera.

Qual sua última reportagem na TVE?

Minha última reportagem foi uma surpresa imensa para mim. Cheguei à TV, estava escalado para fazer o enterro de Irmã Dulce.

Domingo, 15 de março de 1992.

Fui com muito sentimento. Ela foi uma pes-

soa que me viu menino e acompanhei toda a doença dela, trabalhando. Nós acompanhamos mais de 15 dias. Uma equipe batia ponto. Eu, a repórter e o assistente. Quando voltei para a televisão, simplesmente me mandaram ir ao setor de pessoal. Quando chegou lá, o cara conversou comigo: “Infelizmente, sou eu que dou a pior notícia”. Eu disse: “Para mim, não, para mim foi uma maravilha. Já queria mesmo sair daqui. Não estava mais satisfeito de trabalhar na TVE”. Combinou que, com o enterro de Irmã Dulce, foi meu enterro também, profissional de televisão, entendeu? Parti para outro lado. E, graças a Deus, o outro lado me recebeu de braços abertos. Libertei-me.

A que você atribui essa memória e essa saúde?

Ainda dava para trabalhar um bocadinho, viu? Mas a idade chegou. Hoje, tenho de descansar, este ano faço 82 anos. Então, ainda estou com essa virtude toda, porque, criança, comi muito marisco. Meu almoço era um prato de marisco e farinha.

Era uma época em que, quem era de Itapagipe podia ser pobre, mas tinha proteção no ar.

Na minha época, de fome ninguém morria, porque o mar dava tudo. Eu estou aqui. Quem quiser aprender. E hoje ainda me cuida. Tomo maca [raiz dos Andes], farinha de linhaça. Eu não como 40 ovos, não, mas como 3, 4 por dia.

E a maca peruana!

Não tenho nem dúvida! Para poder sustentar o velho aqui.

A decisão de ir para a ilha foi também para ficar perto do mar?

Não. A decisão de ir para a ilha é porque corri atrás da paz e lá encontrei, porque nunca tive sorte com mulher, para viver agarrado com ninguém. Hoje, moro só, graças a Deus. Eu e Deus. Tenho três filhos. Um mora no exterior, outro está lá por Feira de Santana e minha filha está aqui, que é o amor da minha vida. Tenho duas mulheres que amo: minha filha e minha neta.

Alguma coisa que você queira dizer para encerrar a entrevista?

Para mim, valeu tudo que eu vivi. E só digo aos meus colegas que estão aí agora fazendo jornalismo: que façam por amor, não por dinheiro. Que a profissão é linda. Eu adorei sempre o que eu fiz. ■

Você sabe o que o Sistema Comércio faz por você?

Participe da **Semana S do Comércio de Bens, Serviços e Turismo**, o evento que conecta empresários, trabalhadores e suas famílias. Nos dias **16 e 17 de maio**, descubra oportunidades, participe de atividades exclusivas e fortaleça sua conexão com o setor.

Um jornada de atividades está prestes a começar.



16.05 Dia para empresários
17.05 Dia para trabalhadores e seus familiares
*De 11 a 17 de maio em alguns estados



TRANSFORMANDO VIDAS, FORTALECENDO EMPRESAS E DESENVOLVENDO O BRASIL.





FOTO: CINO VALENTE

Raimundo Lima

Hoje qualquer pessoa que não tem a mínima formação, *nenhum escrúpulo nem noção da ética jornalística* termina fazendo papel do jornalista'

As Parcas traçaram um destino luminoso, embora cheio de obstáculos a superar, para Antônio Raimundo dos Santos Lima. Bisneto de um escravizado, Lima teve infância humilde em Feira de Santana, onde nasceu em 1956. Viveu na Rua do Fogo com o pai, funcionário público, e a mãe, auxiliar de enfermagem, até passar no vestibular para Jornalismo na UFBA. Desde os 9 anos já fazia jornais-mural nas escolas onde estudou em Feira. Começou a vida universitária em Salvador, em 1975, ao mesmo tempo em que estreava na função de repórter na Rádio Sociedade da Bahia. Depois, presidiu o Sinjorba, passou pela sucursal d'O Globo, do Jornal do Brasil e da Tribuna da Bahia, onde ocupou

o posto de diretor de redação. Após um ano atuando como subsecretário da Prefeitura de Salvador, na gestão Lídice da Mata, aceitou o convite para reformular o Jornal de Angola, no país aonde chegou no início de 2000. Fincou raízes no continente africano, abrindo empresas de comunicação e educação que lhe permitiram implantar um programa de alfabetização, beneficiando milhares de angolanos. Tornou-se líder empresarial na terra de seus ancestrais e conseguiu pavimentar a carreira musical, antiga paixão, adotando o nome artístico de Rallie. Ele conta sua movimentada trajetória nesta entrevista a Valber Carvalho, com as participações de Mônica Bichara, Eliezer César, Benneh Amorin e Ernesto Marques.

Como foi sua infância?

Meu bisavô foi um escravizado. Meu avô, barbeiro; minha avó, feirante. Minha avó paterna, funcionária municipal, fazia limpeza de uma escola. Dificuldades financeiras na família [havia], naturalmente. Mas sempre tive facilidade para estudar e em escola pública. Fiz o exame de admissão sem ter cursado a 5ª série, ou seja, com um ano a menos de estudo e, entre 500 participantes, fui o segundo colocado. Cursei o ginásio no colégio municipal e depois o curso científico [o atual ensino médio]. Então desenvolvi uma liderança pela forma de me relacionar com os colegas. Cursando o científico, fui dirigente do Clube de Imprensa de Feira de Santana, da Casa do Estudante, dirigente do centro cívico do colégio municipal e sempre tivemos várias atividades, como por exemplo a criação de um jornal que se chamava Ciente Fico, no científico, com 2.000 exemplares impressos no Feira Hoje. Foi distribuído em todos os colégios de Feira. Nessa época, escrevi pela primeira vez para um jornal profissional comercial, o Folha do Norte. Fiz a coluna, "Koisa Estudantil". Antes, minha primeira experiência de jornalismo havia sido aos 9 anos, no Centro Escolar Agostinho Fróes da Mota, quando criei o jornal-mural. Depois disso, com uns 12 anos, criei outro jornal-mural no grupo de Escoteiros de Feira de Santana.

E o vestibular para Jornalismo?

Quando fiz o vestibular, houve um episódio que me

marcou muito. As rádios anunciavam as pessoas que tinham passado no vestibular da Universidade Federal da Bahia. O resultado saiu de madrugada. Desculpe [a emoção]. Então, quando a Rádio Sociedade da Bahia anunciou meu nome como aprovado, saí com meus pais para vibrar na Rua do Fogo. Mas não imaginei que fosse encontrar, sem exagero, umas 20 pessoas que também estavam acompanhando, como se familiares fossem, e vibraram comigo fazendo uma festa na rua. Isto demonstra como era a familiaridade dos vizinhos. Hoje, moro há mais de 10 anos num prédio em Salvador e não sei quem é o meu vizinho de um lado nem de outro. Então, naquela época, eles tinham em mim uma referência como um irmão, como um filho. Era assim que eles me tratavam, foi uma das minhas maiores alegrias.

Quando você veio para Salvador, já conhecia algumas pessoas na faculdade?

Entre em 1975 na UFBA e já comecei a trabalhar paralelamente na Rádio Sociedade da Bahia, depois na TV Aratu, Tribuna da Bahia e então fui para O Globo, para o Jornal do Brasil. Tive uma atuação paralela como estudante e como profissional, razão pela qual fiquei cinco anos e meio na universidade.

Qual foi o seu primeiro emprego?

Repórter da Rádio Sociedade. Trabalho muito duro. Acordava de madrugada, saía a pé para fazer cober-

tura nas unidades policiais da Praça da Piedade. Depois, pegava ônibus até a Praça da Sé e trabalhava na Delegacia de Tóxicos, no Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, [Delegacia de] Jogos e Costumes. Logo após, seguia de ônibus [para] pegar as notícias do Pronto Socorro, no bairro do Canela. Depois, outro ônibus para a rádio, na Federação. Levava umas 6, 7, 8 notícias para o jornal das 7 horas. Fernando Rocha era um rigoroso mestre, um rigoroso chefe, mas para mim foi bom, porque tudo que veio depois [na profissão] foi mais leve. Porque era um sacrifício quando eu chegava lá nesse horário e continuava trabalhando até meio-dia e tal. E para conciliar isso com o horário escolar? Havia atividades às vezes pela manhã, às vezes à tarde, mas essa foi uma boa experiência. Na escola, não era o melhor aluno. Sempre tinha uma boa prática do jornalismo, então me dava bem na escola, geralmente era aprovado em todas as disciplinas.

Uma rotina muito pesada, acabou saltando etapas.

Em 75, quando comecei, fazia reportagens nos mais diversos campos, saía de paletó e gravata para coletar as informações nas delegacias. Depois, ia entrevistar o governador, o presidente da Assembleia [Legislativa da Bahia], às vezes até um presidente da República. Isso foi muito interessante para mim, porque me deu não só uma agilidade, mas também uma diversidade no conhecimento, na prática. Então tive um salto, porque, quando me formei, já era repórter [da sucursal] d'O Globo. Depois fui chamado por Vitor Hugo Soares e Florivaldo Mattos para o Jornal do Brasil. De certa forma, foi esse o salto, mas muitos dos meus colegas faziam isso também. Pois bem, depois passei a ser chefe da sucursal do Jornal do Brasil. Isso foi em meados de 80. Em 90, saí do JB num episódio que teve a ver com uma pessoa que veio do Rio — da sede do Jornal do Brasil — para fazer um trabalho conosco na eleição. Ficou muito próximo de ACM. E terminou havendo uma decisão da direção do JB de que eu deveria sair da chefia da sucursal, diziam que tinha havido um certo pedido de ACM para que isso acontecesse.

Você teve vários embates com ACM.

Na realidade, ele tinha uma certa consideração comigo e, ao mesmo tempo, havia alguns confrontos ante minha atitude profissional. Ele não fazia perseguição, nada disso. Ele me recebia no Palácio [de On-



FOTO: CAIO VALENTE

Em 75, quando comecei, fazia reportagens nos mais diversos campos, saía de paletó e gravata para coletar as informações nas delegacias. Depois, ia entrevistar o governador, o presidente da Assembleia [Legislativa da Bahia], às vezes até um presidente da República.

dina], já jantei lá, inclusive com a família. Um episódio foi quando estava escrevendo uma especial na sucursal do JB e vestido com uma camiseta branca, simples, e Vitor Hugo me mandou ouvir ACM numa solenidade. “Mas, Vitor, não dá pra eu ir assim!”, eu disse. “Não, rapaz, não tem nada não”, ele respondeu. Quando cheguei, outros colegas do Estadão, da Folha e tal já estavam lá. E eu: “Governador, o que é que o senhor acha disso?”, perguntei. Ele saiu de mansinho, ia de um lado para outro. Eu voltei lá: “Governador...”, chamei. Foi passando um garçom, aí ele pegou um bolinho de bacalhau e pum! [Pôs o salgado] Na minha boca para eu parar de falar [risos]! Insisti, e ele: “Raimundo Lima, você só anda sujo com esse cabelo grande! Uma roupa dessa para entrevistar o governador? Você não está vendo que não pode ser isso...”. Eu não estava nada sujo, só com uma camiseta simples. Bom, pela primeira vez, o meu nome foi parar numa

manchete de seis colunas, na página do Estadão, relatando esse episódio.

Como você virou presidente do Sindicato dos Jornalistas?

Eu tinha 28 anos. Estimulado pelos mais velhos, que queriam uma renovação no sindicato, fizemos uma composição da diretoria que era multipartidária, tinha diversos segmentos, políticos ou não políticos. Escolhi o vice-presidente, nós dois escolhemos o secretário, os três escolheram [outros membros] e assim por diante. E isso terminou sendo uma unidade muito produtiva. O mais importante foi a capacidade que tivemos de mobilização da categoria. O Sindicato dos Jornalistas teve o maior número de encontros da categoria no Brasil, oito em apenas três anos e três congressos. Fizemos debates sobre centrais sindicais, sobre as posições políticas do jornalismo, sempre tudo muito democrático. Então, para mim, isso dá orgulho. O sindicato mandava semanalmente um boletim para a casa de todos os associados. Fazíamos um jornal periodicamente, tínhamos patrocínios de empresas. Com apoio do Cofic, o Comitê de Fomento da Indústria de Camaçari, fizemos premiações maravilhosas. Era o maior prêmio nacional em termos de valor [para reportagens veiculadas na mídia baiana].

Houve mobilização da categoria para que voltassem a pagar o sindicato.

Criamos vários métodos de pagamentos, demos isenções aos que estavam muito atrasados e tal. Tudo isso com aprovação da assembleia. Os eventos tinham muita participação porque íamos muito às redações de jornal e fizemos a maior greve da história do Brasil: 10 dias, em 1988. Dos quatro jornais, só saiu o A Tarde porque aceitou pagar o que havíamos pedido: 15% de reajuste na ocasião, percentual nada exagerado devido à inflação alta da época. Os demais estavam dando 6%. Não conseguimos conquistar tudo o que queríamos. Mas foi uma greve muito importante. Tivemos muitas conquistas do ponto de vista da melhoria das condições de trabalho. O piso salarial também foi aumentando gradativamente.

Ficou no sindicato até quando?

Minha gestão foi de 85 a 88. Quando, em 92, houve uma grande mobilização de líderes jornalistas que eram ligados a vários partidos, vieram me pedir que voltasse a ser candidato a presidente. Nessa época, eu era assessor da Câmara Municipal de Feira

de Santana e não tinha o desejo de assumir a presidência, mas terminei topando, sabendo que fizéramos uma reforma no estatuto para que o mandato passasse a ser de três para dois anos. E também para que houvesse dois vice-presidentes. Assim, coloquei a proposta de Vitor Hugo Soares ser o primeiro vice-presidente e Heloísa Sampaio, segunda. Eles ficariam mais na ativa, porque eu estava em Feira de Santana. Esse mandato para mim foi muito mais uma coordenação.

Você teve algum problema quando estava na presidência do sindicato?

Tivemos uma atuação junto a diversos órgãos, não apenas locais, mas também nacionais, para defender os profissionais de imprensa. O exemplo claro foi a agressão de ACM a Antônio Fraga [repórter da TV Itapocan], na eleição de 86, diante de uma pergunta que o incomodara. Fui para as televisões, enviei documentos ao ministro da Justiça — e olha que ACM era ministro das Comunicações nessa época. Quer dizer, fizemos um discurso que tinha de ser feito para defender a categoria e para inibir novas ações daquele tipo. Acho que isso funcionou.

Como foi sua passagem pela Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Salvador?

Em 1992, fui ser assessor da campanha de Lídice da Mata para a prefeitura e, em 93, assumi como subsecretário de Comunicação. Cuidava só da área jornalística. [Domingos] Leonelli era o responsável pela área comercial. Tínhamos 129 profissionais e fizemos uma reforma muito interessante e muito produtiva. Criamos setores como o de estatística, por exemplo. Esse setor passou a ter uma importância grande, porque fazíamos levantamentos que eram utilizados também como matéria jornalística. Vitor Hugo era o nosso diretor de jornalismo. Elieser [César] teve uma bela experiência também conosco e o resultado era sempre positivo, porque partíamos de dados concretos. O setor de rádio também foi bastante renovado. Tínhamos vários boletins diários, eu trabalhava às vezes até as 3 da manhã. Conseguimos aumentar muito a produtividade da Secretaria de Comunicação. Trabalhamos sempre com a busca da notícia de acordo com o interesse público. Essa mudança foi muito positiva, porque o governo de Lídice sofreu uma perseguição muito grande, principalmente da TV Bahia. Isso fez com que aumentássemos nossa produção jornalística. A forma como a gente fazia o jornalismo não era o jornalismo



FOTOS: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO

◀ Recebendo prêmio de reportagem ao lado de Heloísa Sampaio.

▼ Liderando assembleia da greve de dez dias dos jornalistas baianos.



◀ Com líderes da categoria para cobrar do governador Antonio Carlos Magalhães apuração do desaparecimento de jornalista no Sul da Bahia



de “ugo”, aquele que diz “u governador fez isso, u governador fez aquilo”. Buscávamos, sobretudo, fazer o jornalismo do benefício para a população. Com isso, [informávamos que] “uma escola será inaugurada amanhã para beneficiar não sei quantas centenas de moradores do bairro tal”. Essa era a forma como nós dávamos [a notícia] e não “o prefeito fulano de tal fez isso e isso e aquilo”.

Você fica durante todo o governo de Lídice da Mata?

Não, fiquei somente um ano, 93. Decidi sair quando Leonelli tirou uma secretária minha e não admiti. “No meu trabalho, eu é quem decido quem fica”, eu disse. Tenho o Leonelli como um grande amigo até hoje. Não houve rompimento profissional. Apenas não aceitei a imposição. Outro motivo é que eu ganhava muito pouco. Nunca participei de nenhum dinheiro por fora. Nessa ocasião, recebi uma proposta que, financeiramente, era muito interessante, para trabalhar na campanha do Jutahy Magalhães Júnior para governador.

Como foi seu retorno à Tribuna?

Depois da campanha de Jutahy em 94, fui chamado por [o superintendente] Walter Piniheiro para assumir a direção de redação da Tribuna. Após dois anos [em] que eu estava à frente da redação, a Tribuna estava muito mal, com atraso dos salários, e tive sempre

de interceder em favor dos trabalhadores. Então, num determinado momento, [o então proprietário da empresa] Joaci Góes decidiu que ia acabar com o jornal, porque não havia mais condições de sobrevivência. Eu me opus àquela decisão e quis ver todos os números do jornal. Tivemos reuniões com os dirigentes e chegamos à conclusão de que era possível manter o jornal. A alternativa seria criar uma espécie de cooperativa, porque, na realidade, o jornal, então, deixaria de existir como a editora e passaríamos a criar o site.

O fato de ser negro interferiu alguma vez ao longo da sua carreira?

Tenho clareza de que minha vida seria muito mais facilitada se eu fosse branco. Quando assumi a direção da redação da Tribuna, houve uma vez em que recebi um telefonema devido a uma matéria que havíamos publicado. A pessoa disse: “Seu negro, que não sei o quê, você vai ver o que vai acontecer com você”. Não me intimidei, disse que não ia mudar um milímetro do nosso posicionamento de fazer matérias de acordo com o interesse da população. Lembro que um colega nosso, o José Fernandes, que é negro como eu, disse: “Raimundo Lima, você é o negro que subiu na vida”, quando assumi um cargo de direção do jornal na época. Então, existem algumas situações em que a cor influencia muito. E, principalmente,

depois que logrei a posição de empresário, de líder empresarial. Mas procuro sempre atuar desconhecendo a discriminação racial. Evidentemente que, se alguém me fere de alguma forma e se há alguma ameaça, qualquer coisa desse tipo, ajo com a firmeza com a qual acho que o negro tem de agir. Quer dizer, atuo permanentemente como um ser humano. E é sem preocupação com a diferença racial. Buscamos sempre trabalhar para que haja a igualdade racial nas nossas ações, mas não faço disso um motivo de vitimização, não.

Passou quanto tempo na Tribuna?

De 95 até o início do ano 2000. Foi muito importante para mim, pela experiência de superar adversidades. Naquele período, nós tivemos algumas inovações. Colocamos foto colorida na primeira página, que era um sacrifício enorme para fazer. É preciso entender que era o jornal mais fraco financeiramente, mas nós fomos o primeiro [veículo] a ter jornal digital na Bahia. Nós fizemos o jornal para publicar na internet. Nem A Tarde, nem o Correio da Bahia, nem o Jornal da Bahia, ninguém havia feito. Montamos uma equipe que trabalhava no próprio jornal, não foi preciso contratar mais gente, contratamos só um técnico que auxiliava. A Tribuna dava muito furo por causa da nossa dedicação, do nosso empenho, da nossa criatividade.

Como foi a sua saída da Tribuna?

Já era professor na UFBA e da Universidade Estadual do Sudoeste e saí da Tribuna. Primeiro, porque não recebia quase nada e depois recebi um convite para ensinar em mais uma universidade aqui em Salvador e mais três faculdades de Comunicação lá [Vitória da Conquista], mas fui para Angola.

E o jornalismo de hoje?

O jornal impresso deixou de vender. Hoje o jornal é mais lido digitalmente. O grande problema é o malefício que as redes sociais — a internet de modo geral — causou ao jornalismo, porque hoje qualquer pessoa que não tem a mínima formação e, sobretudo, nenhum escrúpulo nem noção da ética jornalística termina fazendo aquilo que é o papel do jornalista. E as pessoas não sabem distinguir o joio do trigo. Agora, acredito que o bom jornalismo continua sendo o caminho para quem quer ter uma qualidade da informação. O bom jornalismo muitas vezes não ultrapassa o mau jornalismo em termos de audiência. Então termi-



◀ *Empresa de Lima participou do programa de retiradas de minas da guerra de Angola.*



▲ *Com as crianças angolanas.*

◀ *Participando da distribuição de alimentos para os deslocados de guerra em Viana, Angola.*

namos vendo, entre aspas, o mal vencendo o bem. No nosso tempo, era preciso que o jornalista tivesse formação universitária específica, com a qual ele, além de aprender a escrever corretamente, tinha de ter ética profissional. Sempre disse aos meus alunos e aos profissionais que trabalhavam comigo que a gente deveria sempre ouvir os dois lados da notícia. É preciso que façamos um jornalismo que busque levar a verdade para a sociedade e a sociedade decidir, com consciência, os seus destinos a partir da informação verdadeira que ela recebe. Essa é uma responsabilidade social do jornalista. Entretanto, temos visto que há um desrespeito completo a esse pressuposto de que o jornalismo deve ser fruto de uma apuração profunda, ouvir os vários lados envolvidos.

A manipulação da notícia existe: dos com e sem diploma.

Historicamente, sempre houve bons e maus jornalistas. Mas havia um processo, digamos, de seleção, de triagem. A inexistência da exigência do diploma faz com que qualquer um possa ser jornalista. E isso

faz também com que muitos jornalistas se vendam mais. Como a concorrência é muito maior, muitos jornalistas aceitam emprego por qualquer valor e, muitas vezes, aceitam emprego e se submetem muito mais aos interesses dos donos das empresas, porque a concorrência é muito grande. Enquanto antes, como a limitação era maior, se dizia: “Não, eu não aceito fazer isso”, e o patrão não demitia. Hoje, não. Se você não faz o que ele quer, é demitido. Portanto, estou dizendo que existem bons e maus jornalistas, mas que hoje existe muita gente que não tem nenhum compromisso social nem ético, entendeu?

Você fala muito em trabalhar, trabalhar. Mas você tem um lado boêmio! Como é o cruzamento dessas duas coisas?

Adoro música. Para mim, era muito prazeroso bater papo, tomar uma cervejinha, comer um tira-gosto. Gostava de reunir os amigos e fazer samba, uns batuques. Tive a oportunidade de conhecer música desde cedo. Com 7 anos de idade, meu tio, Antônio Moreira, era cantor e me convidou uma vez para fa-

zer o *backing vocal* com ele, que me levava para os shows. De todas as facetas que tenho, como profissional de comunicação, líder dos jornalistas, músico, artista, como líder empresarial, aquela com a qual mais eu me identifico é a de jornalista. Mas, em relação à música, procuro fazer com o maior profissionalismo possível. Não é à toa que o [grupo vocal estadunidense] *The Platters* me chamou para fazer um show com eles, ano passado, em Salvador. Fazer uma gravação como “O Sonho”, com Gilberto Gil, não há dinheiro que pague. Gravei com Felipe Miquenga, uma espécie de Milton Nascimento na África, gravei com o ministro da Cultura de Angola, o Filipe Zau. Já gravei quatro músicas em línguas nacionais de Angola. Tudo isso me dá um prazer muito grande e até supera as minhas expectativas. Só gravei a partir dos meus 62 anos. De lá para cá, cada evento que tem a ver com a música é muito gratificante para mim. Tenho quatro discos gravados, ganhei um prêmio de Melhor Álbum de 2022 do *El Cabong*, que faz uma consulta popular. Entre 270 discos, o meu “Eclético” foi escolhido como o melhor daqui da Bahia.

Como foi o convite para ir para Angola?

Fui chamado pela Agência Link para coordenar, tecnicamente, a reforma do Jornal

de Angola. Aquilo era um elefante branco. Tinha quase 800 profissionais e o jornal saía com a mesma quantidade de páginas da Tribuna da Bahia, com um quadro de 90 empregados. Cheguei dia 14 de fevereiro de 2000, e, em junho, já estávamos com o novo jornal sendo lançado. Colorido, o que não existia antes. Um jornal com a quantidade de páginas muito maior e com uma inovação completa, porque mudamos as editorias. A receita do sucesso foi a mesma que usei, por exemplo, na Prefeitura de Salvador. É o diálogo com os profissionais e o envolvimento deles no projeto. O Jornal de Angola passou a ter editorias, por exemplo, o que não tinha. Os assuntos que eles diziam ser negativos para o país não podiam sair no jornal. Passei a fazer uma reunião diária de edição com todos os editores. Definíamos conjuntamente qual seria a manchete da página, a manchete do jornal. Havia coisas inimagináveis: não se podia noticiar que ia faltar água na cidade. Eu disse: “Meu amigo, você não pode deixar de informar que vai faltar água, porque você vai prejudicar a população”. Então, essa discussão foi longa, até que aprovamos e colocamos como manchete de jornal.

Isso era característica do povo ou era uma exigência do governo?

Era um comportamento histórico dos profissionais de comunicação, que seguiam as orientações do governo de uma maneira muito religiosa. Fui mostrando que, se o jornal passasse a publicar notícias mais de acordo com o interesse público, ele seria mais lido. Consequentemente, o governo ia ter mais notícias dele lidas pelo povo. Logo, isso daria mais governabilidade.

Só havia um jornal?

Não. Além do diário, que era do governo, havia vários jornais que saíam geralmente sexta e sábado e eram de oposição.

E a matéria sobre Jonas Savimbi?

Savimbi, o líder da Unita, ficava no mato com as suas tropas [contrárias ao governo]. Savimbi não saía no jornal. Um dia, ele deu entrevista na rádio Voz da América. Gravei, peguei os principais pontos e resolvi propor à direção do jornal que publicássemos duas páginas com ele e o que o governo falava. O diretor do jornal travou uma luta, ligando para o governo. Mas conseguimos aprovar. Resolvi escrever essa matéria. Conseguimos fazer o jornal sair só lá pelas 9 da manhã. E o que recebíamos era muita ligação perguntando: “Já fechou o jornal!?” Gente dos jornais da oposição ligando para os nossos colegas jornalistas e tal. Uma atitude de

► *Ao lado da placa de inauguração da Câmara de Comércio Angola-Brasil, presidida por Lima. Reunião com editores e diretores do Jornal de Angola. Momento de descontração com colegas.*



Historicamente, sempre houve bons e maus jornalistas. Mas havia um processo, digamos, de seleção, de triagem. A inexistência da exigência do diploma faz com que qualquer um possa ser jornalista.



muita coragem minha, mas acho que era necessário, porque você não muda as coisas se as fizer sempre do mesmo jeito. Não estou aqui para mudar? Não é para transformar o jornal num veículo que seja realmente útil para a sociedade? Tivemos uma ótima repercussão. O porta-voz da Presidência da República concedeu uma audiência a um grupo internacional de acompanhamento de censura que foi lá parabenizar, coisa que ele nunca tinha recebido na vida. Parabenizar pelo governo ter aberto, através do seu jornal, a possibilidade de Savimbi ocupar duas páginas do noticiário.



Eu saio de Angola, mas Angola não sai de mim.

Quanto tempo você ficou lá?

Fiquei, à frente do jornal, acho que dois anos, fiz também a reforma do Jornal dos Desportos, que ninguém valorizava. Em paralelo, fiz um trabalho de melhoria salarial para os jornalistas junto ao ministro das Finanças. Quando cheguei, havia jornalista que ganhava US\$ 15 por mês. Quando eu saí, ninguém ganhava menos de US\$ 300. Então, foi muito positivo, porque isso passou não apenas para o Jornal de Angola, mas foi um projeto que eu mandei - quase ninguém sabe disso lá - também para a rádio do jornal, a TV e a agência de notícias; todos se beneficiaram. Por exemplo, um editor-chefe, o diretor de redação, ganhava US\$ 200 por mês. Com essa reforma, ele passou a ganhar US\$ 2 mil. Por causa do processo socialista lá, do comunismo histórico, os chefes todos ganhavam o mesmo salário. Então o chefe de redação ganhava o mesmo salário do chefe da limpeza, do chefe do arquivo, todos ganhavam o mesmo salário: US\$ 200.

E a carreira empresarial?

Montei uma empresa chamada ELO Comunicação, que trabalhava com clipagem multimídia, uma coisa nova lá. Inovei também com isso e fornecemos informações sobre o país, não apenas sobre o governo. Depois, com a Ímpar Comunicação, fiz *media training*, para ministros. O da Educação gostou muito e nos tornamos amigos. Ele mostrou que havia um programa de alfabetização e gostaria que tivesse a participação de consultores brasileiros. Então, montei uma empresa com esse objetivo para tocar o PAE - Programa de Alfabetização e Aceleração Escolar -, que alfabetizou milhares de pessoas com um método a partir da linha de Paulo Freire. Para se ter noção, uma pessoa era alfabetizada em três, no máximo quatro meses, com esse sistema. Deu-me um prazer enorme ver o resultado desse trabalho,

porque o índice de analfabetismo lá, que era de 70%, caiu bastante. Hoje, acho que está em torno de menos de 30%. Claro que esse foi apenas um dos elementos propulsores da alfabetização.

E aí, com essa experiência, acabou ampliando e chegou a criar o Grupo Aldeia.

Formei o Grupo Aldeia, um grupo empresarial que atuava na educação. Atuou na criação de outras empresas em áreas como na própria comunicação, como na publicidade, em que nós não tínhamos antes participação. Criamos a fundação Kianda, que é uma empresa de responsabilidade social, um investimento na sociedade. E isso fez com que tivéssemos, na época, cerca de dez empresas, umas dando prejuízo mais do que outras. Mas foi gratificante por estarmos atuando até mesmo na área agrícola e tal. Tivemos atuação na área da desminagem, que é tirar minas explosivas, havia muitas lá, ceifavam muitas vidas, deixavam muita gente amputada.

O resquício da guerra?

Tínhamos, então, um sistema - através da RLZ Desminagem - que fazia a detecção das minas explosivas e, com os equipamentos apropriados, as tirava para evitar que matassem mais pessoas.

Como você se tornou um líder empresarial lá?

Em 2023, fui eleito presidente da Aebran -

Associação dos Empresários e Executivos Brasileiros em Angola -, que existe há 20 anos. Depois disso, criamos a Câmara do Comércio Angola-Brasil (CCAB), formada por empresários angolanos e brasileiros, e eles me elegeram também presidente. Lutei muito, sinceramente, para não ser presidente das duas entidades, porque é uma loucura, um acúmulo de funções. Mas terminei sendo eleito e tivemos a honra de, no dia 25 de agosto de 2023, ter sido descerrada a placa da nossa Câmara de Comércio pelos dois presidentes da República: Lula, que foi a Angola, e o presidente João Lourenço.

Você é reconhecido como um dos brasileiros que mais promoveram a aproximação da Bahia, do Brasil com Angola, sendo bisneto de um escravo. Quereria que você arrematasse essas coisas todas.

Uma pessoa que é bisneto de um homem escravizado em África, que tem a oportunidade de voltar para a terra de seus ancestrais e de ajudar de várias formas a população de Angola e de outros países, isso não há dinheiro que pague. É a possibilidade de você retribuir a essa terra que é, na realidade, o local do nascimento da humanidade. Para mim, é sempre prazeroso estar nesse convívio com os angolanos, com os africanos de um modo geral, promovendo essa maior integração.

Finalmente, qual é a sua casa: Feira de Santana, Salvador ou Angola?

Hoje vou muito pouco a Feira de Santana, porque meus pais faleceram. Só tenho mais um irmão lá e sobrinhos. Minha casa é entre Salvador e Luanda. Sou residente legalmente em Angola e temos, portanto, uma ponte aérea entre Salvador e Luanda. Mas agora, em função das duas instituições, a Câmara do Comércio e a Aebran, a atividade é muito intensa, termino passando em média nove meses em Angola e só três no Brasil, onde eu fico entre Guarajuba, que é a nossa casa de praia, e Ondina, a casa em Salvador. Tenho um amor muito grande por Angola. Muitos dizem que eu sou mais um "mangolé dos brazucas" - mangolé é o autêntico angolano brazuco ou brasileiro que mora no exterior. Então, logo no primeiro ano, o meu aniversário contou com mais de uma centena de angolanos, numa festa maravilhosa. Foi nessa ocasião que eles me deram uma placa [com a frase] "O mais mangolé dos brazucas"; portanto, para mim, é sempre marcante dizer o seguinte: eu saio de Angola, mas Angola não sai de mim. ■

Aliando crescimento econômico e desenvolvimento social, Vitória da Conquista foi eleita por dois respeitáveis institutos nacionais como a melhor cidade do estado para se viver. Esse é o resultado do trabalho de uma gestão séria, transparente e que sabe que cuidar da cidade é, antes de tudo, cuidar das pessoas que vivem nela.

- MELHOR CIDADE PARA VIVER NA BAHIA - IDGM
- MELHOR CIDADE DA BAHIA PELO ÍNDICE DE PROGRESSO SOCIAL (IPS)
- CONQUISTA DO SELO UNICEF PELA 3ª VEZ CONSECUTIVA
- SELO MIGRACIDADES 2024
- PRÊMIO GESTÃO INOVADORA NA EDUCAÇÃO 2024
- PRÊMIO BANDO CIDADES EXCELENTES: 1º LUGAR DO ESTADO EM EDUCAÇÃO
- SELO OURO EM TRANSPARÊNCIA NAS CONTAS PÚBLICAS
- PRÊMIO SANTA DULCE DOS POBRES POR PROJETOS INOVADORES NA SAÚDE
- PRÊMIO CNI: 1º LUGAR NACIONAL PARA O COMPLEXO DE ESCUTA PROTEGIDA
- 1º LUGAR NA BAHIA E DESTAQUE NACIONAL NO PRÊMIO SEBRAE PREFEITURA EMPREENDEDORA
- 3º LUGAR NACIONAL NO CONCURSO DE BOAS PRÁTICAS CORRECIONAIS - CGU
- ÚNICA GESTÃO DO NORDESTE PREMIADA NO FÓRUM INTERNACIONAL DOS MUNICÍPIOS BRICS (IMBRICS FÓRUM)
- DESTAQUE NACIONAL EM MOBILIDADE URBANA NO ENCONTRO DA FNP



ELAS

por *Elas*

Como sugere antiga canção, são duas as faces de Eva: a bela e a fera. Múltipla por natureza, a mulher se desdobra em incontáveis versões. Sons e silêncios. Calma e turbulência. Cor e escuridão. Luz e sombra. Sagrado e profano. Uma perene dualidade a alimentar a essência do “bicho esquisito” que inspira, cria, luta, desafia e não foge à luta.

O ensaio fotográfico “Elas por Elas” nasce da necessidade de desnudar o feminino por meio de uma abordagem feminina. Mulher fotografando mulher. Convidamos você a nos acompanhar nesta viagem. Siga-nos sem medo. As timoneiras, seis experientes fotojornalistas, carimbam nosso passaporte. O prazer é nosso. O presente é seu.

A viagem começa com Carol Garcia. Ela mergulha nas tradições culturais do Recôncavo Baiano e flagra a entrada das mulheres na Chegança (ou Marujada), folguedo de origem portuguesa trazido ao Brasil pelos colonizadores lusitanos. Até recentemente, apenas homens podiam participar dessa manifestação. Com jeitinho e sabedoria, a mulher conquistou espaço e chegou lá.

Nossa próxima parada se detém na religiosidade de matriz africana. E é Lúcia Correia Lima — pioneira do fotojornalismo baiano entre mulheres — quem nos encanta com *flashes* de rituais conduzidos por sacerdotisas do culto afro-brasileiro. Num raro registro, Mãe Stella de Oxóssi reina soberana entre algumas das filhas de santo que criou em seus mais de 40



FOTO: MATHIEUS PEREIRA

Carol Garcia



FOTO: JUREMA ARAÚJO

Lucia Correia Lima



FOTO: ALAN ABREU

Marina Silva



FOTO: ANA LÚCIA ALBUQUERQUE

Paula Fróes



FOTO: BRUNO VINÍCIUS

Shirley Stölze



FOTO: SORA MAIA

Sora Maia

anos à frente do Ilê Axé Opô Afonjá.

Neste trecho da viagem, nos defrontamos com um mistério. Realidade ou fantasia? Dona de uma sensibilidade aguçada, Marina Silva nos brinda com detalhes do corpo feminino, que instigam a imaginação. É isso ou aquilo? Travessa, ela brinca com as formas, ângulos e cores (P&B). Mostra e esconde as sutilezas, a sensualidade (re)velada do feminino.

Seguimos em frente. É hora do corpo a corpo. No planeta futebol, as estrelas têm nome de mulher — Debinha, Jheniffer, Marta. E confirmam: estamos onde queremos estar. Em campo, na torcida ou por trás da câmera. Fera nos cliques, Paula Fróes traz momentos do amistoso Brasil 4x0 Jamaica na Arena Fonte Nova. Um espetáculo.

Na estação Shirley Stölze, há um pouco de tudo. Num quadro, o banho de cheiro na Lavagem do Bonfim; no outro, a vida que a ciência nos permite usufruir por meio da vacina. Num instante, a fé em Santa Bárbara, padroeira dos bombeiros; no outro, o grito de alerta “mulheres contra o fascismo” a mostrar que ainda estamos aqui.

Nossa viagem chega ao fim. Mas poderia estar apenas começando. Pelas mãos — ou seria pelos olhos? — sensíveis de Sora Maia, pedimos licença para entrar. E nos sentimos em casa. Podemos puxar uma prosa, tomar um cafezinho e celebrar a beleza de ser mulher, inteira, dona de tudo. Não só da casa, da mesa ou da cozinha, mas da nossa própria história.

Jaciara Santos



Carol Garcia

Graduada pela Facom/UFBA, com especialização em Artes Visuais (Senac) e mestrado em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (Uneb). Professora substituta de Fotografia na Facom e docente nas Faculdades Jorge Amado, foi fotorepórter por 13 anos em órgãos públicos baianos. Documentou artistas do graffiti em Salvador, pesquisa de 15 anos que deu origem ao livro *Graffiti Salvador*, (Pinaúna Editora, 2014) em coautoria com a antropóloga Bárbara Falcón. Em 2017, a convite da Fundação Pierre Verger, a expôs "Graffiti Salvador - Olhares Cruzados no Rastro da Tinta", no Forte Santa Maria.



Lucia Correia Lima

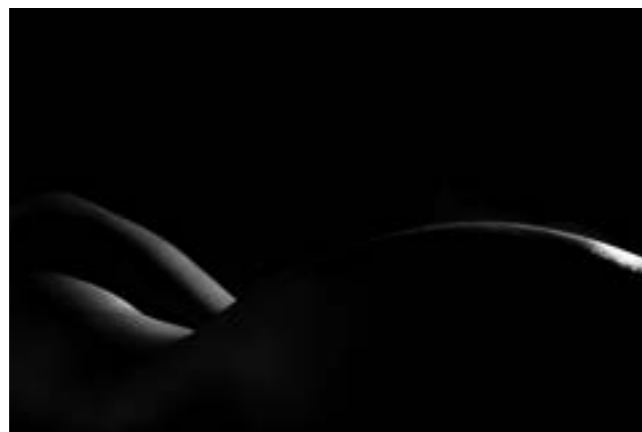
Pioneira do fotojornalismo baiano entre mulheres, Lucia Correia Lima nasceu em Salvador mas foi adolescente para SP, acompanhado seus pais, militantes humanistas. Através de colegas do movimento estudantil secundarista, trabalhou na revista REALIDADE, da Editora Abril. Conviveu e trabalhou com a vanguarda da imprensa do sul do Brasil, quando também em equipe recebeu o prêmio Esso de Contribuição à Imprensa, com a revista O Bondinho. Fez exposições em Salvador, São Paulo e Paris e dirigiu o documentário "Mandiga em Manhattan", sobre os grandes mestres da capoeira.





Marina Silva

Baiana de nascença e de coração. Formada em Jornalismo pela Facom/UFBA, atua como fotógrafa desde 2006, quando lançou a exposição individual *Corpo Revelado*. Em 16 anos de fotojornalismo, teve trabalhos premiados no Brasil e no exterior, como o *Best of Newspaper Design*, da *Society for News Design (SND)*, o *Prêmio OAB-BA de Jornalismo* e, o mais recente, *Prêmio Sebrae de Jornalismo 2024*. Durante sua lida diária como repórter fotográfica, Marina clica olhares, emoções e a cultura do povo baiano, sempre em busca de um jeitinho diferente de enxergar as pessoas e o mundo.



Paula Fróes

Fotojornalista, formada pela Unijorge. Iniciou em 2009, na *Sec. de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza da Bahia*, registrando quilombos, assentamentos e comunidades indígenas. Entre 2013 e 2017, trabalhou no *Correio Brasileiro*, *Jornal de Brasília* e *METRO Internacional*. Em 2015, produziu uma galeria para a *BBC Brasil* sobre o maior lixão da América Latina. Em 2017, venceu o concurso nacional "Olhares Inspiradores", da Canon. De 2017 a 2021, integrou a equipe de foto da *Secom-BA* e, entre 2021 e 2025, atuou no *Jornal Correio**. Seu compromisso: dar visibilidade a histórias que precisam ser contadas.



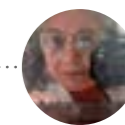


Shirley Stölze

Se destaca na cena da fotografia baiana, dentro e fora das tradicionais redações de jornais impressos. Acumula larga experiência em fotojornalismo, tendo trabalhado em quase todos os jornais de Salvador, sua cidade natal. Seu encanto pelo homem, pela vida, e pelo instante resultam nesse olhar delicado e cortante, ao mesmo tempo furtivo e artístico. Um olhar atual, um olhar novo e um olhar único sobre tudo que se passa ao seu redor. Participou de dezenas de exposições individuais e coletivas pelo Brasil e hoje integra a equipe do jornal A Tarde.



Sora Maia



Jornalista formada pela Facom/UFBA, escolheu a fotorreportagem desde o início da carreira, trabalhando nas redações do extinto Bahia Hoje e Correio, onde atuou por 7 anos como editora de Fotografia. Trabalhou no Theatro XVIII e para diversas outras produções teatrais, musicais e cinematográficas. Depois de muitos cursos de cinema e fotografia, voltou à UFBA para o Bacharelado Interdisciplinar de Artes com concentração em Cinema. Atualmente coordena o Canal de Youtube do Correio*.





Augusto Correia Lima
Paraibano de nascimento, soteropolitano por adoção, com título concedido pela Câmara Municipal de Salvador. Graduado em Comunicação Social, IESP-PB, pós graduado em Gestão - USP-FIA, é diretor regional Band Norte/Nordeste e presidente do Seterb - Sindicato das Emissoras de Rádio e TV da Bahia.

A violência contra a imprensa na era das *fake news*

Nos últimos anos, a disseminação de notícias falsas tornou-se uma ameaça real à democracia e ao jornalismo profissional. A desinformação não apenas distorce os fatos, mas também incentiva ataques contra a imprensa séria, que se vê constantemente submetida a tentativas de descredibilização, além de violência física e institucional.

Segundo dados divulgados no ano passado pela Agência Brasil, quase 90% da população brasileira admite ter acreditado em conteúdos falsos. Segundo o levantamento do Instituto Locomotiva, oito em cada dez brasileiros já deu credibilidade a *fake news*. Mesmo assim, 62% confiam na própria capacidade de diferenciar informações falsas e verdadeiras em um conteúdo.

Esse "achismo" tem contribuído para os ataques à imprensa.

O relatório da Federação Internacional de Jornalistas, em 2024, registrou que 104 trabalhadores de mídia foram assassinados em todo o mundo por diversos motivos.

As *fake news* são frequentemente utilizadas como armas políticas para enfraquecer veículos que denunciam abusos de poder, corrupção e violação de direitos humanos. Esse fenômeno é potencializado pelas redes sociais, onde informações falsas se espalham rapidamente, através de reportagens baseadas em fatos irreais.

Exemplo disso ocorre quando jornalistas investigam temas sensíveis e, como resposta, são alvos de campanhas de difamação. A estratégia consiste em fabricar narrativas falsas para questionar a credibilidade do repórter ou do veículo, tornando-os inimigos públicos perante determinados grupos. Em manifestações e eventos políticos, há relatos de profissionais sendo hostilizados e agredidos por manifestantes que acreditam em notícias falsas que os rotulam como inimigos do povo.

Em diversos países, jornalistas são processados injustamente ou sofrem ameaças e assédio *online*, além de censura oficial com base em alegações infundadas, muitas vezes impulsionadas por *fake news* disseminadas por figuras públicas e autoridades.

As grandes plataformas digitais desempenham um papel central nesse cenário. Embora tenham adotado medidas para combater a desinformação, muitas ainda falham em impedir a propagação de notícias falsas e a remoção desses materiais. Além disso, a monetização do conteúdo viralizado incentiva a produção e distribuição dessas notícias, enquanto reportagens baseadas em fatos reais, sem "espetacularização", lutam para alcançar o mesmo nível de engajamento.

Em manifestações e eventos políticos, há relatos de profissionais sendo hostilizados e agredidos por manifestantes que acreditam em notícias falsas que os rotulam como inimigos do povo.

As consequências das *fake news* não se limitam ao campo da informação. Elas podem ter repercussões graves na sociedade, como a polarização política, o aumento da desconfiança nas instituições e até mesmo a incitação à violência. Portanto, é fundamental que a imprensa se reforce na busca pela verdade e na ética jornalística, investindo em educação midiática que capacite o público a discernir entre informações verídicas e enganosas.

Em suma, as *fake news* constituem uma ameaça significativa à imprensa e à sociedade como um todo. A luta contra esse fenômeno requer um compromisso coletivo com a verdade, a transparência e a responsabilidade na comunicação. A imprensa, ao se adaptar a esse novo cenário, pode não apenas preservar sua relevância, mas também ajudar a construir uma sociedade mais informada e crítica.

O jornalismo sério é um dos pilares da democracia, e combater a desinformação deve ser um dever coletivo que exige engajamento da sociedade civil, empresas e governos. Sem um jornalismo livre e independente, a verdade se torna refém da manipulação e a democracia corre risco. ■



Marília Moreira
Jornalista, mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA, diretora do Instituto AzMina, uma organização sem fins lucrativos que desde 2015 se dedica à promoção da igualdade de gênero no Brasil, através de projetos de comunicação, tecnologia e educação. Em 2023, tornou-se uma liderança Rise Up no Brasil, e em 2024, passou a integrar a Vita Voices Network. Com uma década de experiência em jornalismo, colaborou em diversos veículos em Salvador: iBahia, Bahia Notícias, Correio.

O jornalismo tem o papel de, com base em casos episódicos, revelar a dimensão estrutural da violência contra a mulher no Brasil

Como diretora de uma organização feminista que lida com o enfrentamento à violência de gênero e como jornalista que atua em redações por mais de dez anos, frequentemente, sou questionada sobre o papel da imprensa no trato do fenômeno social da violência contra a mulher.

Quem vê telejornais, mesmo que de maneira esporádica, inevitavelmente irá se deparar com ao menos um caso de feminicídio ou de assédio e agressão contra a mulher sendo reportado. E, invariavelmente, também se questionará: a violência contra a mulher tem mesmo crescido ou apenas tem sido mais percebida e, por isso, há essa sensação de que está onipresente no noticiário?

Confesso que, sendo alguém que entende a violência de gênero como algo estruturante de nossa sociedade patriarcal e colonialista, tendo a me alinhar mais à hipótese de que esse horror a que temos assistido sempre esteve aí. O fato é que agora temos discutido mais, tipificado os diversos tipos de violência contra a mulher, descrito comportamentos associados a eles, e, portanto, temos a sensação de que essa violência aumentou.

Isso não quer dizer que os números não sejam, sim, alarmantes, nem que o número de registros/notificações não tenha mesmo crescido.

Pesquisa encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública revelou que mais de 21 milhões de brasileiras sofreram algum tipo de agressão nos últimos 12 meses, maior número da série histórica

da pesquisa iniciada em 2017. É válido lembrar que a própria tipificação de feminicídio, entendido como assassinato da mulher em âmbito doméstico e familiar, ou por menosprezo, ou discriminação à condição de gênero da vítima, só se tornou realidade em março de 2015, há exatos 10 anos.

Mas, mais que focar em números, ou mesmo noticiar casos atrás de casos, naturalizando o inadmissível de que a vida das mulheres nada vale, cabe à imprensa questionar e posicionar este como um problema estrutural, que atinge ainda mais mulheres negras e pobres, cujo enfrentamento diz respeito a toda a sociedade e, sobretudo, ao próprio Estado, que repetidamente tem colaborado para a perpetuação do feminicídio no Brasil.

No Instituto AzMina, dentro do projeto "Elas no Congresso", diariamente vemos o quanto nossos congressistas insistem em aprovar projetos de lei que modificam a Lei Maria da Penha e outros instrumentos de proteção às mulheres numa perspectiva punitivista, focada apenas em sanções ao agressor. Fato é que, a despeito de as leis ficarem mais rigorosas, as mulheres continuam sendo assassinadas. Ou seja, leis mais duras não nos protegem.

Além disso, de nada adianta todo dia aprovar uma lei nova, com perspectiva punitivista, se, na base, as instituições que recebem essas vítimas — e que deveriam ampará-las, protegê-las e aplicar a lei — ignoram as denúncias e relatos. É esse descaso que faz muitas delas acreditarem que não vale a pena denunciar, gerando assim outros problemas, a exemplo da subno-

tificação e da recusa em solicitar uma medida protetiva, instrumento cujo propósito, como o próprio nome revela, mais que prender o agressor, é garantir a proteção dessas mulheres, compreendendo que a violência de gênero também tem encontrado outras formas de se manifestar, inclusive facilitadas pelas tecnologias.

Essa sobreposição de tantas violências e vitimização também chega até nós, aqui no Instituto AzMina, através do PenhaS, um aplicativo gratuito de informação, acolhimento e suporte a vítimas de violência doméstica. São inúmeros relatos de mulheres de todo o Brasil, que provam o quanto informação de qualidade pode salvar vidas. Nossas reportagens mais acessadas nessa temática, inclusive, são aquelas que ensinam amigas a ajudar outras que estão passando por isso, além das que esclarecem dúvidas sobre acessos a direitos e serviços e que caracterizam cada tipo de violência.

O jornalismo diário tem o papel de, com base em casos episódicos, revelar a dimensão estrutural da violência contra a mulher no Brasil, evidenciando os contornos que fazem com que mulheres negras e pobres, residentes em regiões afastadas dos grandes centros urbanos, ainda sejam as maiores vítimas de feminicídio tanto por parte dos agressores — muitas vezes seus parceiros e ex-parceiros — quanto por parte do próprio Estado, que, ao não dar respostas efetivas aos sinais que vêm antes da morte de milhares de mulheres por ano no Brasil, também tem falhado em sua missão. ■



Branco Di Fátima

Doutor em Ciências da Comunicação pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE). Docente da Universidade da Beira Interior (UBI), é Investigador Integrado do LabCom UBI – Laboratório de Comunicação. É autor do livro-reportagem *Dias de Tormenta* (Geração Editorial, 2019) e coordenador das coletâneas *Online Hate Speech* (LabCom Books | Editorial Icesi, 2024) e *Hate Speech on Social Media* (EdiPUCE | LabCom Books, 2023).

Discurso de ódio contra jornalistas: Um desafio à democracia

A história da humanidade é marcada pelo uso de discursos de ódio como estratégia política. Povos de diferentes épocas, origens e culturas criaram narrativas violentas, fundamentadas em uma linguagem tóxica, com o intuito de desqualificar seus adversários políticos. Um fragmento do Papiro Harris, um dos documentos mais relevantes do Antigo Egito, escrito entre 1290 e 1279 a.C., revela atitudes hostis em relação aos inimigos. Os estrangeiros que se opunham ao poder faraônico, por exemplo, eram retratados como demônios e considerados uma ameaça à harmonia cósmica. Dessa forma, podiam ser aniquilados.

Isso demonstra que os discursos de ódio não são um fenômeno recente, embora hoje se apresentem mais visíveis e destrutivos. Tal visibilidade deve-se, em grande parte, à complexificação do ecossistema mediático, que tem moldado a própria natureza das narrativas violentas. Com o advento da Internet, dos *smartphones* e das plataformas de redes sociais, o discurso de ódio passou a ter características muito diversas. Essas tecnologias, em grande medida, criam espaços que reforcem crenças, identidades e valores, mesmo quando alicerçados em linguagem tóxica ou apelos ao genocídio.

Um dos primeiros desafios a ser enfrentado é justamente a estabilização do conceito de discurso de ódio. Embora esse seja um ponto de disputa intelectual em diversos países, marcado por grande subjetividade, as Nações Unidas definem o discurso de ódio como "toda forma de comunicação, seja verbal, escrita ou comportamental, que ataque ou utilize uma linguagem pejorativa ou discriminatória em relação a uma pessoa ou grupo com base na sua identidade".

Esses ataques geralmente têm como alvo a etnia, religião, orientação sexual, nacionalidade e gênero das vítimas, mas também podem envolver um componente ideológico como força motriz. A trilogia *Online Hate Speech*, publicada em acesso aberto pelas editoras LabCom Books e Editorial Icesi, revela esse universo complexo e seus impactos na desinformação.

Um grupo particularmente suscetível a ataques de ódio é o dos profissionais da imprensa, especialmente os jornalistas. Investidas *online*, alimentadas por uma narrativa violenta, comprometem a segurança dos jornalistas, bem como a de seus amigos e familiares. Contudo, o impacto dos discursos de ódio vai além do âmbito privado desses profissionais.

A democracia repousa na disponibilidade de informações diversificadas, confiáveis e objetivas sobre os fenômenos sociais. Cabe aos jornalistas e aos meios de comunicação o papel de curadoria, via notícias e reportagens, das informações que contribuirão para a formação da opinião pública. Quando os profissionais da imprensa se tornam alvos de intimidações, o valor da informação é comprometido, podendo levar a escolhas mal fundamentadas. Estudos recentes apontam que as consequências desses ataques vão desde a autocensura por parte dos jornalistas até a erosão de sua credibilidade. Como resultado, a liberdade de imprensa fica ameaçada, gerando impactos negativos na qualidade do debate público.

A nível jurídico, os códigos penais de diversos países já reconhecem o crime de ódio como uma infração contra a dignidade humana. Contudo, o combate às narrativas violentas

vai além de uma mera questão legal. Quando questionados sobre seus atos agressivos, os odiadores frequentemente se defendem com o argumento de estarem apenas exercendo o direito de expressar suas opiniões. Dessa forma, os discursos de ódio desafiam a própria noção de liberdade. Atualmen-

Um dos primeiros desafios a ser enfrentado é justamente a estabilização do conceito de discurso de ódio. Embora esse seja um ponto de disputa intelectual em diversos países, marcado por grande subjetividade, as Nações Unidas definem o discurso de ódio como "toda forma de comunicação, seja verbal, escrita ou comportamental, que ataque ou utilize uma linguagem pejorativa ou discriminatória em relação a uma pessoa ou grupo com base na sua identidade"

te, há uma grande quantidade de grupos nas redes sociais dedicados principalmente a desacreditar a imprensa com linguagens tóxicas, sendo as mulheres jornalistas um alvo preferencial.

Diversos relatórios da Unesco, Repórteres Sem Fronteiras e da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) indicam que as jornalistas são especialmente atacadas ao cobrir temas tradicionalmente considerados masculinos, como campeonatos de futebol e campanhas eleitorais. Os ataques geralmente se concentram no aspecto físico e no corpo das jornalistas. O artigo intitulado *¿Cuándo molesta el poder de informar? Discursos de ódio contra mujeres periodistas*, do qual sou coautor, compila os dados dos estudos mais recentes sobre essa questão. De maneira geral, os ataques podem variar desde xingamentos nas plataformas de redes sociais até ameaças diretas de violência sexual. O uso de estereótipos também é bastante comum, como chamar a jornalista de louca, mentirosa ou comunista. O objetivo dos odiadores é de-

De maneira geral, os ataques podem variar desde xingamentos nas plataformas de redes sociais até ameaças diretas de violência sexual. O uso de estereótipos também é bastante comum, como chamar a jornalista de louca, mentirosa ou comunista. O objetivo dos odiadores é desacreditar o profissional de imprensa e, com isso, fazer prevalecer o seu ponto de vista.

sacreditar o profissional de imprensa e, com isso, fazer prevalecer o seu ponto de vista.

Diversos estudos também demonstram que os discursos de ódio podem causar sérios prejuízos à qualidade da informação disseminada ao público, bem como ao bem-estar dos jornalistas. Entre as principais consequências, destacam-se a autocensura devido ao medo dos ataques *online*, os impactos negativos na saúde mental dos profissionais, danos reputacionais à carreira, e a perda de credibilidade tanto do jornalista quanto do veículo de comunicação para o qual trabalha.

Além da vítima direta dessas narrativas violentas, a própria democracia enfrenta um desafio adicional. Se o papel do jornalismo é fornecer informações de qualidade que permitam uma tomada de decisão consciente por parte dos cidadãos, os ataques contra os profissionais da área minam justamente a essência do trabalho da imprensa. O objetivo dos agressores é alterar a balança de poder na sociedade, interferindo diretamente na função histórica do jornalista. ■

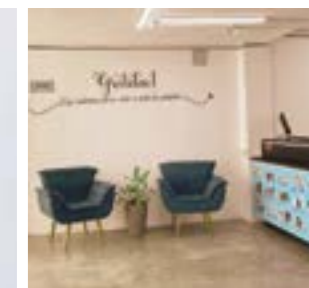


O compromisso e a qualidade que você conhece.

Mais de 15 anos no mercado gráfico baiano.

Soluções em comunicação

- Banners, placas
- Fachadas e letreiros
- Tapetes exclusivos
- Cartões, panfletos
- Crachás, carimbos
- Impressão digital
- Broches, bôtons
- Sublimação
- Brindes e materiais personalizados



Rua Professor Américo Simas,
33 - Nazaré Salvador (BA)

71 3321-4294

grafica.sanshy

sanshy.info@gmail.com





Paulo Almeida Filho
Especialista em Comunicação Comunitária, mestre em Gestão da Educação e Redes Sociais, consultor da Secretaria de Comunicação da Presidência da República.

Espetacularização da violência: o incentivo da imprensa hegemônica e a contranarrativa responsável das mídias independentes

O medo é entregue, cotidianamente, nas casas pelo *delivery* das empresas de comunicação, em diferentes horários, seja no café da manhã, seja no almoço, seja no jantar, causando uma indigestão nos telespectadores, mas agradando aos paladares de empresários e investidores da indústria do caos que buscam, incansavelmente, audiência e *likes*.

A banalização recorrente de notícias sobre violência fomenta a própria violência, mas a imprensa hegemônica desconsidera tratar o tema com o devido cuidado. A responsabilidade social do jornalismo é negligenciada e a abordagem escolhida causa o terror na população, perpetuando a violação dos direitos das vidas humanas e conta, inclusive, com a participação de profissionais que fazem parte de camadas (vulnerabilizadas) da sociedade que mais sofrem com tal desserviço. É um processo de espetacularização da violência produzido pela imprensa.

Embora seja esta a realidade pelo mundo, no Brasil se faz necessário delimitar o espaço geográfico para essa reflexão, apontando situações, analisando de que maneira Salvador vivencia a espetacularização da violência e de que maneira essa ação repetida diariamente na programação sensacionalista dos telejornais — somada à reprodução sem pudor nas mídias digitais e emissoras de rádio, entre outros instrumentos que fazem parte dos consórcios da comunicação que, em sua maioria, recebem incentivo financeiro público e privado desconsiderando os princípios básicos da função do jornalismo — contribui para a banalização dessa pauta tão relevante.

Nos programas soteropolitanos, a pauta sobre violência não se tornou um assunto apenas de denúncia jornalística, exigindo do exercício jornalístico a aplicação de regras e cautela na veiculação

da notícia. Em muitos casos, veicular episódios violentos tem repercussão nacional, vende-se muito mais servindo apenas ao mercado, afinal, amplia-se a violência cada vez mais quando se negligenciam os direitos, que vão além da segurança pública, pensada e discutida apenas por aqueles que estão nos gabinetes, dentro da bolha midiática e que fingem ser agentes de transformação.

Tais práticas enfatizam as diversas violações como a exposição indevida de pessoas e de famílias, desrespeito à presunção de inocência, violação do direito ao silêncio, tortura psicológica, tratamento desumano ou degradante, entre outras. Esses assuntos são debatidos não apenas entre comunicadores, responsáveis e preocupados com a função que exercem, mas também com especialistas que contribuem no Fórum Popular de Segurança Pública da Bahia. O Fórum é uma organização que visa articular debates e discutir políticas públicas com a população, em sua maioria oriunda das periferias, territórios mais afetados pela violência produzida e disseminada de fora e dentro desses lugares pelas empresas de comunicação que lucram com a pauta, sem dar a devida atenção ao problema que causam.

Diante desse cenário bélico e sangrento, que parece ser um deserto de esperança para se enxergar um jornalismo coerente, ético e responsável, surgem as mídias independentes, populares e periféricas construindo uma contranarrativa, não como miragem, mas se mostrando como um oásis, servindo de alento para a sociedade, principalmente para quem mora nas periferias e que se tornou o alvo da pontaria da imprensa hegemônica.

A blindagem que as mídias independentes estão construindo para que seus territórios sejam protegidos e, conseqüentemente, as pessoas não sejam atingidas pela comunicação letal, disparada por vá-

A blindagem que as mídias independentes estão construindo para que seus territórios sejam protegidos e, conseqüentemente, as pessoas não sejam atingidas pela comunicação letal, disparada por vários armamentos da mídia, está reverberando de maneira positiva e eficaz.

rios armamentos da mídia, está reverberando de maneira positiva e eficaz, haja vista que, em diversos casos de desinformação sobre episódios de violência que a imprensa hegemônica tenta incutir como iniciados na periferia, manifestos e notas de repúdio são veiculados pelas mídias comunitárias, incentivadas, inclusive, por moradores que se sentem ameaçados pelo formato como aparecem nas empresas de comunicação. Além disso, as mídias independentes produzem conteúdo que mostra como uma comunicação não violenta pode contribuir para que pautas tão sensíveis possam ser veiculadas de forma ética para valorizar as pessoas, prestando um serviço que atente aos preceitos jornalísticos e sociais.

Ao longo dos últimos 10 anos, várias iniciativas de mídias independentes que surgiram em diversos bairros de Salvador provocaram um movimento de alerta e de ação urgente para se contrapor às desinformações que, diariamente, foram e continuam sendo veiculadas criando um estereótipo violento desses territórios.

Para fortalecer ainda mais as iniciativas, foi criado um coletivo denominado Rede MIDICOM — Rede de Mídias Comunitárias de Salvador —, em que veículos comunitários de territórios que representam as duas camadas geográficas da cidade (Alta e Baixa) vêm construindo uma linha editorial e um manual que estimulam a população a não ser somente mera receptora das informações, mas também produtora de conteúdos, através de uma educação midiática.

Tal iniciativa foi acolhida e apoiada por instituições que são renomadas nacionalmente e têm relevância social em Salvador e na Bahia, proporcionando espaços que fortalecem o movimento com estrutura e amparo até na formação de seus representantes e respectivos comunicadores. A Rede MIDICOM conta com a chancela da Agência de Notícias das Favelas, da Escola Baiana de Comunicação, da Associação Bahiana de Imprensa e do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado da Bahia, para representar a comunicação comunitária em ambientes digitais e/ou físicos como este

informativo, que está constantemente fomentando temáticas que dão visibilidade aos veículos comunitários, repercutindo o trabalho árduo de seus comunicadores em busca de uma comunicação responsável.

Atualmente, essa Rede conta com representantes de diversas comunidades como o Bairro da Paz, Itapuã, São Cristóvão, Pau da Lima, Pernambuco, Sussuarana, Stella Maris, Engenho Velho de Brotas, Pirajá, Paripe, Cajazeiras, Castelo Branco, Mata Escura, Costa Azul, Nordeste de Amaralina, Valéria, Cabula e, embora crescendo, não se pauta na intenção de criar um duelo ou amplificar a distância entre a responsabilidade midiática da imprensa hegemônica e as mídias independentes, mas o objetivo é mostrar que pautas tão caras e sensíveis não são meras embalagens, transformando vidas humanas em produtos. Não é um vale-tudo em busca de audiência, a informação precisa ser recheada de conteúdo que provoque a visão crítica daqueles que esperam que o jornalismo cumpra seu papel social sendo um dos poderes dentro da sociedade. ■

www.abi-bahia.org.br

Jornalismo responsável.
Informações bem apuradas.
Sempre com as últimas tendências
da área da comunicação e conteúdo
de valor para a sociedade.

Encontre a ABI na rede!



@abi_bahia



@abi.bahia



ascom@abi-bahia.org.br



71 98791-7988

A história da imprensa na região cacaueira

Daniel Thame

Jornalista e escritor, autor do livro "Vassoura – do Apocalipse ao Gênesis da Região Cacauera"

"Aqui no Sul da Bahia você tem que ter dinheiro, poder ou ser dono de um jornal"

(Manoel Leal, à época sem poder e aparentemente sem dinheiro para os padrões Terra do Cacau, ao lançar o jornal A Região, em Itabuna, em 1987).

Terra de grandes escritores, como Jorge Amado, Adonias Filho, Jorge Medauar, Cyro de Mattos e Hélio Pólvora, a chamada "Civilização Cacauera do Sul da Bahia" se consolidou como um dos grandes polos de comunicação do sul do estado, principalmente o município de Itabuna, que durante décadas mantém uma saudável (às vezes, nem tanto) rivalidade com sua vizinha Ilhéus, de quem se emancipou em 1910.

A imensa riqueza gerada pelo cacau proporcionou o surgimento de uma rede de jornais e emissoras de rádio e televisão nas primeiras oito décadas do século passado, sem similar no interior do Nordeste de então. Mesmo depois do Centro Industrial de Aratu e da consolidação do Polo Petroquímico de Camaçari, a economia do cacau pesava muito mais no conjunto da economia baiana do que as centenas de milhares de sacas de amêndoas de cacau exportadas regularmente.

E isso se via na informação diária sobre a cotação do produto nas principais bolsas do mundo, nos jornais impressos da região e de Salvador, e também nos telejornais, numa fase em que só havia emissoras de televisão na capital baiana.

Com dinheiro brotando nas lavouras sombreadas pela Mata Atlântica, o cacau era o lastro para a exis-

tência robusta de bancos privados estaduais. E, claro, tanto poder econômico se espalhava pela imprensa local e regional, e, por óbvio, na política – também!

No auge do poder que emanava da região liderada política e economicamente pelas eternas rivais, Ilhéus e Itabuna, o sul baiano quis ficar independente. O projeto do então deputado federal constituinte e ex-prefeito de Itabuna, Fernando Gomes, quase passou. Liderança populista, Fernando "Cuma" tinha apoios entre produtores para a cruzada separatista.

Esbarrou num cacauicultor com "lugar de fala" privilegiado: o também jornalista Jorge Calmon, poderoso e influente diretor de redação do jornal A Tarde. De lá, Doutor Jorge, como era chamado por pessoas próximas, deflagrou a campanha "A Bahia não se divide", com adesão de lideranças da sociedade, do meio acadêmico e artistas.

A intentona separatista pode ser entendida como o paroxismo da autossuficiência do "Planeta Cacau" – termo criado pelo célebre jornalista grapiúna Eduardo Anunciação, para se referir à região. Poucos anos depois, na virada dos anos 1980 para a década seguinte, uma doença chamada "vassoura-de-bruxa" devastou o planeta de Anunciação.

No livro "Vassoura – do Apocalipse ao Gênesis da Região Cacauera", contei como um fungo transfor-

GOVERNO PRESENTE CUIDA DE GENTE

Na Bahia, cuidar de gente é prioridade. É por isso que o Governo do Estado está presente no dia a dia dos baianos, oferecendo apoio, segurança e mais qualidade de vida.

O Programa Bahia Sem Fome, que combate a insegurança alimentar, não para de trabalhar para que todo mundo tenha o essencial para viver com dignidade. A agricultura familiar, pilar da economia e cultura baiana, recebe suporte constante para alimentar nossas mesas com o que há de melhor. E é através do incentivo do Bolsa-Presença que é firmado o compromisso com a educação, para que cada criança e cada jovem baiano tenham as condições necessárias para construir o seu futuro.

É assim que a Bahia avança: com um Governo presente. Porque a nossa maior obra é cuidar de gente.

Conheça os programas que fazem a diferença



GOVERNO DO ESTADO
BAHIA
GOVERNO PRESENTE FUTURO PRA GENTE

mou ricos em pobres e pobres em miseráveis, jogou a economia regional na lona e, por extensão, impactou a área de comunicação.

Em seus tempos áureos, até o debacle da cacauicultura, a partir da “vassoura-de-bruxa”, em 1989, Itabuna chegou a ter duas emissoras de televisão, três de rádio AM, quatro de rádio FM, três jornais diários e dois semanais, todos operando em plena bonança e em condições idênticas ou às vezes superiores a veículos das capitais.

Mas, essa aventura jornalística começou bem antes...

A história da imprensa itabunense remonta ao início do século 20, com jornais de vida efêmera como O Itabuna, O Labor, Correio de Itabuna e o Almanaque Itabunense, que marcaram a emancipação da então Vila de Tabocas, desmembrada de Ilhéus, já com o nome de Itabuna.

A simbiose clássica entre jornalismo e política começou cedo. Em 1917, nasce o jornal A Época, fundado pelo produtor de cacau, advogado e liderança política Gileno Amado, nome que faz parte da histó-

Assim como os coronéis do sertão profundo, os barões do cacau (retratados nos romances amadianos e de outros escritores do sul da Bahia) tinham um pé na política e outro na imprensa. Cada um com um jornal para chamar de seu e detratar adversários.

ria da cidade. Um dos mais longevos periódicos da região circulou por mais de 40 anos.

Assim como os coronéis do sertão profundo, os barões do cacau (retratados nos romances amadianos e de outros escritores do sul da Bahia) tinham um pé na política e outro na imprensa. Cada um com um jornal para chamar de seu e detratar adversários. Mas, em um plano mais profissional, os produtores

▶ A simbiose clássica entre jornalismo e política começou cedo, fazendo surgir na região jornais como *Jornal de Itabuna* e *A Época*.



▲ O *Intransigente*, surgiu para apoiar politicamente o coronel Henrique Alves dos Reis, primeiro intendente da cidade.



◀ O *Diário de Itabuna* foi um dos mais longevos do município, assim como *A Região*, criado pelo empresário Manoel Leal nos anos 80, existente até os dias de hoje em versão digital.



▲ Manchete do jornal *Agora*, destaca candidatura de Waldir Pires ao governo baiano.



organizados na Cooperativa Central dos Cacaicultores Bahianos editaram um boletim impresso para defender os interesses do setor. Problemas como financiamento da produção junto aos bancos oficiais e a “reabilitação do cacau bahiano” eram tratados no que se poderia classificar como pioneiro entre os veículos da imprensa corporativa ou empresarial.

Outro jornal que resistiu por cerca de 30 anos foi O Intransigente, nascido para apoiar politicamente o coronel Henrique Alves dos Reis, primeiro intendente da cidade. Foi o precursor do colunismo social, que se tornaria uma força na imprensa regional nos anos 1960 e 1970.

Ao longo de décadas, Itabuna teve a circulação de jornais de vida breve, como A Voz de Itabuna, A Terra, Tribuna Regional, SB Informações e Negócios e outros.

Mas foi nos anos 1980, na contramão do clima da chamada década perdida da economia brasileira, que Itabuna viveu a sua era dourada na imprensa. Circulavam o *Diário de Itabuna* (outro campeão de longevidade, com 40 anos de circulação), a

Tribuna do Cacau, o *Diário do Cacau* e os semanários *Agora* e *A Região*, este dirigido por Manoel Leal e de estilo contundente e irônico, capaz de dar furos memoráveis como a revelação de fraudes no vestibular de Santa Cruz, a máfia das adoções de crianças grapiúnas para a Itália ou o golpe da clonagem dos cartões de crédito. A história do jornal de Manoel Leal foi marcada por polêmicas e também por uma tragédia: o assassinato de Leal numa noite de janeiro de 1997. Mais um crime em que os mandantes jamais foram incomodados, embora os executores tenham ido a júri e o Estado da Bahia condenado pela Corte Interamericana de Direitos Humanos a se retratar publicamente e indenizar a família pelo assassinato.

Pouca gente sabia e ninguém poderia prever, mas a fase de bonança, com os preços do cacau elevados à estratosfera, iria se converter em longa tempestade. A “vassoura-de-bruxa”, com sua crise que durou duas décadas e, em menor proporção, a expansão da internet e o surgimento de sites e blogs, foram implacáveis com a mídia

impresa regional.

Um a um, os jornais foram saindo de circulação e apenas *A Região* ainda existe, em versão digital, mas sem um átomo da influência de antes e com linha editorial francamente crítica aos partidos de esquerda e aos governos com esse matiz ideológico.

Nessa guinada da imprensa regional, *A Região* produziu mais uma história, digamos, amadiana. Por cerca de 30 anos, tanto na versão impressa como na digital, o jornal circulou com o logotipo em vermelho, por escolha do seu fundador, para dar destaque à marca – por acaso, a cor do PT, associada genericamente às organizações de esquerda. Até que Marcel Leal, filho de Manoel e herdeiro do jornal, decidiu que era hora de acabar com qualquer acaso. E, num certo dia, o logotipo do jornal amanheceu azul e azul permanece até hoje.

Fundado nos anos 2000 pelo jornalista Valdenor Ferreira, o *Diário do Sul* é um símbolo de resistência. Embora seja diário apenas na versão digital, o periódico circula em versão impressa às sextas-feiras, com tiragem modesta. Como reflexo, das oito

bancas de jornal que existiam no centro de Itabuna nos anos 1990, apenas duas continuavam abertas.

A ERA DO RÁDIO

A exemplo da mídia impressa, o cacau fez brotar emissoras de rádio de grande audiência regional. A história começa com a inauguração da Rádio Clube de Itabuna em 1956, uma pioneira com programação diversificada. Em 1982, chegou a integrar um pool de emissoras que cobriu a Copa do Mundo da Espanha.

Eram anos de pujança econômica, e à Rádio Clube seguiram-se à Rádio Difusora de Itabuna, em 1960, e a Rádio Jornal de Itabuna, em 1963. Para se ter uma ideia do poderio financeiro, todas transmitiam o Campeonato Brasileiro em vários estados e até jogos do Bahia na Libertadores, disputada pelo Esquadrão em 1990.

Inicialmente implantadas por empresários, as três emissoras acabaram em mãos de políticos: a Clube, com o ex-deputado Daniel Gomes; a Jornal, com o ex-prefeito José Oduque Teixeira; e a Difusora, com o ex-prefeito Fernando Gomes. Com a crise da “vassoura-de-bruxa”, a Clube (depois Nacional) saiu do ar, a Jornal funciona modestamente e a Difusora (ainda líder de audiência por conta da marca que criou) é tocada por uma espécie de “consórcio” de funcionários.

Itabuna também é pródiga em rádios FM. A pioneira foi a Musical FM, repassada à Igreja Universal e, por isso, convertida em Aleluia FM. Depois veio a Morena FM, um marco de inovação, nascida em 1987 e rapidamente adaptada ao sistema digital. A 102 FM Sul, faz parte da Rede Bahia, que atualmente tem ainda no dial a companhia da Boa FM, Interativa FM e da evangélica Proeves FM.

Enumerar os destaques dessas várias décadas de rádio seria campo fértil para se cometer injustiças.

Mas, nessa terra que inspirou Jorge Amado, onde nem sempre se pode delinear o que é lenda e o que é realidade, vale destacar a figura de Odilon Pinto. Combatente da ditadura, perseguido pelos militares, abrigou-se na Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac), instituição que nos tempos áureos do cacau tinha mais poder e recursos na região do que o governo baiano. De lá, se inspirou e produziu o programa “De fazenda em fazenda”, na Rádio Jornal. As cartas enviadas pelos ouvintes – o povo simples das roças de cacau com seus

Itabuna também é pródiga em rádios FM. A pioneira foi a Musical FM, repassada à Igreja Universal e, por isso, convertida em Aleluia FM. Depois veio a Morena FM, um marco de inovação, nascida em 1987 e rapidamente adaptada ao sistema digital. A 102 FM Sul, faz parte da Rede Bahia, que atualmente tem ainda no dial a companhia da Boa FM, Interativa FM e da evangélica Proeves FM.

dramas, angústias e alegrias – eram adaptadas e lidas por Odilon. Tornaram-se tão antológicas que foram publicadas posteriormente em livro.

TODAS AS CORES NO AR

A bruxa estava se aproximando, mas se sinais havia, com o preço do cacau nas alturas e o dinheiro correndo solto nas veredas do cacau, quem é que estaria lá preocupado com sinais de bruxas? E olha que, embora muitos não creiam, elas existem sim.

Pois naquele final dos anos 1980, Itabuna, a Capital do Cacau (como se referiam seus orgulhosos habitantes), com seus inúmeros jornais impressos, revistas comemorativas editadas pelos colonistas sociais com páginas e mais páginas de anúncios, emissoras de rádio AM e FM, veria nascer a “cereja do bolo”. Um bolo em que, de novo citemos Jorge Amado, poucos dividiam as melhores fatias e o povaréu ficava com as sobras.

No caso, não era uma, mas duas cerejas: emissoras de televisão com base em Itabuna e programação regional.

Primeiro a TV Cabralia, pioneira emissora regional do Norte-Nordeste. Em dezembro de 1987, todas as cores estavam no ar, anunciando a chegada de uma nova estação. Implantada pelo ex-deputado Luiz Viana Neto, que deixou a TV Aratu após uma (até hoje nebulosa) mudança da programação da Globo para a TV Bahia, do então todo-poderoso Antonio Carlos Magalhães. Uma ação entre amigos do Dr. Roberto Marinho com o cacique baiano, a TV Cabralia praticamente revolucionou o mercado, além de formar profissionais de comunicação que atuam em televisões da Bahia e do Brasil.

A Cabralia foi gestada por Nestor Amazonas, um peregrino que passou pela TV Sergipe, TV Aratu, depois TV Manchete,

Rede TV e Alpha TV. Aventurou-se pela tevê via internet e, hoje, curte as delícias de Aracaju sem tirar o coração de uma tevê, no caso, a TV Assembleia Legislativa. Visionário, ousado, Nestor pôs a emissora para funcionar praticamente com profissionais que só conheciam televisão assistindo em casa e em seis meses colocou no ar sete programas: três diários e quatro semanais.

Quando veio a “vassoura” e passou o rodo nos anunciantes, Luiz Viana, que já havia implantado sucursal em Vitória da Conquista, percebeu que era hora de pular do barco e em meados da década de 1990 repassou a TV Cabralia para a Igreja Universal do Reino de Deus. Hoje, a emissora mantém apenas um programa no ar: o Balanço Geral.

A segunda cereja do bolo foi a TV Santa Cruz, implantada pelo empresário Heleilson Chaves, um ano depois da Cabralia. A TV Santa Cruz logo passou a integrar a Rede Bahia e, ao longo dos anos, por conta de mudanças na própria Rede Bahia, a emissora itabunense foi ganhando mais espaço para a programação local. Atualmente, mantém dois programas locais, além de entradas frequentes nos telejornais estaduais.

Por linhas tortas, a crise do cacau proporcionou à TV Santa Cruz um de seus grandes momentos: em 2024, a emissora recebeu o Prêmio de Jornalismo do Banco do Nordeste com a série “Os avanços da cacauicultura no Sul da Bahia”, que mostra como novas tecnologias e técnicas de manejo, com foco na sustentabilidade, contribuem para ampliar a produção e proporcionar um novo ciclo econômico imune a “bruxarias”. ■

Fonte da pesquisa: “De Tabocas a Itabuna, 100 anos de Imprensa”, Ramiro Aquino, publicado em 1999.

QUE TAL VOLTAR PRA CASA?

Quem já fez parte da Associação Bahiana de Imprensa, e se afastou, tem boas razões para se recadastrar e voltar a fazer parte da mais tradicional e abrangente entidade da comunicação baiana:

01

Basta preencher o formulário de recadastramento. Isso pode ser feito numa visita à sede, ou através do nosso site.

02

Novo cadastro estruturado para garantir uma comunicação direta e eficiente com associados e associadas, que estarão sempre por dentro de tudo que estiver acontecendo na ABI.

03

Anistia parcial de débitos equivalentes ou superiores a 5 anos de contribuição mensal.

04

O processo de readmissão é rápido e resolvido diretamente pela Secretaria – para profissionais ativos e legalmente habilitados.

05

Dados cadastrais trabalhados dentro de uma política de privacidade claramente definida e rigorosamente dentro do que prescreve a LGPD.

06

Acesso prioritário para eventos culturais, técnico-profissionais e acadêmicos realizados pela ABI.

07

Em eventos realizados, co-realizados ou apoiados pela ABI, gratuidade ou condições especiais.

E o mais importante:

Quem é da ABI faz parte de uma entidade que guarda a memória da imprensa baiana e faz história há 92 anos, sempre na defesa da democracia e do livre exercício do jornalismo profissional.

Quer mais?

Associados e associadas efetivas recebem a versão impressa da revista MEMÓRIA DA IMPRENSA em casa e antes de todo mundo.



Associação Bahiana de Imprensa





ANUNCIE aqui



Associação
Bahiana de
Imprensa

Sob a inspiração dos antigos boletins impressos da ABI, e para contar a história da imprensa baiana, o Projeto MEMÓRIA DA IMPRENSA virou revista. O conteúdo principal são as entrevistas gravadas em 2 câmeras em 4K. Até esta edição a primeira seção de acervos digitais do Museu de Imprensa acumula cerca de 150 horas de boas conversas em 43 entrevistas. E serão mais 15, até setembro.

As gravações integrais destes depoimentos históricos e suas transcrições literais fazem parte dos acervos do Museu de Imprensa da ABI. Estão à disposição de pesquisadores, escritores e roteiristas.

O site oficial da ABI e sua extensão nas redes sociais, mais do que um veículo corporativo, se consolidam como referência de fonte para profissionais da comunicação baianos e também

de outros estados. Nós não somos os campeões de audiência na internet, mas somos lidos e dialogamos com quem é sucesso fazendo notícia nas mídias tradicionais e no digital.

Investir em nosso site, na revista MEMÓRIA DA IMPRENSA e em publicações como o Protocolo Antifeminicídio, é chegar chegando nas redações, agências de propaganda, faculdades de Comunicação e gabinetes dos 3 poderes.

É chegar ao lado de quem, há 94 anos, pra defender a democracia, faz história, valoriza o Centro Histórico de Salvador, preserva a nossa memória, produz e compartilha conhecimento e promove a cultura.

Mantenha esta chama acesa!

Anuncie aqui!

atendimento@abi-bahia.org.br